

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Francys Albrecht da Rosa

**PRÁTICAS TERAPÊUTICO-RELIGIOSAS NA SOCIEDADE
MIDIATIZADA: O DISPOSITIVO DO CUIDADO DE SI NA LEI DA
ATRAÇÃO NO YOUTUBE**

Santa Maria, RS

2020

Francys Albrecht da Rosa

**PRÁTICAS TERAPÊUTICO-RELIGIOSAS NA SOCIEDADE MUDIATIZADA: O
DISPOSITIVO DO CUIDADO DE SI NA LEI DA ATRAÇÃO NO YOUTUBE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa Mídia e Estratégias Comunicacionais, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Comunicação**.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^ª Aline Roes Dalmolin

Santa Maria, RS

2020

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

DA ROSA, FRANCYS ALBRECHT
PRÁTICAS TERAPÊUTICO- RELIGIOSAS NA SOCIEDADE
MIDIATIZADA: O DISPOSITIVO DO CUIDADO DE SI NA LEI DA
ATRAÇÃO NO YOUTUBE / FRANCYS ALBRECHT DA ROSA.- 2020.
150 p.; 30 cm

Orientadora: Aline Roes Dalmolin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2020

1. Lei da Atração 2. Midiatização 3. Cuidado de Si 4.
Movimento Nova Era 5. Discurso I. Roes Dalmolin, Aline
II. Título.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**PRÁTICAS TERAPÊUTICO-RELIGIOSAS NA SOCIEDADE
MIDIATIZADA: O DISPOSITIVO DO CUIDADO DE SI NA LEI DA
ATRAÇÃO NO YOUTUBE**

elaborada por
FRANCYS ALBRECHT DA ROSA

Aprovada em 17 de fevereiro de 2020

Como requisito parcial para obtenção do título de
Mestra em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:



Aline Roes Dalmolin, Dr.^a (UFSM)
Presidente/Orientador



Francis Moraes de Almeida, Dr. (UFSM)



Frederico de Mello Brandão Tavares, Dr. (UFOP)
(participação por parecer)

Santa Maria, 17 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

A minha trajetória pela pós-graduação tem início antes mesmo de finalizar a faculdade de jornalismo e, conseqüentemente, agradeço às pessoas que me incentivaram muito desde a etapa de submissão do pré-projeto de pesquisa.

Primeiramente, agradeço à minha família. Especialmente, aos meus pais. À minha mãe, Iris, que mesmo longe das salas de aula me ensinou coisas que não são aprendidas com os títulos. Ao meu pai, Chico, sou grata por todas as manhãs, durante o ensino fundamental, em que sentava ao meu lado me ensinando, cobrando e corrigindo as lições de casa. Minha tia Sandra que, mesmo com a partida precoce, marcou os rumos da minha vida incentivando a paixão pela leitura, escrita e à criatividade ao enviar, de Porto Alegre, coleções de livros infantis todos os meses.

Agradeço ao meu namorado, Rafael, por cuidar de mim. As longas conversas de consolo e empoderamento sempre me fazem enxergar o potencial que, por vezes, esqueço que tenho, além de trazer mais segurança e tranquilidade quando está por perto.

Agradeço à professora Aline Dalmolin por ter aceito ser minha orientadora. Sou privilegiada por ter passado estes dois anos de pesquisa contando com a confiança e palavras amigas e de incentivo de uma pessoa extremamente inteligente e humana. Sem terrorismos com prazos ou cobranças fora do meu alcance, finalizo o mestrado com um lindo exemplo de como ser uma professora sensível e que ama o que faz.

Parte do meu percurso também se deve à professora Viviane Borelli, amiga e mãezona dos seus alunos. Esteve presente desde a graduação, orientadora na iniciação científica e torcendo de perto pela minha aprovação na seleção. Aproveito para agradecer a todas e todos os membro do grupo de pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais, pelas leituras, debates e ensinamentos durante nossos encontros. Da mesma forma, agradeço às professoras Juliana Petermann e Sandra Rúbia por terem lido e orientado com tanta atenção e carinho, não apenas o meu, mas o trabalho de todos os colegas durante o período pré-qualificação.

Dedico boa parte dos agradecimentos às amigas que fiz no prédio 21 e que se mantêm até hoje. Às minhas amigas Paula, Paola, Laura e Kelem que são um presente para mim desde

2012, fazendo parte dos melhores anos da minha vida, bem como no apoio mútuo na difícil travessia para a vida adulta. É muito bom poder rir e chorar com vocês.

Agradeço aos amigos Thiago Trindade e Rafael Rangel pelo auxílio durante o processo de seleção da pós-graduação, por terem dedicado um tempo para as minhas dúvidas e terem torcido por mim. Agradeço ao colega Gustavo Freire pelas conversas pelo campus e os almoços no RU, me passando muita confiança e tranquilidade sobre o futuro. À amiga e colega Leandra pelas risadas, chimarrão e dicas de cinema compartilhadas.

Agradeço à oportunidade de ser bolsista CAPES que permitiu me dedicar integralmente à pesquisa durante um ano, trocar experiências e conhecimento ao explorar novos lugares durante os eventos acadêmicos. Da mesma forma, agradeço à secretaria e à coordenação do Poscom sempre informando, tirando dúvidas e atendendo às nossas solicitações.

Por fim, agradeço a todas pessoas que podem não ter um contato direto com esta pesquisa, mas que me alegram muito pelo simples fato de eu conhecê-las como meus padrinhos Silvia e Carlos, os amigos Douglas e Andrielle e à amiga e, agora comadre, Camila, aos colegas do mestrado e das Ciências Sociais. Como diriam os Novos Baianos, pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto. Obrigada pelas trocas.

EPÍGRAFE

Não penso que seja necessário saber exatamente o que eu sou. O mais interessante na vida e no trabalho é o que permite tornar-se algo de diferente do que se era ao início. Se você soubesse ao começar um livro o que se ia dizer no final, você crê que teria coragem de escrevê-lo? Isso que vale para a escrita e para uma relação amorosa, vale também para a vida. O jogo vale a pena na medida em que não se sabe como vai terminar.

Verdade, poder e si - Michel Foucault, 1982

RESUMO

PRÁTICAS TERAPÊUTICO-RELIGIOSAS NA SOCIEDADE MUDIATIZADA: O DISPOSITIVO DO CUIDADO DE SI NA LEI DA ATRAÇÃO NO YOUTUBE

AUTORA: Francys Albrecht da Rosa
ORIENTADORA: Aline Roes Dalmolin

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso que constrói as práticas terapêutico-religiosas sobre Lei da Atração que são veiculadas e ensinadas em 22 vídeos selecionados do canal Gisela Vallin no Youtube. O primeiro capítulo de elaboração teórica tem como pretensão compreender o objeto de investigação a partir de um olhar social e histórico por meio de três esferas. Autores de diferentes áreas como sociologia, sociologia da religião e comunicação oferecem suporte para que possamos observar a complexidade deste fenômeno. Desta forma, são formuladas três seções para dar conta da vastidão conceitual. A primeira dedica-se aos conceitos de risco, segurança ontológica, pluralismo, secularização do Estado, individualismo, situando a pesquisa no desenrolar da modernidade; a segunda é destinada a observar de que forma estas transformações da esfera social incidem sobre as subjetividades suscitando o surgimento de ondas de aconselhamento como a literatura de autoajuda, coaching e coaching quântico; a terceira faz uma aproximação a Lei da Atração e movimento religioso Nova Era para compreender as raízes do esoterismo presente no discurso que descreve a técnica. O segundo capítulo teórico, tem como intenção possibilitar a compreensão da constituição dos sujeitos na contemporaneidade, a interferência nas subjetividades coletivas, as estratégias de poder envolvidas, localizadas no contexto de midiaticização da sociedade por meio da promoção de dispositivos interacionais e tecnológicos. Para tanto, serão utilizados os conceitos de biopolítica, vigilância e cuidado de si, situando a incidência da racionalidade neoliberal na formação de um *ethos* de uma personalidade construída e performada, ditadura da felicidade, produção e consumo de uma cultura terapêutica. Do ponto de vista comunicacional e midiático, a Lei da Atração é tensionada a partir da interlocução entre mídia e sociedade, promovendo um debate entre plataformas de interação, especialmente, as lógicas de funcionamento do Youtube, para compreender de que forma estes espaços proporcionam um ambiente favorável para a formulação, difusão e consumo de elaborações discursivas sobre conteúdos que envolvem questões “psi” intimamente atreladas às possibilidades tecno-informacionais. Por fim, o último capítulo refere-se à análise estética e discursiva dos vídeos da terapeuta holística e especialista em Lei da Atração, Gisela Vallin. A metodologia utilizada é a Análise do Discurso que se dá através dos procedimentos propostos por Orlandi (2009) e a análise não verbal por Charaudeau (2001). Os dispositivos analíticos apresentados, em consonância com o esquema metodológico descrito nesta pesquisa, permitem identificar quais estratégias discursivas são utilizadas pela terapeuta e youtuber Gisela, tais como legitimação científica, distinção intelecto-espiritual entre a mesma e seus seguidores, racionalidade religiosa e outros. Do mesmo modo, é possível destacar os efeitos de sentido que decorrem destes mecanismos tais como implementação de um *self* performático, auto responsabilização dos sujeitos, defesa de valores meritocráticos, negação de problemas estruturais e sobrevalorização de sentimentos como a felicidade.

Palavras-chave: Lei da Atração. Midiaticização. Cuidado de Si. Movimento Nova Era. Discurso.

ABSTRACT

THERAPEUTIC-RELIGIOUS PRACTICES IN THE MEDIATED SOCIETY: THE DEVICE OF THE CARE OF YOURSELF IN THE LAW OF ATTRACTION IN YOUTUBE

AUTHOR: Francys Albrecht da Rosa

ADVISOR: Aline Roes Dalmolin

This research aims to analyze the discourse that builds the therapeutic-religious practices on the Law of Attraction that are broadcast and taught in 22 selected videos from the Gisela Vallin channel on Youtube. The first chapter of theoretical elaboration aims to understand the object of investigation from a social and historical perspective through three spheres. Authors from different fields such as sociology, sociology of religion and communication offer support so that we can observe the complexity of this phenomenon. In this way, three sections are formulated to account for the conceptual vastness. The first is dedicated to the concepts of risk, ontological security, pluralism, secularization of the State, individualism, placing this research in the development of modernity; the second is intended to observe how these transformations in the social sphere affect subjectivities, giving rise to waves of advice such as self-help literature, coaching and quantum coaching; the third approaches the Law of Attraction and the New Age religious movement to understand the roots of esotericism present in the discourse that describes the technique. The second theoretical chapter, intends to make it possible to understand the constitution of subjects in contemporary times, the interference in collective subjectivities, the power strategies involved, located in the context of mediatization of society through the promotion of interactive and technological devices. For this purpose, the concepts of biopolitics, surveillance and self-care will be used, placing the incidence of neoliberal rationality in the formation of an ethos of a constructed and performed personality, the dictatorship of happiness, production and consumption of a therapeutic culture. From a communicational and mediatic point of view, the Law of Attraction is tensioned from the dialogue between media and society, promoting a debate between platforms of interaction, especially the logic of operation of Youtube, to understand how these spaces provide an environment favorable for the formulation, diffusion and consumption of discursive elaborations on contents that involve “psi” issues closely linked to techno-informational possibilities. Finally, the last chapter refers to the aesthetic and discursive analysis of the videos of the holistic therapist and specialist in the Law of Attraction, Gisela Vallin. The methodology used is Discourse Analysis that takes place through the procedures proposed by Orlandi (2009) and non-verbal analysis by Charaudeau (2001). The analytical apparatus presented, in line with the methodological scheme described in this research, allows to identify which discursive strategies are used by the therapist and youtuber Gisela, such as scientific legitimation, intellect-spiritual distinction between herself and her followers, religious rationality and others. In the same way, it is possible to highlight the effects of meaning that result from these mechanisms, such as the implementation of a performing self, the subjects' self-responsibility, defense of meritocratic values, denial of structural problems and overvaluation of feelings such as happiness.

Keywords: Attraction Law. Mediatization. Self-Care. New Age Movement. Discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do Canal Gisela Vallin.....	23
Figura 2 - Pesquisa por "Coach Quântico"	49
Figura 3 - Programação Neuro-Linguística.....	54
Figura 4 – Aquarela Quântica.....	66
Figura 5 – Atitude Positiva.....	71
Figura 6 – Terapeuta Quântico	76
Figura 7 – Sal Mineral Quântico	78
Figura 8 - Canal Gisela Vallin.....	85
Figura 9 - Canal Gisela Vallin.....	86
Figura 10 – Co-criação em estado meditativo (Vídeo 06)	94
Figura 11 – Sugestões para a co-criação: Lei da atração (Vídeo 07)	102
Figura 12 – Saia da miséria interior e atraia o que sua alma precisa pela não-mente (Vídeo 05)	111
Figura 13 – Relacionamentos e Lei da Atração (Vídeo 09).....	119
Figura 14 - A importância do desapego na Lei da Atração (Vídeo 01).....	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formatos do discurso sobre Lei da Atração.....	25
Quadro 2 - Vídeos sobre Lei da Atração.....	31
Quadro 3 - Categorizando o corpus	32
Quadro 4 - Esquema Discursivo	106
Quadro 5 - Esquema Discursivo	123
Quadro 6 - Esquema discursivo	143

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
1.1 CONSTRUINDO UMA ABORDAGEM DE ANÁLISE DO DISPOSITIVO LEI DA ATRAÇÃO	30
1.1.1 Procedimentos Metodológicos de Análise	33
1.1.2 Recorte Empírico e Teoria: Sistematizando a Análise	36
2. MODERNIDADE E RACIONALIDADE: CONDIÇÕES DO EXISTIR NA CONTEMPORANEIDADE	39
2.2 O INDIVIDUALISMO E A CENTRALIDADE DO SUJEITO.....	39
2.2 DOS BEST-SELLERS DE AUTOAJUDA AO COACH DIGITAL: O ACONSELHAMENTO NA CONDUÇÃO DA VIDA	45
2.3 MOVIMENTO NOVA ERA E A MÍSTICA DO CIENTIFICISMO RELIGIOSO.....	51
3. EMPREENDEDOR DE SI E ACONSELHAMENTO DIGITAL: REFLEXOS DO NEOLIBERALISMO NA SOCIEDADE MIDIATIZADA	58
3.1 O CONTROLE SOBRE A VIDA E O DISCIPLINAMENTO MENTAL	58
3.2 CUIDADO DE SI: RESPONSABILIZAÇÃO E CENTRALIDADE DOS SUJEITOS	63
3.2.1 Cultura Terapêutica e Felicidade: Lapidações para uma Nova Personalidade	69
3.3 SUJEITOS MIDIATIZADOS: UMA NOVA FORMA DE EXPERIMENTAR O MUNDO.....	73
3.3.1 A Explosão do Conteúdo de Aconselhamento nas Mídias Digitais	75
3.4 A METAMORFOSE DO YOUTUBE: DE REPOSITÓRIO DE VÍDEOS A UM NICHO DE MERCADO	79
3.4.1 Espaço Terapêutico Virtual: Construindo uma Estética de Confiabilidade ..	84
4. LEI DA ATRAÇÃO NO YOUTUBE: O DISPOSITIVO TERAPÊUTICO AO ALCANCE DE TODOS.....	88
4.1 A LEI DA ATRAÇÃO E COCRIAÇÃO.....	88
4.2 A LEI DA ATRAÇÃO E A SUPERAÇÃO PESSOAL	107
4.3 OS SEGREDOS SOBRE A LEI DA ATRAÇÃO	125
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

1. INTRODUÇÃO

A vida contemporânea é marcada pela valorização crescente do status da felicidade. Ser feliz, neste contexto, vai muito além de representar ser uma pessoa alegre, pois remete a outros valores como realização profissional, financeira, intelectual e nos laços sociais. Este substantivo abstrato tem o poder de materializar-se, por exemplo, em signos de sucesso como uma família bem estruturada, em um carro novo, o corpo invejável, a casa própria tão sonhada, o trabalho perfeito e, até mesmo, ser fruto de investimento governamental por meio de políticas públicas de bem-estar social. Desta forma, é possível perceber que a felicidade, antes de tudo, se tornou um valor da atualidade. Esta valorização, do que é considerado ser e as maneiras de fazer-se feliz, se torna norma, a partir do momento em que há uma internalização coletiva e promoção desta moralidade por instituições sociais. Isto posto, a felicidade deixa de ser um estado para virar um imperativo, uma personalidade que se baseia no esforço em manter-se alegre e realizado.

Tendo em vista este contexto em que é incentivado não apenas sentirmo-nos, mas também parecermo-nos felizes, surge a necessidade social de buscar por ferramentas que auxiliem os sujeitos a irem ao encontro dos sonhos e realizações pessoais. A diversidade de objetos, sentimentos, papéis e posições na sociedade que podem suscitar a felicidade alheia é subjetiva. Portanto, os caminhos percorridos e os métodos individuais utilizados para alcançar o precioso estado de satisfação e contentamento torna-se difícil de mapear.

Pensando nisso, esta pesquisa interessa em investigar uma prática que possui um crescimento gradativo do conteúdo na web e tem conquistado cada vez mais adeptos: a Lei da Atração. Tal princípio, parte do pressuposto básico de que a nossa mente é capaz de alterar qualquer realidade. A cura de doenças, a conquista de bens, a mudança de status social, o sucesso em relacionamentos afetivos são apenas alguns dos tópicos abordados por estas técnicas de adestramento do pensamento. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar o discurso do cuidado de si¹ nas práticas terapêuticas-religiosas que são veiculadas e ensinadas através da Lei da Atração no Youtube.

Há uma infinidade de materiais sobre a Lei da Atração na mídia digital, como em sites, blogs, e-books, além das redes sociais. Entretanto, há uma particularidade em um ambiente específico da web que é o Youtube. Na plataforma, são encontrados diversos vídeos e canais que comunicam sobre a temática. A Lei da Atração neste ambiente é encontrada em formato de

¹ O conceito será desenvolvido no capítulo 3.

videoaulas, palestras, entrevistas, áudios, transcrições de textos e meditações. Há um grupo seletivo que se autodenomina como “especialistas” no assunto e estes atuam profissionalmente como terapeutas holísticos, astrólogos e *coaches* que ensinam técnicas, rituais, divulgam livros e experiências pessoais.

Dessa forma, a pergunta que irá nortear este estudo é: quais são os efeitos de sentido mobilizados, através do emprego de estratégias discursivas, na midiaticização do cuidado de si propagado pelas técnicas terapêutico-religiosas da Lei da Atração ensinadas no Youtube? Sendo assim, são traçados objetivos específicos que auxiliarão na busca por respostas sobre este objeto. Estes são: analisar quais são as condições sociomidiáticas que mobilizam e demandam por conteúdo de aconselhamento; investigar o emprego do discurso de sucesso e felicidade pelo seguimento da autoajuda e o movimento Nova Era em produtos midiáticos; compreender o papel da cultura terapêutica na construção de um *ethos* contemporâneo dos sujeitos; identificar as relações de poder e saber que estão inseridas na organização da sociedades e incidem sobre o discurso da Lei da Atração; e especificar as afetações entre o campo midiático e terapêutico-religioso suscitado pelo processo de midiaticização da sociedade.

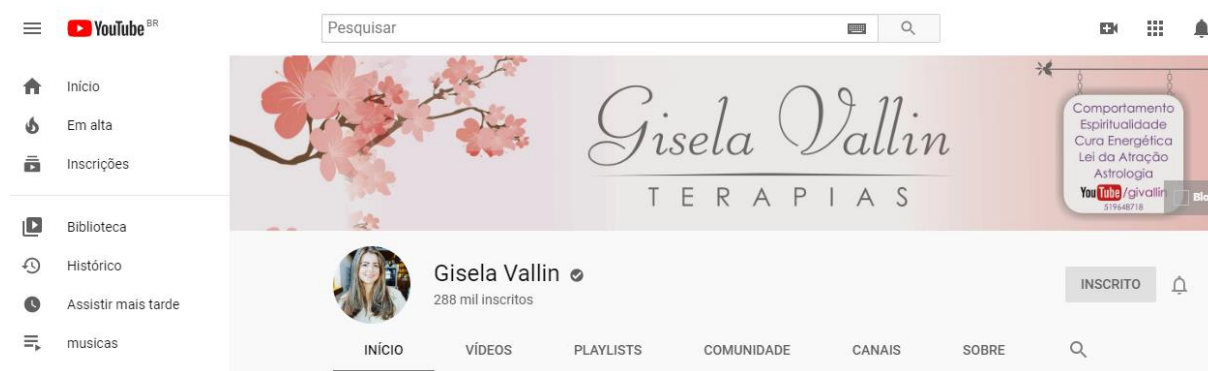
Para a compreensão das intenções desta pesquisa, é preciso salientar que os princípios fundadores da Lei da Atração são encontrados também por outras denominações como “física quântica” e “força do pensamento”. Entretanto, apenas com o termo Lei da Atração, foi observado um uso institucionalizado, no sentido de oferecer técnicas, ter princípios a serem seguidos e possuir autodenominados especialistas e, portanto, apenas este será objeto deste estudo, tendo em mente a delimitação metodológica do objeto. É importante ressaltar que a lei, assim, como os outros termos, possui em comum um único objetivo que é apresentar ao mundo uma sabedoria supostamente milenar e secreta que se baseia no controle dos pensamentos.

Os princípios da Lei da Atração, apesar de toda diversidade de abordagens, de maneira geral, são ensinados em formato de manual, contendo explicações pretensamente científicas para sua eficácia e aliando-se a processos terapêuticos não convencionais que se aproximam do discurso religioso. Neste estudo, será analisado o canal da terapeuta Gisela Vallin. Vallin é formada em psicologia, é terapeuta holística e trabalha com astrologia, terapias energéticas e orienta-se muito pelas obras de Osho². O conteúdo dos vídeos publicados pela mesma é

² Foi um líder religioso e fundador do movimento Rajneesh. Em 1981, transferiu a comunidade alternativa que se localizava na Índia para o estado de Oregon nos Estados Unidos. Junto aos seus seguidores do mundo inteiro, se empenhou em fundar uma sociedade independente e com lógicas próprias de funcionamento como moeda local e independente dos órgãos políticos e de administração do Estado. Os ensinamentos de Osho não ficaram restritos apenas à comunidade e, até hoje, seus livros são vendidos e traduzidos para diversas línguas.

carregado de uma mística inspirada em diversas vertentes religiosas. A escolha deste canal justifica-se por possuir 304 mil seguidores³, um dos maiores números de inscritos e visualizações em vídeos que abordem o tema no Youtube. Fundamenta-se a escolha, também, por Vallin apresentar-se enquanto uma especialista nos procedimentos que veicula, fato que concede à Lei da Atração um status institucionalizado.

Figura 1 – Capa do Canal Gisela Vallin



Fonte: Canal Gisela Vallin (2019)

O processo de compreensão deste objeto de investigação enquanto um objeto empírico, cercado por perspectivas teóricas, teve início desde as primeiras leituras exploratórias, em 2017. Em um primeiro momento, foi feita uma busca pela palavra-chave “Lei da Atração” e os termos correspondentes como “força do pensamento”. A pesquisa foi realizada no Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes, Nemes (Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade), Compós e Scielo (*Scientific Electronic Library Online*). Entretanto, os resultados não foram satisfatórios, pois indicavam trabalhos de outras áreas como engenharia, psicologia e enfermagem e os termos, apesar de iguais, possuíam outros significados e usos.

Dessa forma, a busca passou a ser combinada com palavras-chaves correspondentes ao marco teórico da pesquisa como “cuidado de si”, “nova era”, “esoterismo”, “autoajuda”, “comunicação”. É preciso salientar que, até agora, não foram encontrados trabalhos que se dedicassem exclusivamente ao fenômeno da Lei da Atração, mas sim estudos que abordavam a temática de forma secundária ou como resultado de fenômenos maiores como surto de

³ Última atualização do número de inscritos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Givallin>> Acessado em 15 de maio de 2020.

aconselhamento na contemporaneidade ou modismo esotérico. A partir disso, foi possível identificar que a Lei da Atração, assim como suas demais nomenclaturas, foi abordada por meio de três perspectivas diferentes: pela religião, como movimento Nova Era; pela autoajuda, como literatura de conselho; e pela comunicação, como fenômeno midiático e mercadológico.

No eixo da autoajuda, foram encontrados 11 artigos científicos que se dedicam ao tema da Lei da Atração, “força do pensamento” ou pensamento positivo como um produto da literatura de aconselhamento. A justificativa da maior parte deles se deve ao grande sucesso de vendas do gênero, estando seguidamente no topo dos mais vendidos do Brasil. Entre as explicações e hipóteses mais recorrentes estão a racionalidade neoliberal que permeia o discurso dos livros; o individualismo crescente nas sociedades ocidentais modernas; a racionalização do ocidente e a utilização do discurso de autoajuda como um manual que define os sujeitos de acordo com os seus sucessos e fracassos. Destaca-se as autoras Béjar (2011) e (2014) que estuda a literatura de autoajuda pelo viés da cultura terapêutica e, também, como um dispositivo normatizador da subjetividade dos sujeitos contemporâneos e Tucherman (2010) e (2012) que aborda a autoajuda pelo conceito de biopolítica, concebendo este enquanto um dispositivo que promove felicidade, autoestima e, ao mesmo tempo, funciona como um alimento para alma comercializado midiaticamente.

No eixo de Lei da Atração e comunicação foram encontrados três autores que trabalham com a temática da felicidade, subjetividade, personalidade e pensamento positivo. As pesquisas colocam como justificativa a apropriação midiática do objeto “felicidade” e a forma como a televisão, jornalismo e publicidade criam conteúdo baseado no tema, com a intenção de difundir o imperativo de ser feliz. Destaca-se a autora Castellano (2014) que procura compreender a forma como a literatura de autoajuda constrói e comercializa personalidades. Em sua tese, estudou os livros de aconselhamento e se pergunta sobre quais são as condições sócio-históricas que condicionam a grande adesão dos sujeitos a esse tipo de discurso. Freire Filho (2012), por sua vez, trabalha com a definição dos distintos perfis de “pessoas felizes” traçados pelo Globo Repórter e telejornalismo brasileiro. Através da análise da materialidade da linguagem, o autor procura responder de que forma a construção de uma personalidade feliz é representada por jornais programas televisivos.

No terceiro e último eixo, da Lei da Atração pela religião, três autores destacam-se. Estes trabalham a questão do misticismo religioso a partir das perspectivas de suas áreas que são ciência da religião, comunicação e filosofia. Entretanto, há uma convergência entre os mesmos ao perceber que os discursos de aconselhamento e terapias esotéricas fazem parte de

algo maior que é a influência do movimento religioso Nova Era, devido a sua heterogeneidade e possibilidades de articulação em movimentos não coesos e, além de criarem estratégias para estar em evidência nas mídias. Reiteramos o autor Guerriero (2000) que investiga a religião Nova Era e a articulação com uma gama de terapias alternativas, crenças orientais, rituais, astrologia e autoajuda mística, bem como a conquista novos adeptos no mercado de bens de consumo, a sua articulação com a ciência e outras vertentes religiosas. Por sua vez, Campanella e Castellano (2015) analisam a formação de uma cultura terapêutica que se articula com práticas de consumo cultural e midiático ligadas à Nova Era.

Após as leituras e a construção deste estado da arte, utilizando os autores e trabalhos que mais se aproximassem e pudessem contribuir com temática desta pesquisa, percebe-se que há uma lacuna que ainda não foi explorada – ainda que haja uma diversidade de abordagens. Existe uma carência de trabalhos na área da comunicação que deem em conta de explicar esse fenômeno midiático de aconselhamento místico para além das mídias tradicionais como televisão, telejornalismo ou mercado editorial de livros de autoajuda. A ideia de estruturação desta pesquisa é, então, aproximar os três eixos aqui mencionados para construir um objeto empírico inspirado nestas três perspectivas teóricas: a Lei da Atração pela comunicação, enquanto uma sociedade em vias de midiatização; pela religião, como uma vertente do movimento Nova Era no Brasil; e pelas terapias de alternativas, como autoajuda mística ou cientificismo esotérico. Tendo em vista que se trata de um fenômeno complexo e que, até agora, as propostas de investigação focaram em perspectivas limitadas, este estudo se faz atual e oportuno, pois oferece um entendimento que fornece uma união das três abordagens.

É importante salientar também que o discurso que constrói os saberes e técnicas da Lei da Atração tem início com livros de autoajuda, passando a ser apropriado pelo movimento Nova Era e, mais recentemente, está interligado à erupção de *coaches* e os denominados “*coaches* quânticos”. Nota-se que cada vertente faz uso de diferentes mídias para a sua disseminação.

Quadro 1 - Formatos do discurso sobre Lei da Atração

FORMATO	TEMPO	MÍDIAS UTILIZADAS
Literatura de Autoajuda	Do início do século XX até os dias atuais.	Propagada, especialmente, por livros e palestras.

Movimento Nova Era	A partir de 1960 até os dias atuais.	Propagado por meio de revistas cunho religioso ou especializadas em saúde, lojas de produtos esotéricos e sociedades alternativas.
Lei da Atração	A partir de 2012 até os dias atuais.	Propagada, majoritariamente, por meio do Youtube, sites, blogs, plataformas de cursos online e redes sociais vinculadas ao conteúdo religioso.
Coach Quântico	A partir de 2018 até os dias atuais.	Propagado, em geral, por redes sociais e marketing de produtos ou terapias “quânticas”.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Após esta contextualização dos eixos teóricos que auxiliariam na elaboração desta pesquisa, a seguir, serão expostos os principais conceitos e autores que compõem o marco teórico desta investigação. O estudo, portanto, é dividido em quatro capítulos: introdução e desenho metodológico, dois teóricos e, por fim, o analítico. O primeiro capítulo compreende a presente introdução que oferece um panorama sobre o objeto, problema, objetivos, contexto teórico e sinalização das opções metodológicas.

O segundo capítulo tem como objetivo construir uma teia teórica que possibilite visualizar o objeto de investigação Lei da Atração a partir de uma compreensão social e histórica. Tendo em vista a crescente oferta por conteúdo de aconselhamento místico e terapêutico na web, é pertinente ater-se aos fluxos da sociedade que confluíram para o surgimento de propostas terapêuticas deste tipo. Para tanto, são utilizados os conceitos de secularização de Ranquetat Jr. (2008), desencantamento e reencantamento do mundo de acordo com Pierucci (2002), modernidade e risco por Beck (2002), segurança ontológica e casulo protetor de Giddens (2002) e pluralismo moderno por Berger e Luckmann (2012) para compreender as transformações ocasionadas no tecido social no processo de avanço da era moderna. Do ponto de vista subjetivo, estas transições também afetaram os sujeitos individual e coletivamente, alterando a forma como constroem seus afetados, segundo Safatle (2015) e Dunker (2015), bem como lidam com as próprias emoções, pela ótica de Freire Filho (2010).

Tendo em vista que, aliado ao processo secularização, modernização e vigência do sistema político-econômico liberal ocidental, o individualismo é uma face da contemporaneidade que pode ser observado no sucesso editorial dos livros de autoajuda. Para tanto, autores como Rüdiger (1996) e Castellano (2014) auxiliam a compreender como o mercado da literatura de conselho passa a ocupar uma lacuna afetiva para os sujeitos contemporâneos e Tavares (2011) que contribui a assimilar do papel da mídia na difusão de dicas de bem-viver. No mesmo sentido, este *ethos* de condução da vida que foi difundido pela autoajuda pode ser observado sendo apropriado, na atualidade, pela técnica de *coaching*. Sendo assim, o conceito foucaultiano de poder pastoral é trabalhado pela perspectiva de Marín-Díaz (2015) que compreende o mesmo como um procedimento pedagógico-educacional. E, por fim, passamos para o último subcapítulo que se propõe explicar as configurações do movimento Nova Era, segundo Guerriero (2000) e Magnani (2000) e forma como a religião e a autoajuda entrelaçam-se em seus discursos em uma ambiência de diversidade e bricolagem religiosa por Hervieu-Léger (2015).

O terceiro capítulo tem como intenção possibilitar a compreender a constituição dos sujeitos na contemporaneidade, levando em consideração a imposição de personalidades pré-determinadas que visem o autogerenciamento, felicidade, sucesso e autorrealização. Nesta seção, Foucault (2005) será utilizado para introduzir os conceitos de biopolítica e poder disciplinar para que possamos observar a Lei da Atração pelo ponto de vista do controle sobre a vida, através do emprego de estratégias de poder, na qual se materializa por técnicas disciplinares de controle do pensamento. No mesmo sentido, o conceito chave de cuidado de si (FOUCAULT, 1985) é articulado ao objeto de investigação na intenção de problematizar o olhar introspectivo, vigilante e autorresponsabilizador difundido pelo discurso desta proposta terapêutica. Desta forma, a Lei da Atração constitui-se como um procedimento de reformulação do pensamento em que há um imperativo de autorreflexividade e os sujeitos são instigados a estarem em uma contínua revisão do que pensam, falam, fazem e sentem.

Esta centralidade nos sujeitos proposta pelo discurso disseminado pela Lei da Atração é observada pela perspectiva do vigente sistema político-econômico neoliberalismo. Segundo Dardot e Laval (2016), o avanço das práticas neoliberais faz emergir uma nova reconfiguração dos indivíduos, denominado pelos autores como neossujeitos – pessoas programadas a pensar e agir estrategicamente tal qual uma empresa, empreendendo a si mesmo, na busca por lucro, reconhecimento e evidência social. Para cumprir todas estas demandas que brotam do social e são altamente compartilhadas pela mídia, os sujeitos passam a incorporar estes imperativos à

própria personalidade e subjetividade (BUTLER, 2015) de a desempenharem uma alta performance nas atividades em que estão envolvidos, levando à exaustão mental e emocional (HAN, 2014). Como paliativo, surgem técnicas descritas milagrosas, como é o caso dos ensinamentos do pensamento positivo para a conquista de qualquer sonho, solução dos mais inimagináveis problemas e curas para doenças de difícil tratamento ou reversão do caso. Sendo assim, nebulosa de aconselhamento que envolve a Lei da Atração e é observada em emergência na mídia pode ser denominada como cultura terapêutica (CASTELLANO, 2014) e tem como o objetivo incentivar o bem-estar, a satisfação pessoal, o zelo pela saúde e atingir o grande objetivo da vida contemporânea - ser feliz. A felicidade, neste sentido, deixa de ser um estado emocional e tornar-se um imperativo (FREIRE FILHO, 2010) e esta imposição é, aos poucos, lapidada pelos sujeitos como um novo *self* (ROSE, 2001) que performa a personalidade e as exigências hodiernas de autorrealização pessoal.

Ainda no terceiro capítulo, há uma articulação entre o conceito de midiaticização ao objeto de investigação desta pesquisa. Tendo como ponto de partida a multiplicidade de conteúdos sobre Lei da Atração nas plataformas digitais e, especificamente, os que se encontram no Youtube, se faz necessário apegar-se a uma base teórica que viabilize esclarecer quais são as lógicas que operam por trás destes dispositivos midiáticos. Para tanto, recorre-se ao conceito de midiaticização trabalhado por Braga (2006), na qual se refere a um processo social que não está posto em sua totalidade e, portanto, em estado de construção contínua - ainda que em avançado estágio de implementação. O autor compreende a midiaticização enquanto um processo de referência, isto é, as lógicas da mídia passam a servir como parâmetro e também como influenciadoras de outros campos sociais.

Nesta perspectiva, o campo midiático e os demais sofrem duplas afetações, em uma reconfiguração contínua, ao passo que a mídia perde o status de mediadora da sociedade e inicia um trabalho como matriz ordenadora do tecido social. Em uma sociedade em processo de midiaticização, as relações entre os interagentes são aceleradas e reconfiguradas, resultando uma sociedade complexa e perpassada pela mídia em todos os níveis interacionais. Desta forma, as sociedades em processo de midiaticização proporcionam uma nova forma de experimentar a realidade (GOMES, 2016). A Lei da Atração apresenta-se como um reflexo dessa complexificação, ao passo que não apenas possibilita novas formas de interação com práticas terapêuticas, como também interfere na difusão de informações e práticas que antes eram próprias dos campos isoladamente. Essa quebra das estabelecidas instâncias de produção e recepção afetam outras áreas de conhecimento que passam a se apropriar das possibilidades

midiáticas para estar presente e, em evidência, na ambiência social. Como exemplo, temos a saúde, política, economia e educação articulando seus saberes a dispositivos tecnológicos de informacionais. Neste sentido, Xavier (2015) concebe a midiatização como um indicador desse atravessamento da mídia no funcionamento social e cultural. A autora trabalha com o conceito de consulta transformada ao estudar os dispositivos interacionais midiatizados que promovem um espaço para elaborações e trocas discursivas a respeito dos conteúdos que envolvem questões “psi”.

Tendo em mente que o recorte desta pesquisa valoriza o compartilhamento do dispositivo da Lei da Atração pelo Youtube, é necessário conhecer esta plataforma tão presente em nosso cotidiano. Burgess e Green (2009) afirmam que o site passou de um simples depósito de vídeos tornando-se um dos maiores fenômenos midiáticos por meio da cultura participativa (JENKINS; GREEN, 2014) em criação de conteúdo. Devido a isto, as lógicas de operação do espaço convergem para um modelo de negócio, o mercado dos youtubers e influenciadores digitais (MONTAÑO, 2017), na qual se insere a terapeuta Gisela Vallin. A partir deste panorama, se faz pertinente compreender de que forma a tecnologia e mídia interferem e modulação nosso contato com a realidade, a partir do ponto de vista de Alves e Mancebo (2006), Souza, Avelino e Silveira (2018) e Silveira (2018).

Por fim, o quarto e último capítulo se destina à análise que dos 22 vídeos divididos em três grupos temáticos e as respectivas categorias enunciativas – elementos descritos a seguir no arranjo metodológico. A teoria metodológica escolhida para efetuar a análise do objeto empírico é a análise de discurso proposta por Orlandi (2009) e Charaudeau (2001). Por sua vez, a análise verbal e não-verbal dos vídeos do canal Gisela Vallin possibilita compreender o modo como são traçadas relações de sentido que constroem a governamentalidade da Lei da Atração – um arcabouço de saberes científicos, pseudocientíficos, religiosos e senso comum, postos em prática por meio de técnicas convertidas em códigos de conduta, sanções, proibições, padrões comportamentais e terapias não convencionais.

Vejamos com profundidade a interlocução entre o método escolhido, seleção do corpus, recorte empírico e a esquematização da aplicação no desenho analítico a seguir.

1.1 CONSTRUINDO UMA ABORDAGEM DE ANÁLISE DO DISPOSITIVO LEI DA ATRAÇÃO

Ao pensar no tema desta pesquisa enquanto um fenômeno emergente e sintomático de nosso cenário social, político, econômico, midiático e religioso contemporâneo, se faz necessário lançar um olhar para os dados empíricos que podem ser extraídos desta investigação. Assim sendo, a análise deste estudo tem por objeto o canal Gisela Vallin do Youtube, tendo em vista que se trata de um dos canais com maior número de seguidores e que o conteúdo dos vídeos publicados se mantém fiel aos objetivos do canal que, por sua vez, tem como foco oferecer dicas, aconselhamento, procedimentos esotéricos e técnicas de Lei da Atração para auxiliar na condução dos sujeitos em uma vida mais saudável, feliz, prazerosa e consciente.

Assim como fora mencionado anteriormente, Gisela Vallin é formada em psicologia e alia seus conhecimentos de formação acadêmica aos procedimentos e aconselhamentos holísticos. Atua também como astróloga e trabalha com diversos tipos de terapias alternativas como limpeza energética e *thetahealing*⁴, além de ser uma fiel seguidora dos ensinamentos de Osho.

Através das informações contidas na capa do canal, é possível apreender que o conteúdo criado pela terapeuta gira em torno das temáticas comportamento, espiritualidade, cura energética, Lei da Atração e astrologia. Dessa forma, percebe-se que há uma variedade de assuntos a serem tratados e que, para tanto, é necessário lançar um olhar atento ao discurso que constrói e costura esta diversidade temática. Levando em consideração, também, que Vallin fala para seu público de mais de 304 mil seguidores no Youtube, é de suma importância ater-se aos efeitos de sentidos que são suscitados pelos seus discursos, tendo em vista que a mesma comunica para uma grande quantidade de pessoas que estão em busca do conteúdo oferecido afim de aplicar o mesmo as suas vidas.

Portanto, tendo em mente o foco no discurso de Vallin, a sistematização do material a ser analisado será baseada na playlist “Lei da Atração” criada pela própria terapeuta. Nesta seleção, constam 22 vídeos do canal que abordam a lei através das temáticas da cocriação; visualização criativa; pensar com a alma; estado meditativo; entre outras. O conteúdo tem, em

⁴ É uma técnica de cura energética que visa o ensino e a identificação de crenças limitantes e padrões mentais que que impeçam os sujeitos de serem felizes. Este procedimento parte do pressuposto de que pensamentos e emoções negativas geram doenças que se manifestam no plano físico, mental e emocional, portanto, tem como objetivo liberar os pacientes de traumas e emoções negativas antigas.

média, duração de 12 a 20 minutos. A seleção dos vídeos da playlist contempla apenas aqueles que foram publicados até abril de 2019, data de elaboração do esquema metodológico e seleção do corpus. Na tabela abaixo, estão esquematizados a quantidade de vídeos, que irão compor a análise, de acordo com o ano de publicação.

Quadro 2 - Vídeos sobre Lei da Atração

Ano	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Nº de Vídeos	3	5	3	5	5	1

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

De acordo com o conteúdo disponibilizado no canal Gisela Vallin e com o propósito de sistematizar e tornar mais eficiente o processo de análise, categorizo os vídeos em três blocos que abordam o princípio da atração por diferentes perspectivas. Estes são:

- a) A Lei da Atração e cocriação: Esta categorização é composta por seis vídeos e tem como objetivo ensinar a cocriar, ou seja, a premissa de que é possível recriar a realidade de acordo com os desejos e aspirações pessoais. Vallin explica que todos possuem a capacidade inata de modificar a sua vida, desde que estejam alinhados e conscientes dos princípios quânticos de atração, das limitações espirituais da vida na terrena e atentos aos padrões de pensamento que emitem.
- b) A Lei da Atração e a superação pessoal: Neste grupo, seleciono seis vídeos que abordam o “poder quântico” do pensamento por meio da temática da superação dos obstáculos pessoais ou a maneira como a técnica pode otimizar a relação individual com as emoções, como por exemplo, lidar com a ansiedade ou desbloqueio energético para novos relacionamentos amorosos.
- c) Os segredos sobre a Lei da Atração: O último grupo é composto por 10 vídeos e a escolha desta sistematização é justificada pela maneira como constrói seu discurso sobre a Lei da Atração. Vallin propõe-se a ensinar os princípios da técnica a partir da posição de uma especialista no assunto. A terapeuta também procura explicar pequenos truques para obter sucesso ao pôr em ação os procedimentos, bem como apontar possíveis motivos para que a mesma não tenha funcionado.

Quadro 3 - Categorizando o corpus

	Nº do vídeo na playlist e nome
<p>TEMA 1:</p> <p>Lei da Atração e cocriação</p>	<p>Vídeo 3 - Como cocriar e soltar para manifestar o que você quer? #leidaatração</p> <p>Vídeo 6 - Cocriação em estado meditativo</p> <p>Vídeo 7 - Sugestões para a cocriação: Lei da Atração</p> <p>Vídeo 14 - Lei da Atração: Cocriar e esquecer ou cocriar todos os dias?</p> <p>Vídeo 19 - Evite esses 3 erros na hora de cocriar! #leidaatração</p> <p>Vídeo 20 - Todo mundo pode cocriar?</p>
<p>TEMA 2:</p> <p>Lei da Atração e a Superação Pessoal</p>	<p>Vídeo 4 – Aprenda a superar a ansiedade para facilitar a cocriação</p> <p>Vídeo 5 - Saia da miséria interior e atraia o que sua alma precisa pela não-mente</p> <p>Vídeo 9 - Relacionamentos e Lei da Atração</p> <p>Vídeo 10 – Supere o Autoboicote para a Lei da Atração fluir</p> <p>Vídeo 13 – Isso é para mim, sim! #leidaatração #prosperidade</p> <p>Vídeo 16 – Como a técnica do foco na luz salva relações? #leidaatração</p>
<p>TEMA 3:</p> <p>Os segredos sobre a Lei da Atração</p>	<p>Vídeo 1 – A importância do desapego na Lei da Atração</p> <p>Vídeo 2 – Segredinhos práticos que aprendi sobre a Lei da Atração</p> <p>Vídeo 8 – Dicas para entrar no fluxo da prosperidade #leidatração</p> <p>Vídeo 11 – Aprenda a mudar suas crenças e a atrair uma nova realidade</p> <p>Vídeo 12 – Destino X Lei da Atração</p> <p>Vídeo 15 – O poder transformador da visualização criativa</p> <p>Vídeo 17 – Infinitas possibilidades</p> <p>Vídeo 18 – A Lei da Atração e os contratos espirituais</p> <p>Vídeo 21 – Lei da Atração funciona se astros determinam tudo? Autoestima, egoísmo.</p> <p>Vídeo 22 - Lei da Atração -respondendo perguntas</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

1.1.1 Procedimentos Metodológicos de Análise

Gisela Vallin, muito além de simplesmente comunicar, ensina, aconselha e entra em contato com seus seguidores e demais visualizadores através de sua fala. O discurso da terapeuta é, portanto, utilizado como um dispositivo de orientação que está disponível a todos que estiverem interessados em implementar as instruções para suas vidas pessoais. Tendo isto em vista, é de extrema importância para os objetivos deste estudo, analisar os efeitos de sentidos mobilizados em torno das discursividades, as estratégias empregadas, às referências costuradas aos ditos e não ditos em torno dos princípios da Lei da Atração.

Sendo assim, se recorre a Orlandi (2009) e aos procedimentos analíticos por ela descritos para ir a fundo no discurso de Vallin sobre os fundamentos do magnetismo do pensamento. A autora compreende a análise discursiva para além da materialidade linguística, pois parte da ideia de que o discurso resulta de processos sociais e históricos e está profundamente conectado ao ambiente ideológico de sua formação. Logo, a linguagem nos faz sentido, visto que está circunscrita na historicidade e nos processos sociais devido ao fato de que a realidade não precede o discurso, ela é construída por e a partir dele.

Desta forma, a perspectiva da analítica do discurso por Orlandi (2009) considera três principais dimensões: a enunciação; a ideologia; e a conjuntura histórica. Para a autora, não é possível dissociar o que é dito, das intenções e poderes que motivaram o dizer, pois são esses elementos que determinam a formação de sentidos. A autora afirma que “os sentidos e os sujeitos se constituem em processos que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes” (ORLANDI, 2009, p. 60).

É importante também salientar que a análise de discurso por Orlandi (2009) não está interessada na busca pela verdade, pois é centrada nos sujeitos e, sendo os sujeitos eles próprios dotados de sentidos, o objetivo é compreender como um objeto simbólico é dotado de significação pelos indivíduos, ou seja, “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 26). Neste caso, os indivíduos são “assujeitados”, isto é, incorporam os discursos que circundam seu contexto e, ao invés de criar algo novo, inédito, se filiam às formações discursivas reinantes. Por formações discursivas podemos compreender como um regime geral (FOUCAULT, 1969) ao qual obedecem diferentes enunciados. As formações discursivas,

entretanto, não condicionam de modo restrito a produção enunciativa, mas atuam como reguladoras das possibilidades de surgimento e desaparecimento dos enunciados. Dessa forma, é necessário olhar para os enunciados que correspondem a um objeto para compreender a qual formação discursiva ele está filiado. No caso desta pesquisa, o objeto Lei da Atração.

Nesse sentido, Orlandi (2009, p. 31) traz como importante dispositivo analítico a memória enquanto interdiscurso, pois “todo dizer que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra”. O intradiscurso, corresponde àquilo que dizemos em um dado momento e em determinadas circunstâncias, nunca afastado do contexto. Os discursos são, portanto, eternas rememorações que se filiam a outros sentidos, se reconfiguram, mas nunca se desprendem da realidade e do historicamente reconhecido.

Outro procedimento que Orlandi (2009) propõe à análise do discurso são os esquecimentos. O esquecimento número dois (seguindo a ordem utilizada pela autora) é da ordem da enunciação e estabelece uma relação natural sobre o objeto simbólico e o que é dito, como se não pudéssemos dizer algo sem ser com aquelas palavras que pensamos. O esquecimento número dois se dá quando elegemos alguma expressão em detrimento de outra e, ao fazermos isso, não estamos isentos da produção de sentido, pois as palavras utilizadas têm a capacidade de alterar o sentido do que se pretende expressar. No que concerne ao esquecimento número um, este diz respeito à ordem ideológica, é a crença na capacidade de construir um discurso inaugural sobre um tema, dotado de verdade, inédito e que não tenha relação com nenhum outro discurso prévio.

Ainda sobre os procedimentos de análise do discurso, Orlandi (2009) traz três elementos que compõem os mecanismos de formações imaginárias: antecipação que é a capacidade do sujeito se colocar no lugar do interlocutor e tentar prever o que ele compreenderia do que foi dito; as relações de forças que compreendem o sujeito enquanto morada do sentido daquilo que diz e de acordo com o lugar social que ele ocupa; e, por último, as relações de sentidos que são as interdependências de um discurso com outros.

Os dispositivos analíticos propostos por Orlandi (2009) possibilitam apreender não somente os efeitos de sentidos suscitados, como também auxilia na identificação das estratégias discursivas empregadas pelo sujeito que comunica. Os excertos extraídos dos vídeos ao serem tensionados junto à teoria, dessa forma, possibilitarão uma compreensão mais profunda das falas que cercam a Lei da Atração, visto que são as lógicas discursivas empregadas que conferem efeitos de sentidos ao que é dito e ao como foi dito.

Os modos de dizer são tão importantes para a análise discursiva quanto a materialidade do texto. Charaudeau (2001, p. 24) afirma que “o discurso não deve ser assimilado à expressão verbal da linguagem”, ou seja, a linguagem é composta por outras manifestações como o gestual, a plasticidade, o icônico. Desta forma, não se limita à expressão falada e escrita e, portanto, estas outras dimensões são importantes de serem consideradas no processo analítico.

Para o autor, os sujeitos que se põem em comunicação iniciam um processo de “encenação do ato de linguagem” (CHARAUDEAU, 2001, p. 25). Esta encenação compreende duas dimensões: o situacional que corresponde às condições externas ao que está sendo transmitido e o dizer que compreende ao circuito interno de enunciação. Isto posto, o discurso produzido está sendo condicionado pelo o que é dito e pelas condições exteriores, não somente como o período histórico ou então as filiações ideológicas (ORLANDI, 2009), mas o ambiente em que se forma, as pessoas envolvidas no processo, os meios utilizados. Todas estas interferências são significativas e influenciam nos sentidos que são suscitados desta comunicação.

Charaudeau (2001) nos diz que a elaboração de discursos se relaciona ao conjunto de saberes partilhados e das nuances inconscientes que emergem daqueles que estão em contato como a profissão, o nível de instrução, o sotaque, o gênero, etc., despertando expectativas e agindo sobre como a mensagem será recebida. Entrar em contato com a linguagem pelo processo de comunicação desperta, segundo o autor, os “imaginários sociais” e estes, por sua vez, incidem nos modos de enunciação e recepção gerando um aspecto valorativo ao que é dito como, por exemplo, o tom de fala: irônico ou sério; alegre ou sóbrio; didático ou soberbo; entre outras tantas possibilidades.

Neste sentido, os circuitos externos e internos da linguagem são indissociáveis, pois o ato de comunicação é a união entre o que é dito e o que é feito, pois “o fazer é o lugar da instância situacional que se autodefine pelo espaço que ocupam os responsáveis deste ato [...]. O dizer é o lugar da instância discursiva que se autodefine como uma encenação da qual participam seres de palavras [...]” (CHARAUDEAU, 2001, p. 28). Pensando no caso do objeto desta pesquisa, o discurso de Gisela Vallin é transpassado por questões que ultrapassam o que é dito. A posição que a mesma ocupa em relação aos seguidores, as encenações que emprega em sua fala na posição de psicóloga, aos gestos que utiliza, as mudanças no tom da voz são intencionalidades que incidem sobre o que é dito, como é dito e como é compreendido.

Considerando estas questões não verbais inerentes ao discurso, o processo de análise irá considerar as duas dimensões do dispositivo Lei da Atração: o discurso verbal de Vallin por meio dos procedimentos analíticos descritos pela ótica de Orlandi (2009) e a encenação do ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2001) que corresponde aos recursos técnicos empregados na produção dos vídeos, o tom de voz, os objetos, opções estéticas adotadas, entre outras situações que serão observadas no curso analítico.

1.1.2 Recorte Empírico e Teoria: Sistematizando a Análise

O objetivo desta seção é esclarecer às leitoras e leitores a forma como serão aplicados os procedimentos propostos por Orlandi (2009) ao discurso de Vallin sobre a Lei da Atração. A autora afirma que dispositivo analítico é construído pelo analista, na especificidade do seu objeto, no tensionamento com as teorias e com os objetivos do problema. Desta forma, acredito que seja interessante expor algumas escolhas de cunho pessoal que refletem na construção deste processo metodológico.

Acerca disso, o processo de análise seguirá a lógica dos blocos temáticos. Sendo assim, primeiramente serão investigados os excertos extraídos do eixo “Lei da Atração e cocriação” e assim sucessivamente, conforme citado na seção 1.1. A identificação dos trechos extraídos será sinalizada pela abreviação “V” (vídeo) e o número do vídeo correspondente, de acordo com a tabela. Por exemplo, “Se você sente afinidade com a minha energia, então, esse vídeo é para você” (V03, 00min.12seg.).

Desta forma, a organização permitirá fazer uma análise transversal e em conjunto de acordo com a temática, sem que seja necessário analisar, ao todo, vídeo por vídeo. Essa escolha justifica-se, pois em alguns casos, algumas falas se aproximam muito, pois tratam a Lei da Atração através da mesma perspectiva (como cocriar, laços afetivos ou de modo manualesco). Esta esquematização dará mais agilidade à análise, ao mesmo tempo que permite uma contextualização e, se necessário, um olhar mais detalhado para determinado conteúdo dentro do grupo temático. Orlandi (2009) afirma que não é necessário, tampouco possível, estudar um discurso à exaustão, pois este é inesgotável. Por isso, a necessidade de selecionar e categorizar o corpus para identificar onde os discursos se encontram e se relacionam em diferentes estados. No caso desta pesquisa, em blocos divididos por temas.

A análise do discurso sobre a Lei da Atração, por meio dos procedimentos descritos por Orlandi (2009), permitirão identificar quais foram as estratégias adotadas para captar a atenção dos sujeitos, como atribuir sentidos de veracidade e comprovação para construir a aura científico-religiosa em torno da “força do pensamento”, por exemplo.

Este processo permitirá reaproximar o objeto do marco teórico visto que um dos princípios fundamentais para Orlandi (2009) são as associações a formações discursivas e ideológicas, à historicidade e o “assujeitamento” dos indivíduos. Assim sendo, a aliança ideológica a formações discursivas como o neoliberalismo, muito presente nas falas de Vallin, são elucidadas por Dardot e Laval (2016) e Foucault (2008), por exemplo. Tendo em mente que as formações discursivas são regimes de verdade que condicionam a produção de enunciados, as discursividades sobre a Lei da Atração podem ser observadas pelas práticas ascéticas e hedonistas que se filiam à formação discursiva neoliberal que dita formas de viver baseadas em princípios político-econômicos ou bem como o apego à mística da validação científica nos movimentos religiosos nova era descrito por Guerriero (2000).

Da ordem dos esquecimentos (ORLANDI, 2009), a autora afirma que aquilo que foi silenciado, bem como as palavras que foram eleitas pelo sujeito de fala, são carregadas de sentidos. Estes procedimentos podem ser aliados aos conceitos de cuidado de si (FOUCAULT, 1985), poder pastoral (MARÍN-DÍAZ, 2015) e biopolítica (FOUCAULT, 2005) no sentido de compreender de que forma Gisela Vallin fala ou imite, em seu discurso, conotações a um processo pedagógico e de introjeção, em seus seguidores, dos sentidos provenientes do discurso sobre a Lei da Atração.

Estas são, portanto, apenas algumas inferências tomadas a priori, por meio de um contato inicial de seleção do corpus, que serão aprofundadas em termos de observação, prolongadas às associações a outros conceitos e autores pertencentes ao marco teórico, para, enfim, ir ao encontro do objetivo desta pesquisa que é identificar a gama de sentidos que emergem do discurso de Gisela Vallin e criam uma complexidade de referências, apropriações e construção do que vem a ser a Lei da Atração enquanto uma técnica terapêutica alternativa difundida por meio das mídias digitais.

Nos capítulos seguintes será iniciada a discussão de cunho teórico e o tensionamento entre os conceitos já expostos para que seja criado um caminho que permita compreender a complexidade e porosidade deste objeto de investigação que permeia a religião, a literatura de autoajuda, ao discurso mágico e é composto por aura do cientificista. Assim, antes de investigar

o discurso de Gisela e a aplicação da Lei da Atração, é importante a compreensão de como este fenômeno articula-se com eventos históricos e sociais, está submetido às lógicas reprodutoras de poderes, bem como, expõe uma nova face da mídia que ganha cada vez mais relevância pelo fomento tecnológico.

2. MODERNIDADE E RACIONALIDADE: CONDIÇÕES DO EXISTIR NA CONTEMPORANEIDADE

Este capítulo é construído com base em um delineamento teórico que possibilite compreender o objeto de estudo Lei da Atração a partir dos cenários sociais na qual se manifesta, além das condições históricas do desenvolvimento da sociedade moderna que levaram a este fenômeno. Sendo assim, esta seção tem como função responder às expectativas estabelecidas pelo objetivo específico que visa identificar as condições sociomidiáticas que mobilizam a demanda por conteúdo de aconselhamento. Para tanto, autores e conceitos de diferentes áreas irão auxiliar e embasar o andamento deste estudo, de acordo com a sistematização abaixo.

2.2 O INDIVIDUALISMO E A CENTRALIDADE DO SUJEITO

O processo de modernização da sociedade não apenas modificou a estrutura e organização social, como afetou a subjetividade e as maneiras humanas de existir. Um dos grandes marcos do início desta era se dá pelo declínio do papel gerenciador da igreja no espaço social. Este distanciamento entre igreja e Estado é definido pelo conceito de secularização, na qual “o desenvolvimento da ciência, da técnica e do racionalismo faz recuar as concepções sacrais e religiosas do homem e mundo” (RANQUETAT JR., 2008). Neste sentido, o Estado secular e racionalizado coincide com o florescimento de avanços científicos e tecnológicos que causaram muitas transformações e instituíram o devir moderno, em consonância com o afastamento do domínio eclesiástico.

A respeito do processo de secularização, Pierucci (1998) compreende enquanto uma diferenciação das esferas da cultura e das instituições, pois este movimento implica na racionalização jurídica e política do Estado, convergindo com a dessacralização das leis. Pensar a formação das sociedades modernas pela ótica da secularização, faz necessário perpassar pelo conceito weberiano de “desencantamento do mundo”. Apesar de serem tomados como sinônimos, secularização e desencantamento são processos distintos. Segundo Pierucci (1998) o desencantamento do mundo é um fenômeno que teve início no antigo judaísmo, quando os profetas passaram a ter contato com os ideais e pensamento científico helenista e incorporaram

à visão religiosa o repúdio à magia⁵. O autor comenta que “para Weber, o desencantamento do mundo ocorre justamente em sociedades profundamente religiosas, é um processo essencialmente religioso, porquanto são as religiões éticas que operam a eliminação da magia como meio de salvação” (PIERUCCI, 1998, p. 08). Desta forma, corresponde à racionalização das religiões. A secularização, por outro lado, corresponde à dimensão social, na qual a sociedade, gradualmente, se emancipa dos dogmas religiosos.

Neste longo processo de racionalização das instituições, eventos históricos ocorreram em função do desenvolvimento científico e, posteriormente, tecnológicos. Dentre as mudanças que alavancaram o desenvolvimento moderno, as revoluções industriais são grandes responsáveis por alterações que tiveram impacto no plano geográfico, social, cultural e subjetivo dos sujeitos, com destaque para o crescimento urbano e êxodo rural. Neste momento, o surgimento de vilarejos no entorno das fábricas, a nova relação com o tempo - agora pautado na jornada de trabalho - as relações de comércio e com o dinheiro, as dinâmicas familiares são exemplos do funcionamento da vida e cultura moderna. O desdobramento da modernidade também pode ser observado através do encurtamento das distâncias por meio de avanços tecnológicos como a invenção da prensa de tipos móveis, o surgimento das ferrovias, a comunicação via telégrafo e, posteriormente, o telefone, rádio, televisão, internet, até chegar aos dias atuais.

Todas essas cristalizações do mundo moderno interferiram para além das dinâmicas do entorno social, afetando as vivências, experiências e consciências, visto que, a formação das subjetividades coletivas e individuais ocorrem em conjunto com os processos sociais que nos cercam. A consolidação e racionalização das instituições são um dos aspectos mais notáveis da modernidade que, segundo Berger e Luckmann (2012, p. 19), as mesmas correspondem a “reservatórios históricos de sentido”.

Tendo em mente que a certeza concedida pelas leis da igreja mantinha grupos coesos de sujeitos que já possuíam o destino definido antes mesmo do nascimento, dependendo da família, grupo étnico, religioso a qual pertenciam. A razão absorvida pelos Estados seculares ocupou-

⁵ Enquanto magia subentende-se como crenças adquiridas e cultivadas culturalmente e que não possuem um fundo racional. Refutada, primeiramente, pelos princípios científicos e incorporada, posteriormente, pelas religiões, a magia, do ponto de vista religioso, corresponde a não adesão a uma cosmovisão e a utilização da crença como prática utilitarista. A religião, enquanto instituição, possui uma moralidade e uma doutrina que deve ser seguida pelos fiéis, assim como cientistas precisam seguir os procedimentos metodológicos para realizar uma pesquisa ou um projeto. Desta forma, crenças ou usos pessoais de elementos, tanto religiosos quanto científicos, escapam ao controle doutrinário ou rigor científico, isto posto, há um combate à magia para evitar a perda de coerência e coesão conquistada pela racionalização dessas duas instâncias (PIERUCCI, 1998).

se da organização do espaço social, da administração pública e organizou a sociedade com base em leis e princípios a serem seguidos. As grandes comunidades fraternas formadas por laços familiares e de amizades perdem a força coletiva devido ao ritmo da vida moderna, organizada em torno da nova estrutura do Estado, bem como o já citado horário de trabalho, arquitetura e rotinas urbanas que passam a ser pensadas nos moldes de uma cultura global.

Estas mudanças estruturais, especialmente no ocidente, convergem com o estabelecimento de novos sistemas político-econômicos. A passagem do feudalismo para o capitalismo foi progressiva, entretanto, desde o seu estabelecimento, as transformações se estenderam muito além do plano econômico. De acordo com Weber (2013), o fortalecimento do capitalismo ocorreu em conjunto a implementação de uma racionalidade religiosa puritana e vocacional. A moralidade do trabalho árduo, como premissa para a redenção divina, resultou no acúmulo de recursos e o aumento do valor das heranças deixadas para as próximas gerações. Este fato instituiu uma disputa entre as famílias com maiores bens, resultando na criação de uma moralidade individualizante que viria a ser instigada gradualmente, pois se mostrou eficiente para economicamente. Ao passo da modernidade, a esfera coletiva é enfraquecida devido à insurgência do individualismo e a centralidade do sujeito. Assim sendo, o desenvolvimento das sociedades modernas esteve pautado no aumento das potencialidades e crescimento individual.

Com as comunidades de sentido enfraquecidas pela reclusão social e o apagamento de uma instituição maior e reguladora de todas as esferas da vida como era a igreja, os sujeitos encontram-se à deriva, em um mar de escolhas e responsabilidades. Beck (2002), ao investigar as sociedades pós-industriais, afirma que o avanço da modernidade vem acompanhado com a produção social da riqueza e, conseqüentemente, os riscos. Giddens (2002, p. 11) partilha desse mesmo entendimento ao afirmar que “a modernidade reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas ao mesmo tempo introduz novos parâmetros de risco, pouco conhecidos ou inteiramente desconhecidos em épocas anteriores”. Por risco compreende-se as incongruências da vida moderna, como o aumento da riqueza e o crescimento da desigualdade, a luta pela alimentação diária e direito ao trabalho enquanto outra parcela da população sofre com os efeitos da obesidade e sobrecarga das funções, mal pagamentos e ritmo acelerado dos grandes centros urbanos. Desta forma, as sociedades do risco são marcadas pela reflexividade, na qual a solução para um problema social acaba por acarretar em conseqüências nocivas em outra esfera.

Diante da contingência da vida moderna, a dissolução das certezas e o crescimento das inseguranças, a autorresponsabilização sugere aos indivíduos um olhar reflexivo para suas ações, na tentativa de serem cada vez mais assertivos, em uma contínua jornada de autodescobrimento e experiências próprias. Inspirado por Beck, Giddens (2002) analisa a sociedade moderna do ponto de vista das afetações que essas transformações sociais ocasionam nos indivíduos. Pensando neste cenário de perda de referência e identidade, acelerado processo de comunicação, centralidade nos sujeitos e transformações estruturais que tiveram início nos princípios da era moderna e se estendem à contemporaneidade, Giddens (1989) afirma que a estrutura social não é exterior aos indivíduos. Isto implica pensar que as sociedades marcadas pelo risco marcam também as estruturas subjetivas dos sujeitos. Partindo disto, o autor se propôs a investigar a segunda face desta dualidade, a constituição do sujeito social.

Segundo Giddens (1989), a conduta humana é marcada por conflitos desde os primeiros dias de existência. Ainda recém-nascido, o bebê é confrontado pelo que o autor chama de confiança e desconfiança básica e consiste na experiência em lidar com as ausências dos pais. Para um ser que esteve ligado desde a concepção ao corpo da mãe, o mínimo afastamento pode significar a deserção e desproteção. Ao passo que se torna regular a ausência e presença dos pais, por períodos cada vez mais prolongados, é percebido pela criança como algo natural e é estabelecido enquanto

[...] um sentido de confiança na continuidade do mundo objetivo e no tecido da atividade social depende de certas conexões especificáveis entre o agente individual e os contextos sociais através dos quais esse agente se movimenta no decorrer da vida cotidiana (GIDDENS, 1989, p. 70).

Desde a infância até a idade adulta, os sujeitos são interpelados por estes fluxos de ausência e presença de proteção e, encontrando na regularidade da rotina, sentidos que confirmam confiança. Entretanto, “a ruptura e o ataque deliberadamente sistemático das rotinas habituais da vida produzem um alto grau de ansiedade, uma eliminação das respostas socializadas associadas à segurança” (GIDDENS, 1989, p. 73). Nas sociedades marcadas pelo risco e pela imprevisão, como há de se pensar, há uma descontinuidade do sentimento de proteção, seja pelas crises econômicas, violência, desemprego, crises institucionais e mudanças paradigmáticas em decorrência do avanço tecnológico. Neste cenário, os sujeitos têm de adequar suas condutas diante das pressões que surgem do social. Este ciclo de continuidade e descontinuidade do devir moderno afastam os sujeitos contemporâneos das maneiras prévias de viver, tornando a existência sem referências e marcadas pela insegurança.

Sendo assim, a confiança no sentido cognitivo, existencial e emocional é adquirida nas primeiras experiências da vida e confrontada pelas imprevisões da vida cotidiana. Para Giddens (2002, p. 42) “conexões centrais são estabelecidas entre a rotina, a reprodução de convenções coordenadoras e os sentimentos de segurança ontológica nas atividades posteriores do indivíduo”, ou seja, a manutenção do sentimento de confiança é abalado pela vulnerabilidade na qual os indivíduos modernos estão expostos. Isto posto, a quebra da rotina representa uma perda de referencial e os sentidos da própria existência, em um plano mais profundo. De um ponto de vista mais palpável, a segurança ontológica é afetada pela multiplicidade escolhas e a coexistência de diferentes culturas. Desta forma, os sujeitos são impelidos a direcionar as suas vidas em busca de comunidades e atividades que confirmem sentido de pertencimento.

Nesta mesma lógica, Berger e Luckmann (2012) afirmam que a perda da autoevidência e o pluralismo moderno proporcionam uma sociedade ansiosa em busca de respostas e estabilidade. Entretanto, os autores ressaltam que as crises subjetivas de sentidos não pertencem aos sujeitos, sendo ocasionadas pela própria estrutura social. Temos como exemplo a igreja na era medieval que buscava “trazer todas as pessoas para um espaço de poder e mantê-las dentro de um único, comum e supraordenado sistema de sentido” (BERGER; LUCKMANN; 2012, p. 43). Na atualidade, o pluralismo caracteriza-se pela coexistência de diferentes estilos de vida, mesclas culturais e a disposição de diferentes referências comunitárias como a diversidade religiosa, grupos étnicos, coletivos de luta social cabendo a cada sujeito buscar seu pertencimento, não sendo mais papel das instituições determinar como experienciar a realidade.

Transferindo o olhar para o Brasil, este é um país marcado pela desigualdade das condições de vida, violência estrutural, crises políticas e, ainda, em processo de desenvolvimento. É um espaço onde a moralidade racista é herdada historicamente por ser o maior importador de escravos e o último do continente americano a abolir a escravidão. Por outro lado, é um lugar bem com vasta diversidade cultural devido à extensão geográfica, as diferentes correntes migratórias que assentaram residência neste território e às reminiscências da colônia portuguesa. Neste mosaico de referências e heterogeneidade, é compreensível a busca por paliativos simbólicos que cessem ou mascarem as crises de sentido dos brasileiros. Tendo em mente este cenário, temos algumas pistas para a adesão e circulação dos enunciados que são transmitidos pela Lei da Atração. Do ponto de vista do objeto de investigação desta pesquisa, Gisela Vallin é muito mais que uma porta-voz destas angustias que permeiam o social. Não só é afetada, como também reproduz, através do seu discurso, a vulnerabilidade na qual

estamos submetidos. Quando a terapeuta faz uso de exemplos de como utilizar a Lei da Atração para atrair dinheiro e sucesso, expõe à condição brasileira de desigualdade social e pobreza, entretanto, ao invés de problematizar esta questão, se alia ao discurso meritocrático que apaga este problema estrutural e joga para os indivíduos a missão de apaziguar através de artifícios simbólicos como o suposto “poder da mente”. A Lei da Atração pode ser observada pela ótica de Berger e Luckmann (2012, p. 21), como sistemas que “pretendem explicar e regular significativamente (teodiceias) a conduta do indivíduo, tanto na relação com a sociedade e nas rotinas do dia a dia, quanto na superação de suas crises em vista das realidades que transcendem o cotidiano”, ou seja, conferir sentido e segurança.

De acordo com Safatle (2015), o afeto cultivado coletivamente pelos brasileiros e que faz com que nós construamos nossas relações entre indivíduos, instituições e sociedade é o medo. Este medo pauta-se na apreensão em correr riscos, como a perda de propriedades, sobretudo o partilhamento das mesmas que foram conquistadas pelo trabalho e mérito pessoal. Segundo Dunker (2015), em busca por um oásis de segurança, é comum à classe média brasileira isolar-se em uma bolha ideológica e social, evitando o contato com o outro, e alimentando o delírio de estar constantemente em risco, esgueirada pelo perigo que o diferente pode causar. Neste sentido, surgem as sociedades fictícias chamadas de condomínio. Safatle (2015) e Dunker (2015) compartilham o entendimento de que, nas sociedades neoliberais, a situação do risco é utilizada enquanto uma estratégia de governo, pois o medo de que algo terrível nos espreita seria a condição para que aceitemos as coerções sociais em troca de segurança. O medo é, portanto, alimentado e está latente na engenharia social. Assim como os moradores se submetem às rígidas regras do condomínio, outros dispositivos como a Lei da Atração ditam suas condições como o bloqueio de emoções, a proibição de pensamentos em troca dos benefícios a serem concedidos como proteção, felicidade e sucesso.

Nesta uma ambiência marcada por incertezas e ambiguidade, é percebido um clamor social por algo que Giddens (2002) denomina enquanto um casulo protetor, no qual forneça uma consistente convicção de segurança, um sentido para existência e respostas para os anseios pessoais. Ocupando esta brecha de vulnerabilidade que, historicamente, se estende, a Lei da Atração apresenta-se como o apaziguamento destas inquietações. Entretanto, existem outros sistemas anteriores que se disponibilizavam em elevar a consciência individual, desenvolver as potencialidades humanas e prometer fórmulas da felicidade como é o caso da literatura de autoajuda.

No item a seguir, observamos a Lei da Atração enquanto uma atualização do discurso de autoajuda que se alia a elementos místicos e às mídias digitais, é de suma importância compreender o que representa e como se desenvolve este mercado editorial de aconselhamento. Para tanto, a seção seguinte é destinada para observarmos a maneira como a autoajuda se estabelece na sociedade e as novas formas midiáticas de circulação deste discurso.

2.2 DOS BEST-SELLERS DE AUTOAJUDA AO COACH DIGITAL: O ACONSELHAMENTO NA CONDUÇÃO DA VIDA

Com base na discussão prévia, podemos tecer inferências de que os modos de vida contemporâneos são reflexos de um contínuo desenrolar da história da modernidade, tais como perda de evidência da religião enquanto gerenciadora do tecido social e a racionalização do Estado que emanciparam os mesmos do domínio de leis religiosas. Em consequência a este processo de secularização, as crenças passam a pertencer à esfera individual e, assim como outros aspectos da vida social, a coletividade perde força na era moderna.

A fé passa a fazer parte do plano pessoal de cada indivíduo. Este está à frente de sua própria vida, fazendo escolhas e optando pelos caminhos a serem seguidos. Esta liberdade em construir a própria história é marcada por inseguranças e ansiedades (GIDDENS, 2002) tendo em vista que a contemporaneidade é marcada pelo avanço em mudanças de estilos de vida pautados no modelo político-econômico capitalista. Nesta ambiência ambivalente, a carência de segurança e de sentidos afeta as subjetividades e a busca por certezas, não mais encontrada nas tradicionais instituições sociais, passa a ser em meio alternativos como a mídia, grupos de vivência, comunidades ideológicas, étnicas e culturais. Dentre estas alternativas, se destaca o discurso de autoajuda, visto que este seduz facilmente aqueles que estão em busca de respostas, conselhos, palavras de ânimo e soluções para os dissabores da vida cotidiana.

Para Rüdiger (1996), a literatura de aconselhamento teve origem na crença do poder da mente e no potencial humano, articulada à cultura de massa. Para o autor, o sucesso do mercado editorial dos livros de autoajuda é reflexo da despersonalização e individualização dos sujeitos modernos que, em meio aos avanços, se perdem e confundem-se com a máquina social. Castellano (2014) compartilha desta visada ao trabalhar com a ideia de que a autoajuda oferece soluções milagrosas, ancoradas em um discurso genérico e exemplos de sucesso para os sujeitos

que buscam, dentro de si mesmos, por aspectos que auxiliem no autoconhecimento e aprimoramento pessoal de forma rápida, barata e por meio de técnicas individualizantes.

Os livros de autoajuda, seguidamente, estão na lista dos mais vendidos do país. Dentro das livrarias físicas e virtuais, são os primeiros títulos a serem exibidos, além de receberem um espaço reservado para os mesmos, tendo em vista a quantidade de exemplares que se encaixam neste gênero. A livraria Saraiva, uma das maiores do Brasil, revelou quais os 10 livros que mais tiveram saída no ano de 2018, dentre eles, oito são de aconselhamento. De acordo com o site Publish News⁶, o livro a “A sutil arte de ligar o foda-se”, da editora Intrínseca, é o título mais comercializado em 2019, no Brasil, totalizando mais de 350 mil cópias.

Figura 2 - Livros mais vendidos em 2018



Fonte: Publish News (2019)

A felicidade vendida pelo discurso da autoajuda é, sem dúvida, o objeto de desejo e objetivo de vida de muitos sujeitos na atualidade, não obstante, inseridos em uma lógica puramente comercial, surgem dispositivos que se dispõem a preencher esta lacuna que permeia as identidades e subjetividades modernas. Os planos para ser feliz embarcam, muitas vezes, em soluções que beiram o discurso mágico, como é o caso de atrair bens materiais e abstratos com o poder da Lei da Atração. Ser um sujeito feliz parece ser a condição moderna da existência, na qual todos os esforços individuais apontam para este único caminho. De acordo com Dunker

⁶ Disponível em <<https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2019/0/0>> Acessado em 26, novembro, 2019.

(2015), o mal-estar, comum à natureza do ser humano, é tratado na contemporaneidade enquanto doença. A cultura da patologização do sofrimento é fruto de uma sociedade pautada pelo desempenho e meritocracia, em um espaço que não tolera a insatisfação.

Do ponto de vista psicanalítico, o entendimento sobre bem-estar e sofrimento é inverso. Para tanto Dunker (2015, p. 25) afirma:

Em outras palavras, um sintoma é um fragmento de liberdade perdida, imposto a si ou aos outros. Por isso, há algo que concerne a todos, de maneira universal, em cada uma das formas particulares de sofrimento. Assim, a normalidade é apenas normalopatia, ou seja, excesso de adaptação ao mundo tal como ele se apresenta e, no fundo, um sintoma cuja tolerância ao sofrimento se mostra elevada.

Segundo o autor, o sofrimento seria uma manifestação da liberdade individual que foi perdida no processo civilizatório e, a normalidade, um excesso de adaptação e aceitação da realidade. Ser normal ou encaixar-se nos padrões atuais de normalidade, seria um sintoma de alta capacidade em aceitar o sofrimento que é inerente à natureza humana e à vida em sociedade. O mal-estar, assim sendo, e não a felicidade, é um estado comum de experimentação do real. Neste sentido, o adoecimento, sobretudo psíquico, é a manifestação de um descontentamento com o social e a cultura, um suspiro de liberdade diante da ditadura da felicidade (FREIRE FILHO, 2010).

Rüdiger (1996) aponta que o primeiro autor que poderia ter dado início ao gênero literário foi Samuel Smiles, em 1859, quando publicou um estudo sobre um grupo de trabalhadores analfabetos que se reunia no intento de aprender a ler e escrever por conta própria. Este ato de explorar os potenciais humanos é conhecido como *self-help* e tem por objetivo motivar a força de vontade em cultivar bons hábitos. Neste primeiro momento, a autoajuda tinha como foco a formação de caráter, visto que, à época, vigorava um forte moralismo relacionado à elevação pessoal através do trabalho. Esta moralidade do ofício como vocação e salvação vai ao encontro do que Weber (2013) concebe enquanto a gênese do capitalismo. Inspiradas por esta lógica, muitas empresas aderiram a este movimento, promovendo palestras com grandes escritores do gênero, na intenção de elevar o engajamento dos funcionários por meio de estratégias motivacionais, como a mudança do léxico em que trabalhadores passam a ser chamados de “colaboradores” e a empresa enquanto “organização”, com vistas à uma suposta horizontalização do quadro de pessoal.

No final do século XIX, eclode nos Estados Unidos o Novo Pensamento que consiste em um fenômeno cultural e espiritual de classe média que tinha por objetivo desenvolver o

potencial humano através de questões metafísicas. Segundo Rüdiger (1996), este movimento partia da premissa básica de que, aquele que controla o pensamento torna-se senhor de si, sendo capaz de conquistar e manter uma saúde perfeita, se apossar de uma posição de prestígio na sociedade através do sucesso que obtém em todas as esferas da vida. A premissa adota por esta pesquisa de que o fenômeno midiático Lei da Atração consiste em uma articulação do discurso de autoajuda a elementos esotéricos confirma-se, pois, assim como o Novo Pensamento, ambos movimentos se qualificam como porta-vozes de uma “sabedoria milenar” (RÜDIGER, 1996) que prometem resultados milagrosos. Tanto a nova vertente da autoajuda, como a Lei da Atração concebem o pensamento como uma fonte criadora de riquezas e realidades desde que os sujeitos controlem suas mentes para atingir o tão esperado sucesso.

No século XX, por sua vez, o discurso de empoderamento pessoal focado no sucesso e crescimento financeiro passa a ser influenciado pela cultura religiosa oriental importada pela o Brasil. Nos anos 50, foi inaugurada a primeira sede Seicho-Nô-iê em São Paulo. Na década de 70, surgem os primeiros grupos e associações à Sociedade Internacional da Consciência de Krishna (MAGNANI, 2000). À medida que o movimento oriental se expandia, as pautas midiáticas passam a acompanhar este crescimento. Surgem revistas focadas em alimentação macrobiótica, cura de doenças através de procedimentos naturais, contato com a natureza e outros aspectos que compõem uma nova inspiração religiosa, a Nova Era. A inserção de conteúdo conselho em produtos midiáticos é observável nas mais diversas plataformas, desde as revistas impressas como demonstra Tavares (2011) ao pesquisar a revista *Vida Simples* que possui o projeto editorial voltado à elaboração de dicas de bem viver, bem como as formas sensíveis de abordagem sobre a qualidade de vida na sociedade contemporânea. Entretanto, foi no mercado editorial de autoajuda que este tópico teve início, mas é necessário ressaltar que o mesmo não esteve restrito ao gênero literário. Para Marín-Díaz (2015), a autoajuda encontra-se em diversos formatos como em quadros em programas televisivos, seções de conselhos em mídia impressa, sites focados no assunto, serviços de bem-estar social, terapias e conselhos escolares que ensinam técnicas de bom comportamento e saúde.

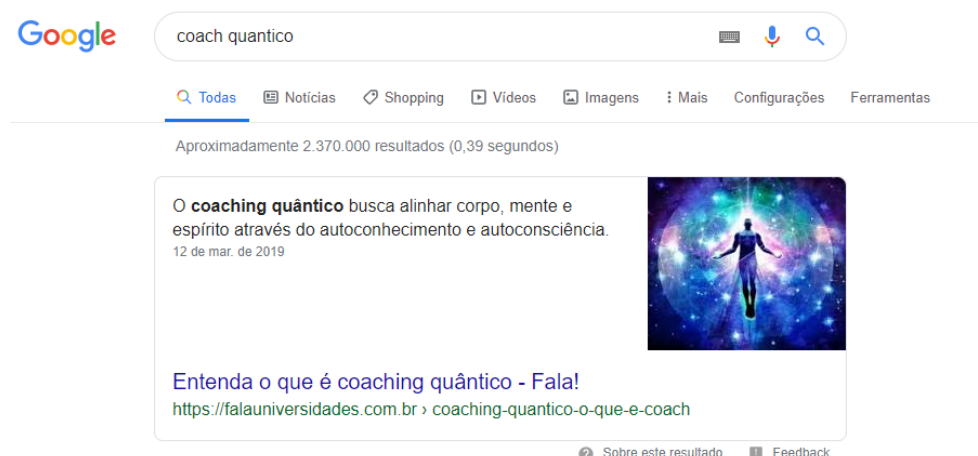
Desta dinâmica, inicia uma nova fase dos livros de autoajuda, agora, com foco no autocontrole, no aumento das faculdades humanas, a ligação com uma força superior e no poder divino que existe dentro de cada um. Segundo Marín-Díaz (2015, p. 10), a autoajuda é uma

Estratégia para a condução das condutas de indivíduos que se consideram a si mesmos como agentes autônomos e empresários de si mesmos, indivíduos dispostos a se transformar e incrementar seu capital (*freelancer*) para alcançar a ascensão social e profissional, num mundo regido pela economia geral do mercado.

Por meio destas práticas de aprendizagem de uma nova personalidade, os indivíduos não investem em um capital, pois tornam-se o próprio recurso a ser investido. Segundo Marín-Díaz (2015), a autoajuda possui três características fundamentais: a exercitação, a individualização e a condução. No contexto de uma aplicação das lições ensinadas, os sujeitos são incitados a conhecerem a si próprios por meio de exercícios diários, se colocando em vigilância aos padrões comportamentais; passa-se para o segundo passo que consiste em reconhecer-se enquanto o responsável pela própria vida; e, por fim, o reconhecimento destas novas condutas como condição para alcançar sucesso e felicidade.

Atualmente, embalados pelo sucesso editorial da literatura de aconselhamento e pela popularização dos *coaches* de treinamento esportivo, aperfeiçoamento profissional, potencializadores de recursos humanos no ambiente corporativo e líderes de carreira, por exemplo, surgem nas redes sociais os *coaches* “quânticos”. Em plataformas como o Facebook, Instagram e Youtube⁷ é substancial o número de perfis e páginas profissionais de pessoas que trabalham comercialmente com o treinamento de indivíduos ou coletivamente. Nos sites de busca, são encontrados mais de 2 milhões de resultados referentes ao termo “coach quântico”.

Figura 2 - Pesquisa por "Coach Quântico"



Fonte: Google (2019)

⁷ O canal Spotniks no Youtube realizou uma série de vídeos denominada como “Preconceito” e tinha como objetivo colocar duas pessoas com visões de mundo e ideologias divergentes para conversar, entretanto, ambas não sabiam do posicionamento do outro interagente. Em uma oportunidade, um *coach* quântico e uma psicóloga debateram sobre as aproximações e distanciamentos entre as duas áreas. Esse foi um dos vídeos mais vistos e replicados do canal, com quase 2 milhões de visualizações, gerando uma onda de *reacts* (produção de vídeos em que pessoas assistem e reagem ao conteúdo). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XE67NDX9Ci8>> Acessado em 26, novembro, 2019.

Dentre estes resultados de busca, grande parte refere-se à venda de cursos para treinamento de futuros *coaches*. Sem qualquer regulamentação, reconhecimento do certificado ou amparo por parte de conselhos de profissionais e sendo financeiramente custoso, é possível afirmar que os mesmos são distribuídos por uma lógica de mercado operante, sem garantias relativas à qualidade de formação. Não é requisitada nenhuma formação específica como psicologia, serviço social ou psiquiatria. Tendo em vista que estes sujeitos irão cobrar um valor para a prestação do serviço sem que haja a garantia de segurança para o cliente, tampouco de que os mesmos tenham a capacidade para lidar com as emoções, traumas e criar diagnósticos, bem como prescrever procedimentos terapêuticos, é necessário que haja uma fiscalização da prática. Para tanto, o Conselho Federal de Psicologia afirma que a técnica de *coaching*, no que tange o treinamento individual e coletivo na intenção de alcançar metas, deve ser aplicada por psicólogos cadastrados no CRP (Conselho Regional de Psicologia).

Ademais, qualquer profissional que não esteja inscrito no CRP, e que se utilizar de métodos e técnicas privativas da(o) psicóloga(o) durante sessões de *coaching*, ou que desenvolva, de alguma forma, atribuições restritas à Psicologia, estará incorrendo em exercício ilegal da profissão, de acordo com o art. 30 da Lei nº 5.766/71, e art. 47 da Lei das Contravenções Penais, sob pena de prisão simples ou multa (Decreto-lei Nº 3.688, de 3 de outubro de 1941).

No caso dos *coaches* quânticos, as referências a tratamentos holísticos e integrativos dão pistas de uma vertente religiosa esotérica. Sob esta nomenclatura, o *coach*, detentor da técnica, simboliza para além da figura portadora de uma verdade milenar e mística, sobretudo como um emissário de conhecimentos científicos que se cristalizam por meio dos termos “quântico”, “neuro” e “lei”. Para tanto, Rüdiger (1996, p. 34) contribui ao afirmar que “com o progresso do individualismo, o velho homem religioso tornara-se anacrônico, surgira a necessidade de educar as massas com uma fé que fosse também um conhecimento”. No caso do objeto de investigação desta pesquisa, a youtuber e terapeuta holística Gisela Vallin, é observado um constante apego a termos científicos da psicologia e de outras áreas de conhecimento como história e física para argumentar sobre os efeitos “infalíveis” da Lei da Atração, ainda que a base discursiva seja de cunho religioso.

Tendo em vista que não faz parte dos objetivos desta pesquisa, bem como a autora não esteve envolvida em estudos anteriores, não é possível caracterizar o público consumidor da autoajuda. Primeiramente, pela vastidão de livros que discorrem por diferentes tópicos, desde planejamento financeiro, abertura de uma empresa própria, conquista de amigos, dicas de como tornar-se uma pessoa mais atrativa e interessante, até técnicas em como influenciar o comportamento de outrem. Nesse sentido, seria necessário realizar um recorte por

especificidades do gênero. Segundamente, pela característica difusa do discurso de autoajuda. Este é incorporado pela instância midiática e distribuído em distintos formatos como no caso das dicas de bem-viver em revistas especializadas, propostas terapêuticas e, também, a autoajuda é muito utilizada dentro das empresas para incentivar o engajamento dos funcionários com a corporação. O terceiro ponto a ser frisado diante desta dificuldade em traçar um perfil se dá pelo fato de que autoajuda mascara o seu discurso como no caso do *coaching* ou Lei da Atração ou terapias alternativas. Isto posto, somos diariamente interpelados por discursos de cunho de conselho. Por vezes, a autoajuda é consumida sem que se saiba que, por certo, o é e este atributo é estratégico, para que a mesma possa flutuar por diferentes áreas de saberes, formatos e públicos, aumentando as chances de ser incorporada.

Mesmo diante destes desafios, é possível tecer a inferência de que a grande procura por técnicas de aconselhamento e produtoras de novas condutas é característica de um sistema social meritocrático e pautado pela lógica de mercado. No momento em que a felicidade passou a ser desejada enquanto objeto de consumo, não faltam alternativas, dispositivos e procedimentos que se disponibilizem para tal. Seja por meio de livros, editoriais em revistas, páginas em redes sociais ou contratação de serviços de *coaching*, o discurso da autoajuda é um dispositivo de aprendizagem contemporâneo (MARÍN-DÍAZ, 2015). Esta discussão será aprofundada nos capítulos seguintes, quando será realizada uma análise da Lei da Atração pela perspectiva do sistema político-econômico vigente em relação às formas de governo e a produção midiática atual.

Na próxima seção, será abordada o aspecto religioso que permeia a Lei da Atração, bem como a autoajuda e o fenômeno dos *coaches* quânticos, como vimos. A fé, pautada no conhecimento, é umas das características marcantes do movimento cultural e religioso Nova Era que envolve o esoterismo à literatura de aconselhamento e técnicas terapêuticas.

2.3 MOVIMENTO NOVA ERA E A MÍSTICA DO CIENTIFICISMO RELIGIOSO

Como visto no tópico anterior, o mercado editorial dos livros de autoajuda passa a ocupar uma lacuna, um tanto afetiva, deixada de lado na sociedade devido ao processo de racionalização e secularização do Estado. A função de aconselhamento e condução da vida,

anteriormente ocupada pela igreja, passa a estar presente em páginas de *best-sellers*, movimento que pode ser uma das explicações para o sucesso de vendas deste gênero literário.

No Brasil, a popularização da autoajuda coincide com a importação do movimento *New Age* que surge nos EUA como um ato de protesto contra a cultura do consumo, ao mesmo tempo que se colocava como alternativa religiosa (GUERRIERO, 2003) em um momento em que as igrejas perdiam fiéis por não se adaptarem aos moldes da sociedade contemporânea. A Nova Era, como é chamada pelos brasileiros, consiste em uma religião pós-moderna, adaptada aos tempos, exigências e aspirações atuais. Segundo Magnani (2000) caracteriza-se por ser uma religiosidade individualizante, pois não possui uma divindade central e concebe o praticante como o próprio templo e oficiante religioso, na qual se liga aos cosmos através de procedimentos transcendentais. Para Guerriero (2000), a Nova Era é um movimento religioso heterogêneo e fragmentado, caracterizado pelo apego à natureza e as práticas e rituais ancestrais.

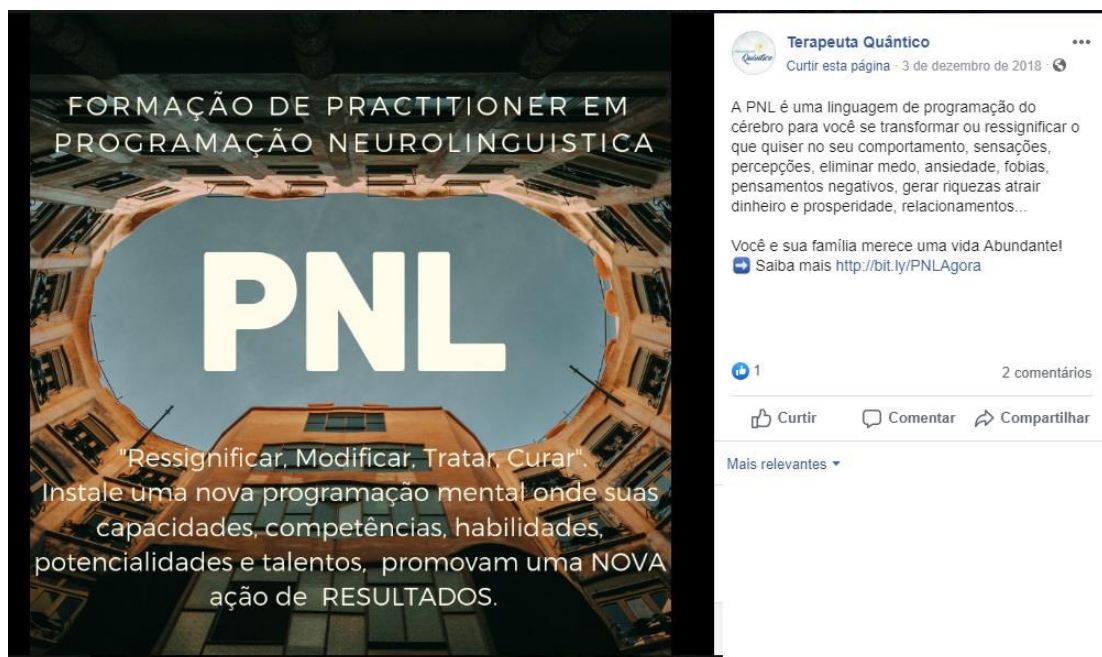
Nascida no berço do consumo, a Nova Era apresenta-se como uma religião cética (GUERRIERO, 2000), ou seja, que acredita nos potenciais da ciência ao mesmo tempo que não se desliga de elementos como a fé em uma força superior. O ritmo de consumo materialista, ao mesmo tempo em que é criticado pela crença, é endossado através da compra e produção de artigos religiosos como mapas astrológicos, artigos orientais, indumentárias de iogues, incensos, cristais, entre tantos outros. Segundo o autor, a Nova Era caracteriza-se por uma racionalidade científico-religiosa que foi muito bem recebida pelas classes médias, tanto norte-americanas como brasileiras. Este seria um dos motivos para que, as distintas técnicas terapêuticas que propõe, se tratem da união da religião com uma racionalidade científicista.

Apesar dos esforços em mascarar os procedimentos terapêuticos, especialmente os ligados à saúde, enquanto técnicas de caráter científico como a utilização de termos “quântico”, por exemplo, estes não possuem nenhuma fundamentação ou comprovação científica. Tendo em mente que grande parte dos métodos difundidos pela Nova Era para promover mais equilíbrio e restituir a saúde do corpo como uso da energia de cristais, chás, utilização de ervas para controle de doenças graves ou incuráveis são de cunho integrativo, ou seja, não são recomendados para utilização enquanto um tratamento tradicional prescrito por profissionais, especialmente, pelo fato de que a premissa para que se obtenha resultados é que os sujeitos acreditem no procedimento. Ainda que importe, por vezes, um vocabulário de áreas do conhecimento científico, estas técnicas são, na essência, rituais religiosos.

Um exemplo desta articulação entre discurso religioso e cientificidade é a própria Lei da Atração e suas variações nominais como “física quântica” e “força do pensamento”. Na figura a seguir, temos o exemplo do tratamento não-convencional chamado de Programação Neurolinguística (PNL). Este consiste em um modelo terapêutico que se propõe a modificar os padrões mentais dos sujeitos que são adquiridos a partir das histórias, experiências, traumas e valores individuais. Por meio de procedimentos como hipnose, utilização de frequências sonoras e técnicas de repetição verbal, tem como premissa transformar estes padrões com o objetivo de oferecer uma nova personalidade e estrutura psíquica. Em grande parte dos casos, a programação é ofertada por terapeutas holísticos em conjunto com elementos esotéricos.

A grande difusão da PNL na contemporaneidade nos traz pistas sobre o contexto social neoliberal em que estamos inseridos. Partindo da hipótese de que há uma técnica que promete remodelar a mente, instalando uma nova consciência, bem como tendo reflexos sobre o corpo físico, é preciso atentar ao que suscita a emergência de procedimentos como tal, bem como o porquê de os sujeitos serem instigados a performar, mecanicamente, uma conduta não natural para atender exigências externas. Foucault afirma que (2008, p. 316) “em todo caso, podem-se repensar todos os problemas da proteção da saúde, todos os problemas da higiene pública em elementos capazes ou não de melhorar o capital humano”. Neste sentido, a prática da PNL em agregar o discurso motivacional da autoajuda ao léxico científico e realizar-se por meio de rituais religiosos, pode ser concebido como uma estratégia de veiculação de uma racionalidade neoliberal que impõe a saúde e a alta performance social a um corpo tido como uma “máquina” que é otimizada através de diferentes procedimentos.

Figura 3 - Programação Neuro-Linguística



Fonte: Facebook (2019)

No Brasil, um dos grandes difusores da técnica PNL é o médico e escritor de livros de autoajuda, Lair Ribeiro. Atualmente, vive nos Estados Unidos e seu contato com o público brasileiro se dá pelo site⁸ em que comercializa cursos, livros e DVDs que abordam as doenças de um ponto de vista não tradicional. Não obstante, o mesmo é reconhecido pelos vídeos que circulam no Youtube no qual ensina técnicas para alcançar o sucesso pelos mesmos princípios da Lei da Atração: o pensamento como uma suposta força de cocriação de realidades.

O médico esteve envolvido em duas polêmicas que foram alvo de investigação criminal e noticiadas pela mídia. A primeira refere-se ao fato de o jornalista Marcelo Rezende ter abandonado o tratamento convencional para câncer em detrimento da adoção de uma abordagem alternativa, por meio de dieta especial, para o controle da doença⁹. Quando o mesmo veio a óbito, houve uma investigação para apurar o caso e avaliar a conduta profissional de Lair Ribeiro que esteve envolvido na decisão de deserção da quimioterapia. Foi descoberto que o mesmo não possui licença para prestar consultas no Brasil, bem como os procedimentos prescritos por ele eram assinados por uma outra médica especializada em ginecologia. Outro

⁸ Disponível em < <https://lairribeiro.com.br/> > Acessado em 27, novembro, 2019.

⁹ Disponível em < <https://veja.abril.com.br/entretenimento/record-confirma-tratamento-de-marcelo-rezende-com-lair-ribeiro/> > Acessado em 27, novembro, 2019.

fato que chama a atenção para a atuação de Ribeiro foi o envolvimento na divulgação da substância MMS (*Miracle Mineral Supplement*) que nada mais é que dióxido de cloro, água sanitária, comercializada sob o pretexto de ser a cura milagrosa para o autismo e HIV. Segundo o jornal O Globo¹⁰, Lair Ribeiro apoiou o uso como tratamento médico e indicou possíveis benefícios. Em 2018, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) proibiu a fabricação, comercialização e uso do suplemento por se tratar de um crime à saúde.

Estes dois casos ilustram como o discurso religioso pode ser articulado a práticas terapêuticas que performam um caráter científico. Lair Ribeiro é conhecido por alinhar a medicina às crenças novaeristas como força do pensamento, curar doenças e enriquecer a partir da aceitação de que pertencemos a um cosmos divino. Diante do aumento da oferta de conteúdo na web sobre aconselhamento e terapias não convencionais, é importante salientar sobre os perigos que habitam na difusão de procedimentos ligados a crenças, visto que estes repousam sobre o relativismo de quanto o paciente acreditou no poder de cura e não sobre a comprovação da real eficácia do mesmo.

Para grande parte destas técnicas, a crença em energias positivas e negativas, em karma¹¹ e a multiplicidade de realidade paralelas é pertencente à cosmovisão da Nova Era que alia o misticismo da religiosidade a conceitos esvaziados da física e química teórica como física quântica, átomos, reações entre elementos. As aproximações entre a autoajuda e o movimento religioso são evidentes nos produtos que propõem mudar a vida dos sujeitos através do treinamento mental. De forma casada, ambos discursos passam a ser afetados. A religião passa a incorporar uma linguagem imperativa e de conselho, enquanto o gênero literário importou elementos de cunho esotérico para compor os seus fundamentos.

Um aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que a secularização do Estado permite a convivência de diversas religiões. Hervieu-Léger (2015) trabalha com esta perspectiva como uma característica própria da modernidade tardia. Na atualidade, os sujeitos não teriam mais a necessidade de pertencer a um núcleo religioso específico e seguir regras morais muito rígidas e sim compor sua própria experiência religiosa através da apropriação de elementos de diferentes vertentes e matrizes, fenômeno denominado pela autora como “bricolagem”. Neste

¹⁰ Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/anvisa-proibe-remedio-que-vendia-falsa-cura-para-aids-autismo-23645125>> Acessado em 27, novembro, 2019.

¹¹ Princípio que rege a filosofia religiosa oriental, como no budismo e no hinduísmo, entendendo que o destino do ser humano é determinado pelo conjunto de suas ações em vidas anteriores. As boas atitudes podem gerar carma positivo e as más podem resultar em carma negativo. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=carma>> Acessado em 07, junho, 2019.

sentido, a Nova Era representa esta bricolagem de elementos que vão do cristianismo, às religiões orientais como hinduísmo, a elementos do budismo como a meditação, ao apego à cientificidade proposta pela cientologia e antroposofia.

Crer na contemporaneidade caracteriza-se pela “singularidade das construções de crenças individuais, em seu caráter maleável, fluido e disperso e, ao mesmo tempo, na lógica dos empréstimos e reutilizações de que as grandes tradições religiosas e históricas são objetos” (HÉRVIEU-LÉGER, 2015, p. 22). Assim sendo, a Nova Era é a materialização de uma religiosidade de nosso tempo, fruto do desenraizamento e perda de identidades fixas e definidas pelo processo de globalização, avanço das sociedades modernas em uma lógica de funcionamento cada vez mais comercial. O fato desta religião importar elementos de crenças orientais por meio do consumo de artefatos é um exemplo de como a lógica de capitalização do crer é realizada, bem como a classe média foi a responsável pela recepção e difusão da mesma no Brasil.

O caráter cientificista da Nova Era atende, portanto, as demandas por uma crença que não se parecesse com religião (GUERRIERO, 2000). Na essência, todos os procedimentos que incorporam o léxico científico ou que são aplicados por profissionais como é o caso do médico e escritor de autoajuda Lair Ribeiro, passam pelo crivo da manifestação da fé. Os mecanismos que conferem eficácia não são decorrentes de comprovação científica e sim com base na crença em um ser místico como uma luz ou palavras com poder de cura; os “números sagrados” que aliam a numerologia à filosofia e matemática; poder dos astros que une a astrologia e a astronomia; a cromoterapia que mescla a compreensão da afetação das cores na percepção dos indivíduos; entre tantos outros rituais, sendo alguns mais seculares que os outros.

A possibilidade em praticar a Nova Era se dá justamente pelo momento histórico em que nos encontramos em que a religião perde sua força institucional (HÉRVIEU-LÉGER, 2015). As práticas destes procedimentos Nova Era não tem como pré-requisito ser identificado com esta crença, justamente pelo próprio fato de os próprios sujeitos pertencentes aos circuitos místicos não a identificarem enquanto religião. Desta forma, esta “bricolagem” como afirma Hérviu-Léger (2015) é reflexo da flutuação entre diversas vertentes ou rituais religiosos. Pessoas católicas ou evangélicas podem consumir elementos da espiritualidade Nova Era como é o caso das terapias alternativas, assim como um agnóstico submeter-se aos procedimentos da PNL. O contato com a espiritualidade esotérica, portanto, tem por característica o contato com a fé pela lógica do consumo. Ocorre aqui uma inversão do conceito weberiano de desencantamento do mundo (PIERUCCI, 1998), visto que a religião passa a agregar elementos mágicos e não-seculares à cosmologia.

Como vimos, no decorrer deste capítulo inicial, foi possível identificar os processos que confluíram para o estabelecimento do surto de aconselhamento atual. A ideia de ater-se às movimentações sociais e históricas é buscar, no próprio desenvolvimento e desenrolar da sociedade, respostas para muitos fenômenos que se manifestam como consequências destes da modernidade tardia. A racionalização do Estado e o crescente individualismo são a chave para compreender o sucesso dos livros de autoajuda, bem como a articulação de lógicas discursivas entre a literatura de conselho e a Nova Era. Na seção seguinte, estas questões serão complexificadas a partir de uma discussão mais profunda sobre poderes, governamentalidade e sistema econômico, ideológico na ambiência da sociedade midiaticizada, onde a mídia e a tecnologia passam a ser protagonistas no cenário cultural.

3. EMPREENDEDOR DE SI E ACONSELHAMENTO DIGITAL: REFLEXOS DO NEOLIBERALISMO NA SOCIEDADE MIDIATIZADA

Este capítulo é orientado a responder o objetivo específico que prevê a identificação das relações de poder e saber que se manifestam e se sustentam através das discursividades empregadas pelas técnicas da Lei da Atração. Para tanto, nos tópicos seguintes serão tensionados e problematizados conceitos como poder, estrutura governamental, cuidado de si, empreendedor de si, felicidade e cultura terapêutica para compreender em qual contexto político e econômico se manifesta a midiaticização da Lei da Atração. Da mesma forma é dedicado a uma abordagem teórica que também possibilite a compreensão a produção de sentidos, através da elaboração discursiva, na ambiência de uma sociedade midiaticizada, por meio do tensionado do conceito de midiaticização e as plataformas virtuais que se fazem cada vez mais presentes no cotidiano dos sujeitos, respondendo à uma lógica de mercado para a produção e difusão de conteúdo.

3.1 O CONTROLE SOBRE A VIDA E O DISCIPLINAMENTO MENTAL

O controle sobre a vida humana, segundo Foucault (2005), é um dos grandes fenômenos que marcam o século XIX. A tomada de interesse pelo biológico entra em vigor na medida em que o corpo deixa ser visto como instrumento e operacionalização de trabalho ou, ainda, como locus de execução penal, e passa a ser concebido enquanto objeto de estratégias de disciplinamento e controle populacional. Para aprofundar a discussão, se faz necessário elencar alguns conceitos sobre poder na perspectiva do autor.

O poder soberano, de acordo com Foucault (2005), é a forma de governo absoluto, na qual uma estrutura de poder, marcada pela figura de um ser soberano como um rei ou clérigo, exerce o controle sobre toda a população de forma unilateral. Nos primórdios das punições, os crimes eram combatidos através da violência pública e pelos espetaculosos suplícios (FOUCAULT, 2010). Partindo da ideia de que o soberano representa o Estado, qualquer delito cometido é uma ofensa pessoal à figura do rei. Dessa forma, o corpo torna-se a fonte de recepção de vingança e castigo das leis do poder soberano. Entretanto, com o desenvolvimento das sociedades e o crescimento urbano, esta forma de controle social, gradualmente, se tornar inviável devido ao aumento populacional. Haveria, portanto, de surgir um modelo de segurança

que possibilitasse trabalhar com um grande número de pessoas observadas para substituir o modelo de aplicação penal caso a caso.

Despontando de uma necessidade, “o direito de punir deslocou-se da vingança do soberano à defesa da sociedade” (FOUCAULT, 2010, p. 87), ou seja, o crime deixa de representar um atentado à figura representante do Estado e passa a ser um dano à complexidade social. Essa nova governamentalidade, denominada por Foucault (2010) como poder disciplinar, tem como objetivo aumentar a eficiência e produtividade humana, otimizar a organização do espaço de forma estratégica através da vigilância. Esse arranjo é, então, incorporado por instituições sociais como o sistema carcerário, as salas de aula e a disposição dos funcionários do espaço laboral, especialmente, dentro das indústrias.

Nesse sentido, Foucault (2010, p. 164) afirma que “a disciplina fabrica indivíduos, ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. Dessa forma, os sujeitos em constante vigilância passariam a incorporar uma atitude de governamentalidade, com a intenção de minimizar possíveis penas por infrações. Este modelo de controle esteve em vigor desde o século XVII e passa por alterações na tentativa de adequar-se às mudanças sociais que surgem no decorrer da modernidade.

Aos poucos, as estratégias de governamentalidade passam a ocupar-se, cada vez menos, com o homem-corpo, mudando o foco para o homem-espécie. Isto posto, o controle populacional entra em exercício através de técnicas e produção de saberes especializados e de controle coletivo como taxa de natalidade, estatísticas populacionais, nivelamento e padronização educacional, controle e venda de dados pessoais, tudo isso vem a ser chamado de biopolítica - o controle sobre a vida. Entretanto, é necessário salientar que não há uma substituição de poderes, não há uma passagem do soberano para o disciplinar e do disciplinar para o biopoder. Para tanto, Foucault (2005, p. 302) afirma “que o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica” passa a ser um normalizador da sociedade.

O estabelecimento de normas torna-se uma estratégia de governamentalidade que passa a ser aplicada e distribuída por meio de dispositivos de poder. Estes dispositivos podem ser compreendidos como prefiro chamar de “mecanismos de inteligibilidade”, ou seja, são suportes

que reúnem uma rede de saberes às possíveis aplicações de poder no espaço social. Neste sentido, a escola é um dispositivo ao passo que organiza uma série de conhecimentos, normaliza o que é compreendido como verdade, se alia a técnicas de disciplinamento como organização do espaço das salas de aula, horários, vestimentas e aplica-se através de planos pedagógicos.

É importante ressaltar que para Michel Foucault, a subjetividade, ou seja, a forma como os indivíduos tornam-se sujeitos é de extrema relevância para as análises do autor (TAYLOR, 2018). O desenvolvimento individual de cada ser humano é acompanhado por diversos mecanismos que estão atrelados à cultura, política e sistema econômico. Mais do que isso, cada instituição social tem papel fundamental na formação deste sujeito, atuando como dispositivos que aplicam saberes e constroem as subjetividades. A família é um dispositivo que ensina, disciplina e vigia a criança em conjunto com a medicina, o sistema jurídico e a já citada escola. Há, portanto, a produção de diferentes categorias de sujeitos (TAYLOR, 2018) que são formadas através de dispositivos normalizadores e estes, são construídos, por meio da construção de saberes que estabelecem o que é verdade e o que deve ser ou não seguido.

A questão da formação de sujeitos condicionados ao poder também é cara para Butler (2017). Para a autora, a sujeição é um fenômeno marcado pela ambiguidade, pois o poder não é apenas aquilo à qual se opõe, mas também aquilo que nos forma, visto que é anterior e exterior à nossa existência. Nesse sentido, Butler (2017, p. 10) afirma que “a sujeição consiste precisamente nessa dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação”. Pensando nisto, é necessário que cada indivíduo passe por um processo de subjetivação da inteligibilidade dos poderes, através de mecanismos discursivos que forjam uma subjetividade. Para tanto, é pertinente a ideia de que os indivíduos se tornam sujeitos a partir das formulações implicadas no processo de sujeição.

As negociações e interferências na subjetividade são o espaço em que o poder mais facilmente se aplica, segundo Rose (2001), e esses encadeamentos não cessam e se articulam a dispositivos que, durante toda a vida, produzem efeitos sobre os indivíduos. Isto posto, a sujeição é uma ação contínua e fruto de diferentes mecanismos que operam um controle biopolítico (FOUCAULT, 2005). O conceito de biopoder e os dispositivos de aplicação tal como foram descritos por Foucault (2005) sofreram atualizações nas sociedades contemporâneas. Nota-se que, desde o invento da internet, enquanto uma estratégia militar e a posterior apropriação comercial e uso generalizado, foi desenvolvida uma inteligência acoplada ao rápido aprimoramento tecnológico no processo de coleta e análise de dados que circulam pela web. Possuir uma conta de e-mail é o equivalente a um passaporte que habilita os sujeitos

circularem pelas ambiências virtuais. Tendo em mente que, para criar um correio eletrônico, é obrigatório ceder informações básicas como nome completo, CPF, gênero, idade, endereço e número de telefone, qualquer site, aplicativo ou plataforma que utilizar o e-mail como *login* terá acesso a esses dados. Segundo Machado (2018) os dados são o “novo petróleo” e os usos dos mesmos ainda são incertos e geram dúvidas acerca do destino e são fruto de discussões a respeito da falta de regulamentação e transparência dessas empresas.

Apesar dos questionamentos, é sabido que as redes atuais são alimentadas por algoritmos e estes podem ser descritos como “uma série de instruções delegadas a uma máquina para resolver problemas pré-definidos” (MACHADO, 2018, p. 48). Ou seja, são informações processadas como cálculos matemáticos que são utilizados como resultados probabilísticos. Voltando ao exemplo do e-mail, os algoritmos fazem uma leitura das mensagens mais importantes e daquelas que podem ser consideradas *spam*. Assim como lojas virtuais que direcionam anúncios e produtos de acordo com as informações prévias geradas pelo usuário ou a rede social que sugere pessoas a serem adicionadas com base nos amigos e seguidores que cada um possui. Dessa forma, os algoritmos são alimentados pelos dados dos usuários, gerando uma inteligibilidade cada vez maior em proporcionar conteúdos que se adequem àqueles sujeitos.

A falta de conhecimento sobre como são processadas as informações pessoais é uma estratégia, pois quanto mais assertiva for a “sugestão” de conteúdo por algoritmos, mais tempo a pessoa passará conectada à rede e maior será a base de dados da mesma. Segundo (OLIVEIRA, 2018, p. 93) “o usuário tem ilusão de que escolhe o que lê, visualiza, curte, comenta e compartilha, mas isso é uma falsa liberdade. Na verdade, quem classifica, exclui, decide o que aparece na *timeline* é um algoritmo”. O rastro deixado pelos sujeitos alimenta uma máquina de informação pessoal que nunca na história houve a possibilidade de ser coletada. Assim, atividades que, para os tempos atuais, são corriqueiras como pesquisar um tópico desconhecido no Google, postar uma foto das redes sociais e conversar por aplicativos de mensagens transformaram-se em uma monetização da vida privada, pois estas bases de dados são utilizadas por empresas para direcionar anúncios cada vez mais específicos, baseados nos cálculos probabilísticos algorítmicos.

Nesse sentido, Monteiro (2018, p. 116) nos diz que a ação dos algoritmos “é uma maneira de dominar a mente através de valores numéricos e padrões. Tornar material aquilo que está interiorizado nos indivíduos, o invisível em visível através de números e resultados quantitativos”. A partir dos gostos e reações expressas nas redes é possível ter conhecimento

da sexualidade, do posicionamento político, do estilo de vida, da renda e outros aspectos da vida privada que, para além do uso comercial e estratégia de marketing, servem como artefato de estratégias biopolíticas, pois torna-se viável classificar os sujeitos e manipulá-los através de dispositivos técnico-discursivos¹².

Para tanto, Souza, Avelino e Silveira (2018, p. 09) trabalham com os conceitos de modulação e sociedade de controle inspirados em Gilles Deleuze e afirmam que “modular comportamentos e opiniões é conduzi-los conforme os caminhos oferecidos pelos dispositivos algorítmicos que gerenciam os interesses de influenciadores e influenciados”. Temos, nesse excerto, um exemplo da discussão estabelecida previamente acerca de como as estratégias de poder podem intervir nas subjetividades e a forma como os sujeitos relacionam-se com o poder. Para Foucault (2010), não há aplicação de poder sobre sujeitos que não sejam livres, pois o poder age quando há a possibilidade de sujeição. No caso das redes virtuais, os indivíduos aceitam os termos de uso antes de ingressar em uma rede social, permitem que aplicativos registrem as chamadas telefônicas, acessem as fotografias, a localização e câmera do celular. Ou seja, o poder modulador está sendo aplicado àqueles que permitem o controle via algoritmos, por mais que não seja transparente a forma como esses dispositivos fazem uso destas informações.

Em decorrência da permissão de coleta de dados, os sujeitos são submetidos ao poder da tecnologia em classificar os mesmos em bolhas ideológicas e realizando uma monetização vida pessoal. A modulação funciona “como o expediente fundamental da comunicação no capitalismo, em sua fase neoliberal” (SILVEIRA, 2018, p. 31), na qual a produção de saberes é processada por estratégias de governamentalidade, bem como a criação de novos dispositivos reguladores que são produzidos por instituições como o Estado ou empresas do âmbito privado que convergem em uma fase do capitalismo voltado para a vigilância, tanto por meio de cada indivíduo, como a criação de mecanismos de controle informatizados.

Como foi possível observar, o estabelecimento de diferentes artes de governar tem como intuito não somente controle dos sujeitos, senão governa-los através de outros sujeitos, fazendo parte da sua estrutura física e psicológica. Nesta seção, foi dado um exemplo de como o

¹² Destaco aqui os *SmartWatches* que possuem as funções de monitoramento dos batimentos cardíacos e sono, perda calórica diária, leitura da pressão arterial, contagem de passos e trajeto percorrido. Essas funcionalidades implicam em duas grandes questões: o fato de condicionar os sujeitos à autovigilância, com base em dados gerados acerca dos próprios hábitos e saúde; e a possível venda e repasse dessas informações para o governo ter controle populacional, uma das características da biopolítica, bem como para empresas privadas que podem oferecer seguro de vida e planos de saúde com base nas estatísticas geradas por um relógio conectado ao *smartphone*.

desenvolvimento de aparatos tecno-discursivos estão atrelados às formas de governar contemporâneas e como o poder, por meio de diferentes dispositivos, se insere nas práticas mais cotidianas dos sujeitos.

Neste sentido, para compreender o objeto de investigação desta pesquisa em sua totalidade, é necessário olhar para as estratégias e discursos que operam na Lei da Atração e do ensino da técnica enquanto uma ferramenta que se diz propulsora de potencialidades humanas, como também tornar perceptível o engendramento da mesma ao sistema político-econômico e tecnológico que vigora na atualidade. Esta problematização, entretanto, será realizada no tópico a seguir.

3.2 CUIDADO DE SI: RESPONSABILIZAÇÃO E CENTRALIDADE DOS SUJEITOS

Neste tópico, o conceito de Foucault (1985) que ganha destaque é o chamado cuidado de si, utilizado para elucidar a demanda social pelo aprimoramento pessoal através de técnicas terapêuticas alternativas como a Lei da Atração.

O ato de cuidar da saúde e da aparência é uma prática que acompanha o desenvolvimento da sociedade, pelo menos, desde a cultura de aperfeiçoamento do corpo pela comunidade grega a partir de 700 a.c. Para os cidadãos gregos, o apelo à estética não era apenas um culto ao corpo, mas também um exercício ético de uma vida equilibrada e disciplinada. A dieta e a prática de exercícios correspondiam a um disciplinamento restrito somente à parcela distinta da sociedade: homens e estudiosos que não dependiam da sua profissão para sobreviver. Dessa forma, o corpo delineado correspondia ao pertencimento a uma esfera social, bem como um artifício de distinção socioeconômica. Foucault (1985, p. 137), entretanto, adverte quanto à sobreposição da mente sobre o corpo, quando afirma que “não se trata, portanto, nesse regime de estabelecer meios pelos quais ela poderia se defender face a ele; trata-se, para a alma, antes de mais nada, de corrigir-se para poder conduzir o corpo segundo uma lei que é a do próprio corpo”. Nesse sentido, os desejos realizados pelo corpo - sejam eles sexuais, aprimoramento da imagem pessoal, melhora da condição física e adequação aos padrões de beleza – são também sentidos pela alma.

Dessa forma, a atenção dos gregos a si mesmo não se restringia aos cuidados da carne. Foucault (1985) dedicou-se a estudar os manuais de interpretação dos sonhos criados por

Artemidoro que ofereciam explicações sobre predestinações ou visões do futuro desvendando sonhos sexuais. O autor afirma que estas predições revelavam o destino da vida social do sonhador, visto que os mesmos eram analisados de acordo com as estruturas sociais, as pessoas envolvidas no ato onírico, em comparação com a profissão, o vínculo familiar, o patrimônio, o status, classe, idade e reconhecimento na vida real.

É importante ressaltar que esta preocupação com a prática sexual não transpôs a fronteira dos sonhos tornando-se uma lei guiada pela moral ou enquanto um mecanismo de controle institucionalizado. O que ocorreu foi um controle individual, “uma intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos” (FOUCAULT, 1985, p. 47). Essa reflexividade individual incorpora-se às personalidades na intenção de controlar o mundo ao redor estando atento a si mesmo, ao tentar diminuir ou eliminar possíveis danos ou, ao menos, se preparar para um mau presságio atentando ao que indicam os sonhos. Segundo Foucault (1985), a análise onírica corresponde a três esferas: a atitude individualista; a vida privada e seus desdobramentos sociais como profissão, laços familiares, interesses patrimoniais; e o estreitamento da relação consigo mesmo, se tornando objeto do seu próprio conhecimento.

De acordo com o autor, se ocupar consigo mesmo é um tema caro e antigo à cultura grega e difunde-se, contemporaneamente, nas sociedades ocidentais por meio do que Foucault (1985) classifica como cultura de si. Essa preocupação com a própria existência tomou formas de atitudes, comportamentos e maneiras de viver. Na atualidade, “desenvolveu-se em procedimentos, em práticas [...], constitui assim uma prática social, dando lugar a relações individuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições, ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (FOUCAULT, 1985, p. 50). O cuidado de si, como também é chamado pelo autor, se torna um saber, na medida em que não se restringe, exclusivamente, às formulações da instância individual e passa a ser ensinado, codificado e incorporado às instituições que o utilizam enquanto um mecanismo de controle. Estratégias de governamentalidade investem nesta moralidade do autocuidado enquanto um dispositivo visto que, individualmente, cada pessoa passar a controlar-se, vigiar-se e tornar-se responsável pelas suas próprias decisões.

Tendo em mente que a autorresponsabilização dos sujeitos configura um dos pilares do sistema político-econômico predominante no mundo ocidental – o liberalismo – se faz pertinente aprofundar a discussão sobre as consequências desta racionalidade para compreender possíveis implicações à subjetividade coletiva. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 61), esta

“filosofia plenamente individualista, esse liberalismo dá ao Estado o papel essencial de assegurar a cada indivíduo os meios de realizar seu próprio projeto”. Nesse sentido, o pensamento liberal concebe cada sujeito como responsável pelas suas ações, cabendo ao Estado prover a todos a liberdade de livre escolha, concedendo a cada indivíduo o protagonismo sobre a sua própria vida.

Após a Primeira Guerra Mundial, os dogmas liberais demonstravam a necessidade de revisão em decorrência da insuficiência do sistema para solucionar novas crises e dilemas que surgiam tanto no plano político, econômico e social. Até então, o liberalismo restringia-se ao desenvolvimento de planos econômicos e à organização das funções do Estado em relação ao livre mercado. De acordo com Duménil e Lévy (2011), em face à crise dos governos liberais, o neoliberalismo estabelece-se enquanto um modelo político-econômico na década de 70, nos Estados Unidos e Inglaterra, e tem sua expansão para países emergentes da América Latina, como o Brasil, entre a década de 90 e anos 2000. Todavia, as condições para o estabelecimento de um novo sistema em países em situações econômicas e políticas tão diversas (no caso do Brasil, um país que possui apenas pouco mais de 30 anos de democracia após governos ditatoriais) impunham desafios e outras estratégias para implementação, distribuindo o foco do macro para o microssocial.

Um “novo” liberalismo, dessa forma, passa a ser projetado, repensando o papel e ação do Estado e olhando para questões que, anteriormente, foram ignoradas como, por exemplo, o indivíduo. Neste sentido, de acordo com Dardot e Laval (2016, p. 133) “não captaríamos a originalidade do neoliberalismo se não víssemos seu ponto focal na relação entre as instituições e a ação individual”. O Estado e suas instituições são perpassados, agora, por uma racionalidade que não se descola da ação individual dos sujeitos. O neoliberalismo deixa ser um sistema político-econômico e torna-se um estilo de vida, uma ética empreendedora que visa a maximização dos ganhos, tal como é descrito o espírito do capitalismo por Weber (2013). O *self-made man* é a nova lógica em operação, motivada por questões subjetivas, o mercado passa a ser constitutivo da natureza humana.

Figura 4 – Aquarela Quântica



Fonte: Instagram (2019)

Na figura 5, temos um exemplo de como operadores discursivos da Lei da Atração que circulam pelas redes digitais se aliam às lógicas neoliberais. A imagem traz a mensagem de que “o primeiro movimento para mudar a minha realidade é o meu”, ou seja, há uma centralidade do sujeito e uma responsabilização dos indivíduos sobre tudo o que acontece em suas vidas. Estes efeitos de sentido de disciplinamento são carregados de uma mística esotérica que “os retornos” do universo correspondem aos pedidos conscientes e inconscientes dos sujeitos. Portanto, o saber construído em torno do disciplinamento da mente é a ferramenta mais utilizada pelo dispositivo da Lei da Atração e conteúdos quânticos, pois atuam enquanto dispositivos que estabelecem uma normatização dos pensamentos e emoções “permitidas” - ou seja, estabelecem uma verdade que passa a ser aplicada enquanto regra.

Neste sentido, Dardot e Laval (2016) podem ser empregados para pensar a problematização da Lei da Atração nesta pesquisa com suas noções sobre as influências do sistema neoliberal sobre os indivíduos. Para os autores, o individualismo radical proposto pelo neoliberalismo fabrica uma nova subjetividade – uma razão empreendedora que transpõe as barreiras do mercado e aplica-se a personalidades performáticas denominadas de

“neossujeitos”. Estes indivíduos, ambientados em uma sociedade cada vez mais competitiva e marcada pelo risco e incontingência (BECK, 2002) incorporaram o empreendedorismo à condução da vida, estando em constante disputa, busca de lucros, ganhos individuais e aprimoramento pessoal. Os neossujeitos (DARDOT; LAVAL, 2016), por meio da disciplina, encenam uma personalidade ideal, com o objetivo de estar em evidência em uma sociedade marcada pela meritocracia, produtividade e competições.

A cultura de si, além de ser fruto de exigências econômicas, é difundida por um sistema educacional potente e apresenta-se nos em diferentes formatos e níveis, como aponta Marín-Díaz (2015). Para a autora, as práticas de si estão presentes desde as técnicas pedagógicas ensinadas no ensino básico, como o incentivo à autoestima; no ensino superior, com programas de bem-estar e lazer do estudante; e, de forma comercial e individual, através dos livros de autoajuda, dos *coaches* e dos produtos de aconselhamento encontrados na mídia presentemente. Isto é, o cuidado de si está intimamente articulado a produção de saberes e estes, por sua vez, são difundidos por diferentes dispositivos que tem como objetivo aumentar as capacidades individuais e, conseqüentemente, se engendrar nas engrenagens neoliberais de maximização de lucros.

É preciso atentar-se ao fato de que os dispositivos não são necessariamente instituições sociais. A Lei da Atração, objeto investigado neste estudo, pode ser concebido enquanto um dispositivo, visto faz uso de diferentes saberes (autoajuda, religião, física e psicologia) para legitimar uma verdade que será distribuída enquanto norma. Quando a terapeuta Gisela Vallin faz uso da voz de terceiros, Osho por exemplo, com o intuito de difundir a ideia de que é necessário pensar positivamente e libertar-se de sentimentos como a raiva para viver uma vida mais plena e feliz, a mesma está tornando norma algo que a mesma concebe enquanto verdade. Desta forma, se o seguidor que assiste ao vídeo e confia na terapeuta, aplicar a técnica à conduta, estará introjetado uma lógica normatizadora, ou seja, está se sujeitando a um poder que foi ancorado na produção de um saber. É isto que configura um dispositivo, este percurso que torna um saber em uma regra e esta regra passa a ser replicada por diferentes mecanismos ao ponto de produzir condutas e subjetividades.

Os conteúdos sobre Lei da Atração que presenciamos em abundância na esfera digital, especialmente aqueles que propõem o ensino da técnica, podem ser categorizados como um dispositivo de ensino (MARÍN-DÍAZ, 2015) que disseminam o *ethos* da personalidade performada, cada vez mais vigilante, responsável pelos seus próprios atos e respondendo às exigências da governamentalidade neoliberal. A cultura de si, como nos aponta Foucault

(1985), é incorporada pelos sujeitos e passa a compor as subjetividades construídas, cada vez mais, voltadas à autorrealização, autodescoberta e sucesso.

Dardot e Laval (2016, p. 146) afirmam que “o mercado é um processo de aprendizagem contínua e adaptação permanente”. Isto é, o mercado produz saberes e esses saberes, como já abordado, são difundidos por dispositivos que se inserem na ordem do discurso neoliberal. Esta característica da adaptação permanente vai ao encontro da concepção de Foucault (1985) acerca da cultura de si, ou seja, a lapidação do olhar reflexivo sobre as próprias ações, em constante mutação, atenção às exigências externas e elevando o nível do status social.

O discurso do sucesso tão empregado pela instância midiática, sobretudo, em conteúdos relativos à Lei da Atração corresponde ao que Han (2014) denomina enquanto sociedade de desempenho. Segundo o autor, esta seria uma nova fase das sociedades capitalistas contemporâneas, marcadas pelo excesso de positividade e ausência de alteridade. Em consonância com o discurso neoliberal, não existe nada que seja impossível para os sujeitos que investem em suas performances, ultrapassam seus limites, pois esta é uma característica que “já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção” (HAN, 2014). O antigo sonho de ser um sujeito bem-sucedido passa a ser uma exigência das formas de vida da atualidade internalizada pelos próprios indivíduos. O investimento em uma melhor performance obedece a uma autoexigência, não há uma força externa que disciplina, ensina e vigia. O *self-mande man* utiliza a sua liberdade, ao mesmo tempo, como uma autoexploração.

O sujeito de desempenho de Han (2014) está inserido em uma lógica de empresa, é um empreendedor que angaria recursos para obter destaque na sociedade marcada pela obliteração da diferença, da fraqueza e da trégua. A Lei da Atração, dessa forma, é o dispositivo que agrupa e pulveriza uma complexidade de enunciados que coincidem com essas exigências. A crença na suposta força que teria o pensamento em materialização de bens, de sucesso e, até mesmo de cura, nada mais é que a lógica do desempenho sendo internalizada. A cultura de si é esta relação vigilante consigo mesmo, atento aos próprios pensamentos fabricando sujeitos de desempenho (Han, 2014), neossujeitos (DARDOT; LAVAL, 2016) ou, simplesmente, a condição de vida na contemporaneidade em que é inaceitável qualquer coisa menos que a perfeição.

Atingir uma alta performance social torna-se uma norma na medida em que são projetados padrões a serem seguidos e ofertadas técnicas que permitem alcançar os índices desejáveis de desempenho. Por meio da difusão dos enunciados, estas ações revestem-se de

escolhas particulares dos sujeitos, no entanto, se trata de uma moralidade agenciada por um poderoso sistema midiático que promove a circulação destes discursos. Na seção a seguir, é feita uma discussão sobre a articulação da mídia junto à moralidade do cuidado de si que resulta em uma cultura do autoaprimoramento.

3.2.1 Cultura Terapêutica e Felicidade: Lapidações para uma Nova Personalidade

O incentivo ao bem-estar, a satisfação pessoal, o zelo pela saúde tem como pano de fundo o alcance do grande ideal da vida contemporânea - ser feliz. Este cenário pode ser pensado como um dos articuladores para o movimento de emergência de conteúdos relacionados à Lei da Atração na mídia. Esta “nebulosa” de aconselhamento foi investigada por outras autoras e autores e denominada como cultura terapêutica (CASTELLANO, 2014).

Na ambiência contemporânea de autocuidado e aprimoramento pessoal, a felicidade deixa de ser um estado emocional e tornar-se um imperativo (FREIRE FILHO, 2010). Desta forma, a busca pela alegria a todo custo, a paz interior conquistada por meio da posse de bens materiais e de um distinto estilo de vida burguês não é nada mais que reflexo do impulsionamento da racionalidade neoliberal. Neste sentido, a felicidade passa a proporcionar resultados práticos e úteis no seio das sociedades, visto que sujeitos felizes e focados no empreendimento de seu próprio bem-estar são mais produtivos. Assim como Foucault (1985) infere, a cultura de si produz saberes que sugerem o aprimoramento pessoal, por meio da vigilância e disciplina, que são difundidos através de dispositivos que estabelecem estes saberes enquanto norma. Isto posto, os saberes envolvidos no autocuidado proposto pela Lei da Atração enveredam por diferentes vertentes terapêuticas não convencionais.

Tendo em mente que a principal proposta da Lei da Atração é modificar o padrão de pensamentos, sentimentos e emoções dos indivíduos para que os mesmos estejam em concordância entre o que são e o que querem vir a ser - ou seja, compreende o sujeito enquanto o seu próprio objeto de desejo – a performance de um novo *self* (ROSE, 2001) acaba por ser a estratégia adotada para atender exigências hodiernas de autorrealização pessoal. É necessário ter em mente que, apesar de o discurso de Gisela Vallin versar sobre a elevação do padrão mental, cultivo de bons sentimentos e exalar saúde e felicidade, estas formulações não pertencem à Lei da Atração, tampouco à terapeuta. A “força do pensamento” é apenas mais

uma técnica de disseminação desses enunciados que circulam pela sociedade por meio de outros dispositivos.

A construção de personalidades positivas é, especialmente, explorada pela instituição midiática, tendo em vista os diferentes programas televisivos, livros, reportagens, programas de entretenimento que entrelaçam o discurso da saúde e superação de doenças por meio de uma atitude combativa. São incontáveis os casos de testemunhos de personalidades brasileiras (CASTELLANO, 2014) que venceram as adversidades e doenças graves sem deixar se abalar. Estas são retratadas pela mídia como exemplos de perseverança e alegria. As mídias têm explorado em seus mais variados formatos o prescritivo discurso de autoajuda. Para tanto, Tavares (2011, p. 107) afirma que “o caráter terapêutico do discurso não só existe, como é dotado, ainda, de uma “aura” de verdade, que pode – e pretende – ser tomado como uma espécie de profilaxia”, ou seja, o contato midiático com conteúdo terapêutico é revestido pela mística de legitimação.

Portanto, a valorização da personalidade alegre, do ponto de vista da mídia, alimenta um mercado de emoções que impõe padrões de conduta individual, através dos relatos, na intenção de tornar rentável o discurso da superação por meio de novas atitudes mentais voltadas, unicamente, para ser feliz. Para Rose (2001, p. 140):

A julgar pela popularidade das problemáticas do psi na mídia, pelas demandas por toda espécie de terapia e pela enorme quantidade de todos os tipos de conselheiros, parece que os seres humanos, ao menos em certos locais e entre certos setores, acabaram por se reconhecer nessas imagens e nesses pressupostos e por se relacionar consigo mesmos e com suas vidas em termos análogos - isto é, nos termos da problemática do eu.

Castellano (2014) afirma que um dos motivos para haver grande apego aos produtos terapêuticos midiáticos como livros de autoajuda, sites de especialistas e revistas ou editoriais focadas no segmento seria pela dificuldade ao acesso à tratamentos convencionais devido à demora de atendimento, alto custo de consultas, tratamentos, exames ou medicações. A autora também comenta que há, nessa cultura da terapia, uma tendência em transformar problemas sociais em questões individuais e emocionais, (CASTELLANO, 2014, p. 83) “nesse sentido, a subjetividade dos indivíduos se transforma em um lócus onde se originam os problemas sociais, e, conseqüentemente, onde eles devem ser resolvidos”. Desta forma, aspectos estruturais são redimensionados à esfera particular restando aos sujeitos lidar com essas questões através da transformação da própria mente, por meio de uma atitude positiva. Temos como exemplo a imagem abaixo que transforma o estresse da vida cotidiana, muitas vezes ocasionados pela

precarização das relações de trabalho, a violência urbana, o conflito entre a vida real e os padrões de renda, beleza e biotipo estabelecidos, como consequência exclusiva dos padrões mentais, pensamentos e emoções manifestadas.

Figura 5 – Atitude Positiva



Fonte: Instagram (2019)

Pensando nisso, Castellano (2014) afirma que há uma preocupação externa e de políticas públicas de que os sujeitos não sejam apenas saudáveis fisicamente, como também devem desfrutar da felicidade, bem-estar, autoestima elevada através do cuidado sutil da mente. Um exemplo dessas práticas integrativas e terapêuticas é a adição de técnicas não convencionais de tratamento (yoga, constelação familiar, terapias de florais, etc.) por meio do Sistema Único de Saúde – SUS no Brasil em 2018¹³. A autora afirma que “técnicas similares às empregadas por práticas de aconselhamento típicas da cultura terapêutica e da autoajuda têm se tornado práticas de governo, somadas aos serviços oferecidos pelo Estado como uma de suas atribuições” (CASTELLANO, 2014, p. 85). Nesse sentido, no caso do Brasil, a implementação de tratamentos alternativos é indicativa de que a modelagem da conduta e da subjetividade individual está sendo explorada pelo poder público.

¹³Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/42737-ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus> Acessado em 13 de dez. 2018, às 21h.

A elevação das potencialidades para Han (2014) é reflexo da positividade do poder a que estamos submetidos, isto é, a subordinação ao disciplinamento é utilizada como força produtiva. Assim, o imperativo à felicidade e perfeição cria sujeitos cada vez mais eficientes, proativos, responsáveis e ágeis. Em contrapartida, essa autoexigência, segundo o autor, é responsável pelo adoecimento psíquico na contemporaneidade. A sobrecarga transbordaria por meio de transtornos de ansiedade, depressão, Síndrome de Burnout. Han (2014, p. 15) afirma que “o que nos torna depressivos seria o imperativo de obedecer apenas a nós mesmos”, somando a fragmentação social, falta de vínculos, perda de identidade e precarização do mundo do trabalho.

A contradição da responsabilidade de sermos cada vez mais autênticos e independentes esbarra no imperativo de seguir protocolos e encaixar-se em padrões. Nesse sentido, as personalidades passam por formulações cada vez mais incisivas e prescritivas com o auxílio da mídia. Castellano (2014, p. 92) aponta para uma mudança cultural na qual o *self* é alvo de intervenções exteriores:

Os materiais disponíveis, porém, são muitos e variados, e para isso colabora o papel da mídia, responsável direta em criar a profusão de tipos com os quais os sujeitos podem agora se identificar e o *ethos* da autoajuda, que favorece a distinção entre identidades boas (vencedoras, bem-sucedidas, autônomas) e ruins (fracassadas, dependentes, estagnadas).

Em tempos em que a felicidade passa a ser um imperativo, sujeitos que parecem de doenças psicológicas como a depressão, segundo as lógicas de desempenho neoliberais, se encaixam nas identidades que Castellano (2014) classifica como ruins por representarem o fracasso diante das cobranças e não cumprir todas as metas. Han (2014, p. 16) contribui ao afirmar que adoecer por não atingir todos os objetivos “só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível”. Essa é uma importante pista para compreendermos de onde surgem, como se mantêm e porque permanecem tão efusivos os discursos sobre autoajuda, superação e aprimoramento.

O percurso teórico traçado até aqui tem como pretensão atender a mais um objetivo específico desta pesquisa que questiona sobre o papel da cultura terapêutica na construção de um *ethos* contemporâneo dos sujeitos. Sendo assim, o entrelaçamento entre os autores citados fornece o entendimento de que a onipresença do discurso da felicidade e do bem-estar não é, de forma alguma, sem pretensões. São estratégias de governamentalidade que se articulam a

formações discursivas e inserem-se, de forma astuta, nas lógicas midiáticas e de difusão. Esta discussão, no entanto, será foco do capítulo a seguir.

3.3 SUJEITOS MEDIATIZADOS: UMA NOVA FORMA DE EXPERIMENTAR O MUNDO

Esta seção tem como pretensão investigar as relações e as afetações entre os campos midiático e terapêutico-religioso que se entrelaçam na ambiência mediatizada. Para tanto, é imprescindível estar a par dos fundamentos desta corrente investigativa, bem como os autores que trabalham com esta perspectiva teórica.

Presenciamos, atualmente, uma crescente relevância da mídia e uma preponderância de suas lógicas na organização da sociedade. Para Gomes (2016, p. 01) “a mediatização é usada como um conceito para descrever o processo de expansão dos diferentes meios técnicos e considerar as inter-relações entre a mudança comunicativa dos meios e a mudança sociocultural”. Este movimento teve início desde os primeiros adventos tecnológicos que instituíram transformações no processo comunicativo. O encurtamento das distâncias físicas com a implementação de ferrovias, a comunicação à distância através do telégrafo, as ondas de rádio, a chamada telefônica, a transmissão televisiva e, por fim, a internet e seus dispositivos e plataformas online são exemplos dessas grandes mudanças que vem ocorrendo ao longo de dois séculos. Estas particularidades de cada época modificaram as vidas daqueles que presenciaram a suas implementações e, conseqüentemente, a vida dos sujeitos que as experimentaram.

Neste sentido, Braga (2018) nos diz que são perceptíveis as incidências mútuas entre os adventos midiáticos e as questões institucionais como política, economia, cultura, educação e saúde. Atualmente, percebemos instituições tradicionais como o sistema jurídico e medicina atrelando o seu funcionamento às lógicas das mídias, a criação de empresas que prestam serviços através de aplicativos (mobilidade, gastronomia, *delivery*) que estão revolucionando um mercado econômico pautado nas possibilidades das tecnologias da informação. Desta forma, podemos dizer que esta convergência entre a mídia e diferentes campos sociais e de conhecimento instituem a chamada sociedade em mediatização. Gomes (2016, p. 01) corrobora este argumento ao afirmar que “tornou-se cada vez mais um conceito chave, fundamental, essencial para descrever o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo”.

O crescente acionamento das tecnologias interacionais (BRAGA, 2018) consiste em um processo duplo, pois à medida que os campos são influenciados pelo funcionamento da mídia, também desenvolvem novos modos de interação que incidem na transformação ou criação de novas tecnologias midiáticas. As tecnologias de informação são um dos objetos que podem ser investigados pela ótica da midiatização. Isto posto, podemos afirmar que esta visada teórica tem como objetivo tornar compreensível o uso de dispositivos de comunicação para fins interacionais. Segundo Braga (2018), o constante aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação torna menos custosa e menos especializada a operacionalização das mesmas. Desta forma, se tornam mais abertas à experimentação social e, conseqüentemente, se abre a possibilidade para novos processos interacionais e comunicativos.

Neste sentido, a utilização de dispositivos interacionais descentraliza as estabelecidas instâncias de produção e recepção que eram muito bem demarcadas na mídia tradicional no século passado. Anterior a esse processo, o fluxo informativo pertencia ao especializado campo dos profissionais de comunicação, cabendo aos leitores, ouvintes ou telespectadores apenas a função de receptor. A interação entre os *media* e o público era mediada por cartas ao leitor, e-mail, ligações e visitas aos centros de informação como empresas televisivas, radiofônicas ou imprensa. Este cenário passa a mudar na medida em que o avanço das tecnologias de comunicação possibilita, ao antigo receptor, a oportunidade de produção. Neste momento, não apenas o campo midiático é afetado, como também os demais campos passam a sofrer alterações devido essas novas práticas interativas.

A produção e difusão de informação foi acelerada e, atualmente, funciona em fluxos contínuos, especialmente, no ambiente digital. Os antigos campos especializados como imprensa, jurídico, médico, educacional perdem o domínio informativo e passam a ser interpelados por referências difusas e advindas de blogs, perfis em redes sociais, *podcasts*, aplicativos, sites. Neste sentido, Braga (2018, p. 306) afirma que a parcela da população não pertencente a um campo específico de saber e “habitualmente não reconhecidos como parte legítima de um campo social em pauta, passam a ter possibilidades de incidência de fala e de ação nos circuitos institucionais parcialmente controlados”.

Tendo em vista as implicações práticas deste processo de midiatização da sociedade, podemos afirmar que, assim com o campo midiático, outros campos são afetados por essas novas lógicas de produção de sentido. Entre eles, o campo de conhecimento *psi*, bem como o da saúde são fortemente atingidos por essas tecnologias informacionais. Conforme foi visto nas discussões anteriores, é perceptível a difusão, no meio digital, de discursos ditos profissionais

em práticas terapêuticas não convencionais, medicamentos milagrosos, produtos inovadores para a cura de doenças e especialistas nas mais diversas áreas que, muitas vezes, não possuem nenhum fundo científico, regulamentação ou reconhecimento de órgãos oficiais.

No próximo tópico, nesta mesma perspectiva, será explorada a disseminação de conteúdo de aconselhamento no ambiente digital e as implicações destas afetações entre o campo midiático e demais campos de conhecimento.

3.3.1 A Explosão do Conteúdo de Aconselhamento nas Mídias Digitais

Como visto anteriormente, estamos vivendo um processo de complexificação da sociedade a partir da midiaticização e a consequente afetação dos campos sociais. Sendo assim, a midiaticização pode ser considerada como um indicador desse atravessamento da mídia no funcionamento social e cultural. No caso do objeto de investigação desta pesquisa, a Lei da Atração, também conhecida como “física quântica” e “força do pensamento” circulam em sites, blogs, canais no Youtube e redes sociais atreladas aos mais diversos produtos, serviços, bens de consumo e propostas terapêuticas.

Segundo Xavier (2015, p. 112), “dentre essas construções, estão os dispositivos interacionais midiaticizados que trazem para seu espaço elaborações discursivas sobre os mais variados assuntos, como aqueles que envolvem questões “psi”. Na figura 6 abaixo, temos um exemplo deste deslocamento da instância produtiva. A página Terapeuta Quântico, além da divulgação de terapias não convencionais como Reiki¹⁴ e realinhamento dos Chakras¹⁵, oferece aos seguidores aconselhamento e reflexão.

¹⁴ Reiki é uma terapia não convencional que se propõe a curar doenças e estabelecer o equilíbrio do corpo através de técnicas de aplicação de fluxos energéticos por meio das mãos do terapeuta.

¹⁵ De acordo com a crença de algumas religiões orientais, tais como o hinduísmo e o budismo, estes são centros de energia que estabelecem a estabilidade física, emocional, psicológica e espiritual de cada pessoa. Ao total, são sete chakras e estes estão localizados da região genital até o topo da cabeça e, cada um deles, é responsável pelo equilíbrio de algum aspecto do corpo.

Figura 6 – Terapeuta Quântico



Fonte: Facebook (2019)

A imagem representa esta desarticulação do lugar de fala, visto que apresenta uma solução terapêutica que visa aumentar os índices de qualidade de vida por meio de uma mensagem genérica que circula pela rede social, sendo possível o compartilhamento da mesma e a mudança de sentido dependendo do contexto em que é aplicada. Tavares (2011, p. 104) corrobora ao atentar para “o papel do meio de comunicação, hoje, no campo das experiências estéticas dos sujeitos”, visto que as mídias ultrapassaram as barreiras técnicas e profissionais e trabalham cada vez mais com a temática do sensível.

Em momentos anteriores, as discussões sobre saúde, boa forma física, bem-estar pessoal e tratamentos psicológicos pertenciam a profissionais capacitados e com formação em medicina, psicologia, fisioterapia, entre outros. Entretanto, atualmente, se encontram em circulação nas mídias digitais os mais variados tipos de aconselhamento, desde alimentos da moda que devem ser consumidos, a promessa remédios milagrosos ou técnicas inovadoras que vão revolucionar a indústria farmacêutica até tipos de pensamentos e emoções adequadas que os sujeitos devem incorporar à sua personalidade.

Esta reconfiguração e apropriação midiática dos discursos sobre cuidados com a saúde física e psíquica são sintomas de uma sociedade em midiatização, na qual a produção de sentidos está à disposição daqueles que estão inseridos em plataformas de interação. A presença do material terapêutico no ambiente midiático representa uma mudança cultural (FAUSTO

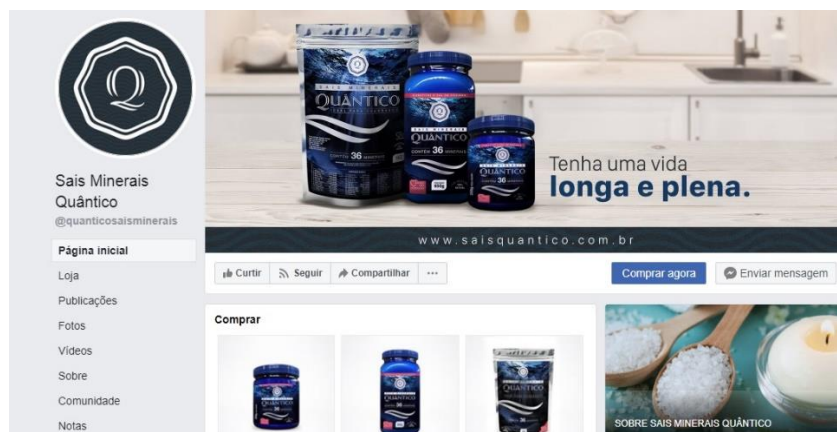
NETO, 2004) em que o próprio conteúdo é pensado exclusivamente por e pela instância midiática, aplicando novas estratégias de mercado e discursivas para às configurações da própria mídia, como uma matriz organizadora do tecido social.

O consultório médico ou de análise psicológica são, por muitas vezes, trocados por mensagens edificantes, consultas por chamada de vídeo, páginas de livros de autoajuda, vídeos de meditações guiadas que prometem cura. Xavier (2015) denomina esse fenômeno como “consulta transformada” e consiste no realocamento de diferentes saberes para os dispositivos midiáticos que promovem agenciamentos e novas produções de sentidos sobre um determinado objeto, de forma difusa e não especializada.

Neste sentido, a autora afirma que esse processo de câmbios epistemológicos contemporâneos afetam o funcionamento das práticas, bem como a experiência, além de fomentar a produção de novas interações e discursos. Para tanto, Xavier (2015, p. 112) nos diz que “nesse processo de agenciamento, os saberes institucionalizados abdicam de seus limites tradicionais rigidamente estabelecidos em prol de tentativas de construções outras que se ocupam das questões cotidianas no seio das quais se configuram”, no caso desta pesquisa, nos interessa os saberes entrelaçados nos discursos articulados pela Lei da Atração.

Ao trabalharmos com o conceito de mediação, é preciso, no entanto, estarmos atentos para não cair em um determinismo midiático. Os enunciados, apesar de estarem presentes e serem pensados segundo as lógicas da mídia, só adquirem sentido pois estão conectados a um contexto exterior, seja social, econômico, histórico. Temos como exemplo, a imagem abaixo que representa a abertura de um mercado muito atual de produtos que se apropriam dos discursos circundantes sobre misticismo quântico e forças energéticas para inserirem-se em um nicho de bens de consumo que transpõem uma aura científica e legitimada.

Figura 7 – Sal Mineral Quântico



Fonte: Facebook (2009)

Assim como a midiaticização de um discurso nos faz sentido porque está inserida em um contexto social, da mesma forma, a venda de produtos “quânticos” ocorre, como o exemplo da figura 7, pois, na ambiência de uma sociedade em midiaticização, é recorrente a produção de sentidos atrelados à Lei da Atração e a “física quântica” enquanto alternativas terapêuticas para cura de doenças, crescimento financeiro, conquista da felicidade e incorporação de um novo estilo de vida. Braga (2006) contribui com esta discussão ao afirmar que a midiaticização é um processo interacional de referência, na medida em que se torna uma direcionadora na construção de realidades, de forma continuada. Isto posto, a mídia e demais outros campos são afetados mutuamente e, como reflexo desta interação, observamos a explosão de trocas e apropriações epistêmicas de diferentes áreas de conhecimento.

Xavier (2015, p. 117) afirma que “os saberes rigidamente delimitados também são alvo de diluição no processo midiaticizado, já que, no espaço do dispositivo midiaticizado, saber perito e senso comum se atravessam em trocas mútuas na possibilidade de voz que a midiaticização oferece a ambos”. No caso desta pesquisa, a desestabilização das instâncias produtoras e receptoras cristaliza-se na midiaticização da Lei da Atração que, conseqüentemente, difunde produtos midiáticos que agenciam um mercado de bens de consumo quânticos ou, então, a popularização de técnicas terapêuticas não convencionais que se aliam às lógicas discursivas de cura energética, criação de novas realidade, força atrativa do pensamento, com base em elementos religiosos da Nova Era ou resquícios de uma argumentação físico-científica.

Pensando nos produtos que derivam do discurso da Lei da Atração, é observável uma explosão de conteúdos no ambiente digital, como foi exemplificado ao decorrer deste estudo.

Devido ao seu caráter difuso, a Lei da Atração assume a identidade de literatura de autoajuda, cursos online, páginas e perfis em redes sociais sobre terapias não convencionais. Tendo em mente a impossibilidade de investigar todos esses canais de difusão e, considerando que o objeto de investigação desta pesquisa é um canal no Youtube, na próxima seção será feita uma discussão acerca da plataforma para que possamos compreender quais são as lógicas de funcionamento, interação e produção de conteúdo. Desta forma, poderemos compreender de que maneira Gisela Vallin se desdobra entre psicóloga, terapeuta holística e o fenômeno dos *youtubers*.

3.4 A METAMORFOSE DO YOUTUBE: DE REPOSITÓRIO DE VÍDEOS A UM NICHO DE MERCADO

O Youtube é, por essência, um site de compartilhamento coletivo de vídeos que teve seu início no ano de 2005. Entretanto, desde seu lançamento e sucesso, a plataforma passou por diversas alterações que vão desde o *layout* até as modificações em seu funcionamento de acordo com os usos que são feitos dentro do espaço. Sob o slogan *Broadcast Yourself*, o Youtube ganhou fama no meio virtual por incentivar a produção e compartilhamento de vídeos amadores sobre a rotina dos usuários ou acontecimentos de suas vidas particulares.

De armazenamento de vídeos à expressão pessoal massiva, o Youtube tornou-se uma comunidade de compartilhamento audiovisual, seja profissional, amador, de autoria própria ou de terceiros. Este site que possui características de uma rede social – visto que é possível e, sobretudo, instigada a interação por curtidas, criação e adição de vídeos a playlists pessoais, seguir canais e utilizar o espaço dos comentários – está cada vez mais presente na vida dos que estão conectados a web. De acordo com Ciriaco (2017), o Youtube é acessado por 95% dos brasileiros e a faixa etária que mais utiliza a plataforma varia de 18 a 35 anos. Destaca-se ainda o dado de que 87% consomem os mais variados tipos de conteúdo conforme seus gostos, necessidades e preferências por formatos.

Segundo Burgess e Green (2009, p. 21) “o YouTube é uma plataforma e um agregador de conteúdo, embora não seja uma produtora do conteúdo em si”. Desta forma, todo conteúdo que compõe o seu catálogo de vídeos é proveniente de pessoas e empresas que enxergam, atualmente, mais que um espaço de compartilhamento de mídia, sobretudo, uma forma de monetizar a própria imagem ou produtos. Tendo isto em mente, desde a fundação, o site tem

por objetivo estimular o compartilhamento de mídia audiovisual através de estratégias como a gratuidade do serviço, publicação ilimitada de vídeos e facilidade em anexar e o conteúdo, por meio de hiperlinks, em outras plataformas como blogs, sites noticiosos e redes sociais. Sendo assim, o Youtube representa a construção de uma cultura participativa (JENKINS; GREEN, 2014) por meio das produções, trocas e compartilhamentos entre consumidores da midiáticos.

Por se tratar de um fenômeno novo e em constante atualização, “temos de entender as práticas culturais que tanto alimentaram o surgimento dessas tecnologias de compartilhamento, quanto evoluíram conforme as pessoas foram descobrindo como tais plataformas poderiam ser usadas” (JENKINS; GREEN; 2014, p. 35). Os usos do Youtube são diversos, tanto na produção, quanto no acesso e propagação de conteúdo. O site é procurador por aqueles que apenas pretendem assistir o novo clipe da banda favorita, seguir tutoriais de moda, maquiagem e DIY (*do it yourself*)¹⁶, empresas que demonstram seus produtos e serviços, professores que migraram as aulas para o espaço virtual e “passa a se enunciar hoje principalmente como o espaço de uma nova profissão, a do *youtuber*” (MONTAÑO, 2017, p. 22) conhecidos também como formadores de opinião ou influenciadores digitais.

Formar opinião, difundir as ideias e mostrar a vida pessoal na internet tornou-se comum desde a popularização do *Blogspot* e *Wordpress*.¹⁷ Para Karhaw (2017), “os blogs foram apropriados como diários virtuais, blogs institucionais de empresas, blogs de celebridades, blogs jornalísticos. Mesmo nos diferentes usos, algo em comum entre os blogueiros é a personalidade”. A “blogagem” tem como objetivo compartilhar opiniões pessoais, tendo isto em mente, está aberta para profissionais da comunicação ou qualquer pessoa que tenha interesse em criar conteúdo sobre um determinado tópico. O advento destas mídias e as novas possibilidades de produção de sentidos se encaixam no contexto teórico citado da midiaticização, visto que a produção de conteúdo não se restringe mais ao jornalista ou publicitário, por exemplo, pois está ao alcance de todos que tenham acesso aos meios tecno-simbólicos de construção de sentido, como é o caso dos blogs ou outras plataformas.

Os blogueiros com maior acesso, visualizações e seguidores do conteúdo produzido passaram a se envolver profissionalmente com esta mídia, participando de anúncios publicitários ou realizando postagens patrocinadas. Esta monetização não tardou ao chegar em

¹⁶ “Faça você mesmo” são vídeos que ensinam a criar objetos ou soluções práticas para a vida cotidiana com as próprias mãos e, em geral, com o material que usualmente todos têm em casa.

¹⁷ Ambos são plataformas de blogs que permitia o acesso e criação de conteúdo gratuito mediante um login e senha.

outras plataformas, como no caso do Youtube. Sob a alcunha de “vlogger”, pessoas passaram a criar conteúdo de forma sistemática e recorrente para os seus canais, ao atingir um grande número de seguidores e visualizações, as empresas encontraram nesta atividade uma estratégia de publicidade, iniciando a prática de patrocinar as publicações enviando produtos para serem testados ou apenas para que a marca aparecesse durante os vídeos. Desde então, nasce uma nova estratégia no mercado. Em 2010, os vlogs começaram a fazer sucesso no Brasil (KARHAW, 2017) envolvendo principalmente conteúdo humorístico ou comentários sobre o mundo pop.

A publicidade em blogs e vlogs parte do princípio de que os consumidores do conteúdo acreditam naquilo que está sendo mostrado, ou seja, na opinião que está sendo formada. Para Cruz (2011), há dois tipos de formadores de opinião: os horizontais são aqueles que não possuem um crédito anterior em relação ao que está sendo dito, conquista o público pela sua personalidade, criatividade ou por possuir mais ou diferentes informações que os concorrentes; os verticais, por sua vez, já são reconhecidos e tem acesso a outras mídias, como as tradicionais e digitais, geralmente são personalidades do mundo artístico e que possuem grande alcance pela sua fama e imagem pessoal.

Com popularização da publicidade realizada por formadores de opinião, a mesma foi introduzida em outras mídias, como as redes sociais, especialmente, o Instagram. Por não se restringir apenas ao Youtube, os produtores de conteúdo passam a ser denominados como “influenciadores digitais” desde meados de 2015 (KARHAW, 2017). Os *influencers* iniciam sua caminhada profissional no ambiente digital inserindo-se em um nicho, conquistando seguidores e a confiança de cada um deles. Quando um youtuber fala de frente para a câmera, utilizando verbos no imperativo e se referindo ao público de forma individualizada, se cria uma estética de confiabilidade. Esta confiança depositada é utilizada para difundir ideias, produtos e publicidade. Desta forma, o Youtube não pode mais ser visto apenas como uma plataforma de armazenamento de mídia audiovisual, e sim como um ambiente que está construindo um ramo profissional e um mercado publicitário muito distinto e que opera por lógicas próprias.

As funcionalidades, interface e usos do Youtube sofreram diversas alterações desde a sua fundação no ano de 2005. No hall de fatores que contribuem ou que exigem alterações - que vão desde o design até termos de uso, políticas de privacidade e segurança - se encontra o usuário da plataforma. Segundo Montañó (2017) o acesso a estas redes digitais está cada vez mais condicionado ao cadastro e a criação de um *login*. Criar uma conta em um portal da web ou aplicativo de celular é a contrapartida do usuário para acessar os conteúdos oferecidos.

Entretanto, para ser um beneficiário destes serviços, apesar de parecer, não é gratuito. O *login* efetuado armazena os dados do usuário como endereço de e-mail, telefone, endereço e idade. A autora afirma que “entre os dados gerados estão os sites pelos que navega, os produtos que consome (seja de forma paga ou gratuita), os posts e comentários que deixa, os vídeos que assiste, comenta ou posta” (MONTAÑO, 2017, p. 03).

Desta forma, o termo “usuário” não se encaixa na figura de cliente, tampouco, na passiva função de espectador. Este configura-se enquanto uma persona com vida ativa na esfera virtual, que expressa gostos, personalidade, estilo de vida, renda, escolaridade e pertencimentos culturais. A personalidade, gerada por tudo aquilo que acessa, compra, comenta, apoia ou discorda é lucrativa do ponto de vista das informações que são utilizadas por empresas para direcionar conteúdo e anúncios publicitários personalizados, como mencionado anteriormente, esta é uma lógica de privatização da vida pessoal. Os autores Jenkins, Green e Ford (2014, p. 108) compartilham deste entendimento ao afirmarem que

O Youtube pode oferecer sua plataforma de web para os usuários sem custo, mas os esforços dos usuários para criar valor social através do site geram visualizações de página e dados que são a base para as relações de licenciamento e publicidade do Youtube. Como resultado, essas trocas criam contratos sociais implícitos, não apenas dentro de uma comunidade de usuários, mas também entre a comunidade e a plataforma [...].

Assim como outros ambientes virtuais não são neutros, o Youtube também é passível de uma predeterminação do conteúdo que será oferecido de acordo com a persona que representa cada usuário. Desta forma, a interface oferece uma espécie de curadoria baseada nas atividades e gostos manifestados nos dados coletados pela plataforma. Para tanto, Montañó (2017, p. 08) afirma que esta prática “é inédita em referência aos modos como outras mídias audiovisuais estabeleciam relações entre os espectadores e entre estes e as imagens audiovisuais”. No caso das mídias de massa como televisão e rádio, as emissoras de transmissão preparavam um conteúdo universal e cabia ao espectador ou ouvinte apenas a função de trocar de canal ou estação para aquela que mais lhe agradasse.

Entretanto, é preciso esclarecer que o usuário não está privado de acessar vídeos e canais que fogem ao filtro estabelecido pelo Youtube, visto que este mecanismo tem como objetivo tornar a interface mais atrativa, oferecendo em primeira mão tudo aquilo que agrada a quem está navegando pela plataforma para evitar que o mesmo fique disperso em meio a tanta oferta de conteúdo e feche o site. O estímulo para permanência no espaço ocorre estrategicamente. Os autores Souza, Avelino e Silveira (2018, p. 09) afirmam que “para vencer a concorrência,

coletam permanentemente dados de seus usuários, traçam perfis e tentam mantê-los fiéis e atuantes em suas plataformas de interação”, atrelando à criação de um *login* de acesso, tendo em vista que a maior parte dos canais direciona seus vídeos para os seguidores, fomentando a interação por curtidas, compartilhamentos e comentários que só podem ser realizados mediante o cadastramento prévio. Silveira (2018, p. 37) ainda afirma que “um dos principais modos de controle dos gestores das plataformas possuem sobre os seus usuários se dá pela modulação das opções e dos caminhos de interação e de acesso aos conteúdos publicados”, ou seja, há uma oferta limitada de opções para o usuário acessar que é pré-determinada pelo banco de dados gerado com base nas atividades prévias. Esta é também uma tendência de marketing, visto que há um encurtamento das possibilidades de interação e consumo de informação favorecendo as empresas que investem no ranqueamento de seu site ou patrocínio de anúncios.

Para Castells (2003), a interação no ambiente virtual é um fator de grande importância para o contexto social contemporâneo, visto que, as redes digitais tendem a criar comunidades tão intensas e mobilizadoras quanto aquelas formados por laços físicos. Desta forma, se torna mais compreensível o papel que desempenha um influenciador digital ao sugerir a utilização de um produto, indicar uma marca ou, então, propor técnicas de terapêuticas alternativas como é o caso da youtuber Gisela Vallin. Esta compreensão está de acordo com Alves e Mancebo (2006, p. 45) quando afirmam que as “tecnologias contemporâneas penetram as dobras sociais, influenciando cada vez mais as formas de relacionamento entre os sujeitos, produzindo processos de subjetivação subsidiados pela lógica digital”. Nesse sentido, é importante observar como e quais usos estão sendo feitos das ferramentas disponibilizadas pelo Youtube, esta plataforma que desde sua fundação disseminou a prática do compartilhamento de ideias e vida pessoal a ponto de converter-se em uma técnica de mercado, campo profissional e mídia publicitária.

Pensando nisto e focando no objeto de investigação desta pesquisa, o próximo tópico a ser abordado é o trabalho de construção de um espaço terapêutico virtual no canal Gisela Vallin, com o objetivo de compreender as apropriações feitas pela mesma para construir uma confiabilidade baseada em uma “estética youtuber”.

3.4.1 Espaço Terapêutico Virtual: Construindo uma Estética de Confiabilidade

Esta seção tem como pretensão lançar um olhar para a construção do canal Gisela Vallin como um espaço midiático e terapêutico e compreender quais elementos são acionados para a elaboração uma persona condizente ao conteúdo religioso que propaga, principalmente, alinhada à estética youtuber.

O canal criado pela terapeuta Gisela Vallin, em 2009, passou por algumas transformações ao longo desses dez anos de existência. Na descrição do canal, a mesma afirma “minha proposta nesse espaço é torná-lo um templo de amor, luz e alegria, onde as pessoas entrem e saiam reabastecidas de afeto¹⁸”, ou seja, a intenção é promover uma ambiência receptiva para que os seguidores se sintam à vontade com o conteúdo abordado nos vídeos. Tendo em mente que grande parte do conteúdo é voltado para questões pessoais como relacionamentos amorosos, comportamentos e sentimentos a serem evitados, é necessário que aqueles que estão assistindo e interagindo na plataforma sintam-se acolhidos e confortáveis para refletir sobre a sua própria vida a partir do que é dito por Gisela.

Entretanto, para que um espaço seja convidativo e seus ensinamentos sejam bem aceitos, especialmente, por se tratar de uma ambiência virtual, se percebe a utilização de estratégias discursivas e audiovisuais que operam na elaboração de um dispositivo que esta autora pretende por denominar como terapêutico-midiatizado¹⁹, expressão inspirada no termo “Religião Teleterapeutizante” de Fausto Neto (2004). Este dispositivo é construído, em sua maioria, por questões estéticas que promovem efeitos de sentido de confiabilidade e legitimidade. Destaca-se a aparência youtuber que consiste na produção “confessional que muitos associam ao Youtube – falando direto para uma câmera portátil, na sala ou na cozinha de casa” (JENKINS, 2009, p. 344). Este recurso permanece mesmo com a superação de questões técnicas, como a falta de equipamentos profissionais como câmera, iluminação e conhecimento para edição de vídeos.

¹⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/Givallin/about>> Acessado em 24 set. 2019, às 8h45min.

¹⁹ Durante o evento acadêmico III Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais, tive a oportunidade de conversar com o autor e este informou que a utilização do termo necessitaria de uma atualização para a realidade das mídias digitais, tendo em vista que o mesmo se refere à televisão.

Figura 8 - Canal Gisela Vallin



Fonte: Canal Gisela Vallin (2014)

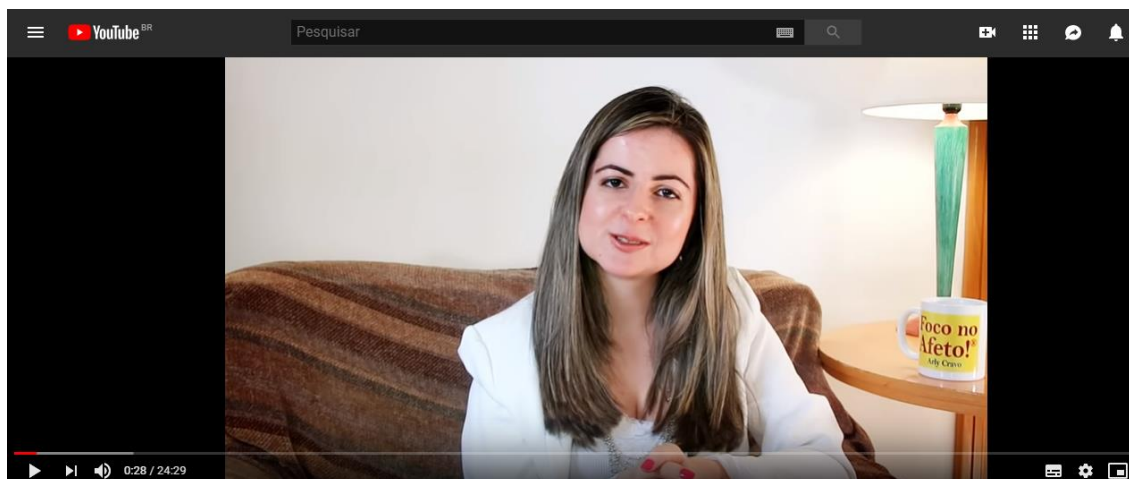
Na figura acima, é perceptível a ausência de recursos audiovisuais em um dos primeiros vídeos disponíveis no canal e, este tratamento de imagem, seguiu até o ano 2017. A falta de artifícios técnicos é compensada por objetos como livros apoiados em uma mesa e a câmera posicionada de frente a Gisela, sentada em um sofá denotando uma conversa diretamente com quem a assiste. Esta construção visual remonta a ideia de um consultório psicológico, de uma pessoa que está a sua frente indicando questões pessoais, emocionais e psicológicas que devem ser observadas, mas neste caso, amparada pela intersecção entre o discurso midiático e religioso.

Se observarmos as publicações mais recentes no canal, saltam aos olhos as transformações da aparência dos vídeos, embora o espaço cênico continue o mesmo. Gisela Vallin investiu em iluminação e em uma câmera que oferece melhor qualidade de imagem e som. Existe, agora, uma abertura padrão que é utilizada em todas novas publicações e utiliza recursos gráficos como *lettering* para expor os principais tópicos abordados na capa do vídeo.

Na imagem abaixo, é visível que o ambiente de gravação permanece o mesmo. A terapeuta, mesmo com o auxílio de ferramentas que oferecem uma estética mais profissional, opta por manter uma ambiência que os antigos seguidores já se identificam. É pertinente ressaltar que a estratégia de gravação em formato de testemunho, como afirma Jenkins (2009), corroboram com a estética youtuber. Dessa forma, a implementação de uma produção menos amadora tem o objetivo de tornar o canal mais profissional, mais condizente com a plataforma

em que são veiculados os vídeos e em destaque em relação aos canais²⁰ concorrentes que, na sua maioria, apresentam as mesmas características das primeiras publicações de Gisela.

Figura 9 - Canal Gisela Vallin



Fonte: Canal Gisela Vallin (2019)

Nesse sentido, Montaño (2017, p. 17) contribui com este entendimento ao afirmar que “a profissionalização do amador e a disponibilização de meios para auxiliar em todo o processo do que se está tornando cada vez mais conhecido com o nome de youtubers ou “criadores de conteúdo” passa a ser o centro das páginas em questão”. Ou seja, o investimento técnico é autofágico, sendo mais atrativo, o canal alcançará mais seguidores e visualizações, aumentando as chances de recomendação orgânica de seu conteúdo e atraindo publicidade para o canal. Este passo da publicidade é interessante ser destacado, visto que é nesse momento em que youtubers iniciam o processo de monetização da prática. Segundo Silveira (2018, p. 37), “a organização

²⁰ Os mecanismos de busca do Youtube dificultam uma abordagem quantitativa, pois ao buscar pela palavra-chave “Lei da Atração” não há um indicativo de quantos vídeos ou canais se relacionam ao tópico. Manualmente contado, foi observado que há mais de 300 canais que abordam o tema. Os primeiros a serem exibidos são “TV da Lei da Atração” que possui 835 mil inscritos e os vídeos mais antigos sobre o tema são de 2015. Os vídeos são narrados em *off* com fotos sendo mostradas em estilo slideshow. A periodicidade é de em média 2 vezes na semana. Os vídeos mais populares versam sobre conquistar relacionamentos, atrair um amor e referentes ao enriquecimento. O segundo canal exibido pelo sistema do Youtube é “Diniz Vieira” com mais de 300 mil inscritos. Primeiramente, é necessário esclarecer que ambas as contas são vinculadas, dessa forma, não são canais concorrentes ou separados. Partindo de uma interpretação pessoal, compreendo que Vieira criou um canal solo para difundir seu nome, entretanto, seus vídeos seguem iguais ao do outro canal. Ao rolar os resultados oferecidos pela plataforma, foi observado que a falta de produção técnica de imagem e som é recorrente e que a maioria, destes mais de 300 canais contados, possui menos de 50 seguidores. Sendo assim, concluo que o Youtube ranqueia os vídeos e canais com maior alcance. Entretanto, esse direcionamento não é orgânico, assim como em outras mídias, há patrocínio e investimento para melhor posicionamento de resultados.

daquilo que é postado e disposto nos circuitos fechados das plataformas não é realizada livremente pelos seus criadores. As plataformas possuem sua própria arquitetura de informação [...]”. Como visto anteriormente, o acesso às informações que circula na web corresponde a um direcionamento personalizado e com base em políticas individuais de cada plataforma. O Youtube, dessa forma, privilegia os criadores de conteúdo que investem em produção de imagem, frequência de publicações, interação dentro da plataforma e aumento do número de seguidores.

Além da profissionalização do canal, é observado que Gisela emprega elementos que contribuem com a estética não só de youtuber, como também de terapeuta. A mesma utiliza roupas formais que destoam dos demais influenciadores digitais da plataforma, entretanto, contribuem para a imagem de uma psicóloga séria e qualificada. O *dress code* de Gisela também privilegia o uso de roupas com cores claras e leves e acessórios mais naturais como colares de sementes ou pedras, favorecendo o aspecto “holístico” e “espiritualizado” de sua personalidade. Outro aspecto importante a ser levantado é o tom de voz muito calmo, por vezes, demasiadamente didático que confere efeitos de sentido de maestria sobre o assunto que está abordando.

Como foi possível observar, o canal Gisela Vallin utiliza estratégias estéticas que a mantêm coerente às impressões que pretende despertar nos seguidores. Há, dessa forma, a construção de um dispositivo terapêutico-midiatizado que opera por diferentes elementos como a aparência da terapeuta, o tom de voz, os objetos que compõem a cena, o enquadramento e aprimoramento técnico de produção.

No capítulo seguinte será realizada a análise dos vídeos do canal Gisela Vallin. Esta, por sua vez, irá ocupar-se pela análise estética, iniciada neste tópico, na qual observa os elementos que fogem à expressão verbal e, também, o nível discursivo, pela análise do discurso por meio de dispositivos metodológicos já descritos.

4. LEI DA ATRAÇÃO NO YOUTUBE: O DISPOSITIVO TERAPÊUTICO AO ALCANCE DE TODOS

Após a exposição da metodologia, dos dispositivos analíticos escolhidos e o corpo teórico que sustentam a prévia análise social, se inicia o processo de aplicação e realização da análise discursiva. A sistemática seguirá a ordem dos eixos temáticos esquematizados na descrição metodológica. Desta forma, os vídeos são divididos em seus respectivos temas: “Lei da Atração e cocriação”, “Lei da Atração e superação pessoal” e “Os segredos sobre a Lei da Atração”.

Ressalta-se que a estrutura analítica não é uniforme. Assim como cada grupo temático possui um número diferente de vídeos, no processo de decupagem dos vídeos, foi possível observar a recorrência e a convergências enunciativas, por parte de Vallin, quando aborda a Lei da Atração em seu canal. O encontro desses enunciados será distribuído em categorias que permitirão analisar o discurso a partir de um agrupamento de sentidos. É observada a ocorrência de diferentes categorias enunciativas nestes grupos, tendo em mente que estas derivam do próprio discurso da terapeuta. Desta forma, a análise discursiva, que se vale de elementos verbais e não-verbais, segue o fluxo da narrativa traçada Gisela, com base nas estratégias que utiliza, bem como nos sentidos que emanam.

4.1 A LEI DA ATRAÇÃO E COCRIAÇÃO

Nesta seção, será trabalhada a primeira das três temáticas observadas ao abordar a Lei da Atração no canal Gisela Vallin no Youtube. Para tanto, foram selecionados os vídeos “Todo mundo pode cocriar?²¹” (V20) e “Como cocriar e soltar para manifestar o que você quer? #leidaatração²²” (V03), “Cocriação em estado meditativo²³” (V06), “Evite esses 3 erros na hora

²¹ VALLIN, Gisela. Todo mundo pode cocriar? Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8b51VnKHz90&list=PLnMrMtxdgdMcoUYm0f6kpUYdU8uYpuH0j&index=20>> Acesso em 23 de abr. de 2019, às 21h.

²² VALLIN, Gisela. Como cocriar e soltar para manifestar o que você quer? #leidaatração. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IJDx6kryeMM&list=PLnMrMtxdgdMcoUYm0f6kpUYdU8uYpuH0j&index=3>> Acesso em 20 de abr. de 2019, às 10h.

²³ VALLIN, Gisela. Cocriação em estado meditativo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9fhrOC5xNMM&list=PLnMrMtxdgdMcoUYm0f6kpUYdU8uYpuH0j&index=6>> Acesso em 22 de abr. de 2018, às 14h.

de cocriar! #leidaatração²⁴” (V19), Lei da Atração: Cocriar e esquecer ou cocriar todos os dias?²⁵” (V14) e “Sugestões para a cocriação: Lei da Atração²⁶” (V07) pertencentes ao grupo temático, desta pesquisa, “Lei da Atração e cocriação”.

Em um primeiro contato com a materialidade do discurso de Gisela Vallin, sobre os poderes da Lei da Atração e a capacidade de cocriar uma realidade, foi possível perceber um agrupamento de sentidos dentro deste tema. Isto posto, a análise será dividida por categorias que compõem um arranjo de sentidos advindos dos enunciados extraídos do canal no Youtube. Sendo estes: disciplinamento mental e emocional; estado de consciência; responsabilização total; signos de sucesso e realidades ilusórias.

a) Disciplinamento mental e emocional:

Esta categoria discursiva diz respeito à regularidade de enunciados que mencionam a necessidade de os sujeitos controlarem o que pensam e sentem. Estando em constante estado de vigilância, os indivíduos teriam mais consciência sobre sentimentos ruins. De acordo com Vallin, ao controlar emoções denominadas prejudiciais como a raiva e a inveja, conseqüentemente, os sujeitos atrairiam seus objetos de desejo e sentimentos de felicidade, realização e sucesso pelas técnicas da Lei da Atração. Vejamos nos excertos a seguir.

Gisela Vallin inicia o vídeo 03 contando que entrou em contato com o “mentor amigo”. Ela explica que este é uma “entidade de luz” que vive em outra dimensão e que lhe deu algumas repostas sobre porque algumas cocriações demoram para se materializar. Obteve a seguinte resposta: (2min.) “Na terceira dimensão, vocês estão aprendendo a cocriar. Vocês estão aprendendo a lidar com essa habilidade”. E mais adiante, (V03, 2min.08seg.) “Como vocês ainda estão num nível de percepção que não permite que vocês sintam e cocriem porque, na maioria das vezes, a gente sente muito lixo, né gente”. Do ponto de vista não-verbal, é observável que Gisela utiliza os gestos como complemento para didatizar os ensinamentos que

²⁴ VALLIN, Gisela. Evite esses 3 erros na hora de cocriar! #leidaatração. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yjY5aSeg8A0&list=PLnMrMtxdgdMcoUYm0f6kpUYdU8uYpuH0j&index=19>> Acesso em 22 de abri. de 2019, às 14h> Acesso em 22 de abr. de 2019, às 20h30min.

²⁵ VALLIN, Gisela. Lei da atração: Cocriar e esquecer ou cocriar todos os dias? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ai3yKBL_IN8&list=PLnMrMtxdgdMcoUYm0f6kpUYdU8uYpuH0j&index=14> Acesso em 22 de abr. de 2019, às 19h30min.

²⁶ VALLIN, Gisela. Sugestões para a cocriação: Lei da atração. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=re9fA8sCN3U&list=PLnMrMtxdgdMcoUYm0f6kpUYdU8uYpuH0j&index=7>> Acesso em 22 de abr. de 2019, às 16h30min.

transmite. A estética de consultório é construída com base em um cenário sóbrio, constando apenas um abajur em cima de uma mesa de canto, bem como o estilo da terapeuta que opta por uma maquiagem leve, cabelo escovado e acessórios de pedras, evocando efeitos de sentido de formalidade e distanciamento. Na fala de Gisela é possível notar a demarcação de um posicionamento privilegiado, de uma pessoa que possui contato direto com os ditos “seres iluminados” e está imbuída da função de contar para o mundo os seus ensinamentos. Esta estratégia é descrita por Orlandi (2009) como relações de força e imprimem efeitos de sentido de validação e comprovação para o discurso. Como resultado deste recurso enunciativo, é notável o distanciamento criado entre ela e os seguidores, marcando a distinção entre “eu” e “vocês”. Outra estratégia observada, ainda nestes trechos, é a de relações de sentidos (ORLANDI, 2009) que Gisela estabelece entre a explicação da Lei da Atração, a crença espiritualista em múltiplas dimensões e uma espécie de teodiceia que tem como função dar respostas de porque, mesmo seguindo a doutrina, muitas vezes não se alcança a glória prometida.

Seguindo as explicações, com base na resposta do ser divino que diz ter entrado em contato, Gisela afirma: (V03, 2min.24seg.) “Você, primeiro, precisa aprender como lidar com essa energia para que você possa cocriar de fato, né, de uma forma mais rápida. Mas até isso acontecer, a gente precisa passar por um estágio onde as coisas são mais lentas”. Disciplinar a mente é muito caro aos efeitos da Lei da Atração. Todos podem, segundo a terapeuta, criar realidades que atendam aos mais vastos e exigentes pedidos, desde que passem por um processo de disciplinamento. Gisela ensina não só como atrair uma nova realidade, mas como os sujeitos devem portar-se. Há a necessidade de performar uma personalidade (FREIRE FILHO, 2010) moldando uma subjetividade que busca os bônus das técnicas ao passo que arca com as consequências de um disciplinamento.

Para tanto, é sugerido que se encarne um perfil vigilante e autoconsciente dos sentimentos e emoções, como é possível perceber a seguir: (V03, 3min.) “Então realmente a gente tem que ter muita paciência, muita perseverança, procurar manter os sentimentos positivos para que a gente possa de fato ficar na frequência necessária para que a cocriação se manifeste”. Junto ao autocontrole, Gisela amarra a responsabilização, visto que joga para os sujeitos a necessidade de estarem cientes de que o fracasso ou sucesso da cocriação depende do empenho individual em cultivar bons sentimentos. No vídeo 06, a orientação de persistência e disciplinamento mental está presente (3min.20seg.) “mas tudo é treino. Então você treinando cinco, dez, quinze minutos por dia. (...) Até conseguir ficar meia hora, uma hora meditando,

né. Começa a treinar. Mas o importante é ter empenho”. Sobre disciplina, Foucault (2010, p. 134) nos diz “a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada”. Neste caso, o autocontrole ditado pelas técnicas da Lei da Atração tem como objetivo elevar as potencialidades humanas, tornando os sujeitos os seus próprios dispositivos para alcançar o sucesso.

Vallin afirma (V03, 5min.44seg.) “quando ele começou a me contar que a minha raiva prejudicava as pessoas ao meu redor, eu comecei a pensar: gente, que responsabilidade, né?! (...)”. Gisela continua a sua fala entrelaçando os seus ensinamentos ao que foi dito pelo “mentor amigo”. Esta estratégia de relação de força (ORLANDI, 2009) demarca a posição social da mesma enquanto porta-voz de uma sabedoria divina. O excerto ainda remete a efeitos de sentidos que levam os seguidores a entrar em um processo reflexivo das próprias ações. Ela afirma (V03, 6min.10seg.) “Então depois que eu tive essa consciência, eu comecei a ter muito mais cuidado com o tipo de sentimento que eu tô conectada. (...)Quando eu percebo que isso prejudica outras pessoas que também estão numa frequência baixa e que isso atinge essas pessoas, eu pensei gente isso é muita, muita responsabilidade. Tenho que ter muito cuidado com o que eu tô sentindo”. Essa atenção a si mesmo na tentativa de tornar-se melhor é descrita por Foucault (1985) como cuidado de si. Apesar de ser uma técnica que se aplica individualmente, ela tem reflexos sociais, pois uma pessoa feliz e produtiva serve como motivação para outros sujeitos, além de girar a engrenagem da sociedade produtivista, ancorado nas lógicas neoliberais, na qual estamos inseridos.

Ainda no vídeo 03, Gisela afirma (6min.30seg.) “E aí que eu comecei a focar muito em ter sentimentos positivos. Quando eu percebo que tá caindo eu já vou lá e ouço um mantra positivo, vejo coisas que me colocam pra cima, ouço uma música elevada, coloco gráficos de cura para mudar aquele padrão e para me sentir alinhada com a fonte”. A figura de tutora segue sendo a estratégia discursiva da terapeuta, a mesma coloca-se como uma pessoa que, antes de ensinar, implementou à própria vida os procedimentos da técnica. Outro aspecto importante de ressaltar é o apelo à elevação de sentimentos através do disciplinamento e cuidado de si (FOUCAULT, 1985), pois para perceber que o nível energético está caindo, os sujeitos devem estar em alerta constante.

Vallin diz (V03, 9min.) “se a gente aprendeu a ficar conectado com bons sentimentos, naturalmente aquilo que vai se manifestar no nosso entorno vão ser coisas compatíveis com esse sentimento. E aí vai ser só coisa boa, não importa o que seja”. Nestes trechos o apelo à felicidade conota efeitos de sentido que se ligam ao ambiente ideológico (ORLANDI, 2009)

em que estamos inseridos. Freire Filho (2010) vai ao encontro de Orlandi (2009) ao afirmar que o imperativo à felicidade é uma estratégia de governo neoliberal que, através da satisfação pessoal, pretende elevar o nível de produtividade do espaço social e delegar os sujeitos a obrigação de capacitarem e aumentarem as suas próprias habilidades.

No final do vídeo 03, Gisela afirma (13min.40seg.) “Todo dia com esse treino, orai e vigiai. Orai e vigiai (...) [risos]. Eu sei que não é fácil. Eu sei. Eu passo por isso”. A autora novamente apresenta-se como experiente, pois já passou pelos mesmos questionamentos dos seguidores e antecede (ORLANDI, 2009) possíveis argumentações dos mesmos ao afirmar que sim, apesar de possível, é difícil e exige persistência para recriar um mundo de desejos. Neste excerto, o disciplinamento é evidente. A terapeuta, assim como os seus seguidores, também se submete às coerções da Lei da Atração. A mesma não cria um discurso inaugural sobre o tema, ela manifesta em seu canal os efeitos que estes enunciados difusos que vem autoajuda, da Nova Era, do empreendedorismo de si, entre outros, surtem sobre ela.

Vale atentar-se ao trecho “orai e vigiai”, pois esta é uma passagem bíblica que remete a diversos efeitos de sentido. Primeiramente, se destaca o fato de a terapeuta identificar-se com os rituais da religiosidade Nova Era ao mesmo tempo em que faz conexões com ensinamentos de religiões cristãs. Esse é um aspecto da modernidade contemporânea descrito por Hervieu-Léger (2015) como “bricolagem”. Este é um fenômeno na qual os sujeitos fazem uso de diferentes perspectivas religiosas para compor sua crença, de forma individualizada. Nesta fala da terapeuta, é observada outra estratégia discursiva no intento de atrelar a Lei da Atração – uma proposta terapêutica-religiosa não convencional – ao dogma cristão por meio de relações de sentido (ORLANDI, 2009). Neste espaço, são entrelaçados diferentes enunciados, crença Nova Era e cristianismo, que convergem na emissão de sentidos sobre um objeto.

Outro aspecto importante de ressaltar é a tendência à pedagogização. Os sujeitos, segundo Vallin, devem aprender a controlar a mente, aprender a equilibrar as energias, aprender a conectarem-se com a felicidade. O disciplinamento vem da constante aprendizagem. Esse aspecto é descrito por Marín-Díaz (2016) como uma estratégia de autogoverno das sociedades neoliberais. Foucault (1985) corrobora esta visada quando introduzimos o conceito de cuidado de si enquanto um ato de aprendizagem do vir a ser. Neste caso ser vigilante quantos aos sentimentos e pensamentos, com o objetivo de refletir exteriormente sentidos que contribuem com a imagem de uma pessoa produtiva e competente.

Focando ainda no pensamento foucaultiano, é pertinente extrair, de todos os excertos trabalhados nesta categoria, efeitos de sentido que remetem ao controle biopolítico. Tendo em vista que o ensino e a aprendizagem da disciplina da Lei da Atração estão tendo acesso e procura no Youtube, em um momento histórico e nacional, na qual o pensamento neoliberal está em ascensão, há uma ruptura com as políticas públicas assistenciais, perda de direitos trabalhistas, precarização do trabalho, aumento do desemprego e crescimento da pobreza e desigualdade do Brasil. Não é equivocado afirmar que a técnica terapêutica atua como um biopoder (FOUCAULT, 2010) que não age apenas na vida física da pessoa, mas se introjeta na manipulação dos pensamentos e da composição da própria subjetividade dos sujeitos através da disseminação de uma governamentalidade do cuidado de si. O interesse em formar sujeitos felizes (FREIRE FILHO, 2010) corresponde às expectativas e às exigências de sociedades capitalistas programadas para o sucesso individual com vistas à superprodução.

b) Estado de consciência:

Para Gisela Vallin, o sucesso ou o fracasso na tentativa de cocriação depende da elevação do estado de consciência e a conexão com sentimentos que ela classifica como de alta vibração. Não há a possibilidade de falha, pois a Lei da Atração e a sua capacidade de criar novas realidades é uma verdade universal, segundo a crença da terapeuta. Vejamos nos excertos a seguir.

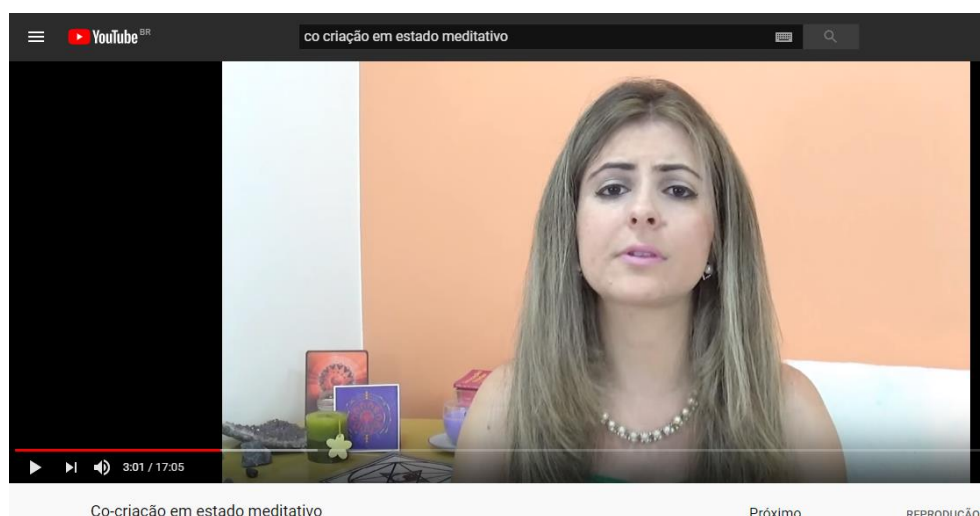
No vídeo 20, Gisela faz uma crítica de que a sociedade estaria apenas preocupada em exigir uma boa conduta de acordo com as normas sociais e que não se importaria com os sentimentos e o cuidado com a espiritualidade. Segundo Vallin, para o social (3min. 50 segs.) “é isso que faz de você uma boa pessoa. Não é a sua conexão com a essência. Não é o que você sente. Não é a energia que você emana, que você vibra”. Aqui podemos perceber que a terapeuta demarca sua visão de mundo e religiosa como predominante. A forma como expõe a sua fala revela uma estética de consultório. Assume um tom de voz sério, explicando didaticamente como a sociedade funciona, por meio de metáforas em excesso que pode soar como a subestimação da capacidade de os seguidores terem sua própria compreensão da realidade. A crítica feita, por sua vez, remete a efeitos de sentido de que a crença em frequência energética, o pertencimento aos cosmos, muito particular do movimento espiritualista, deve ser a preocupação maior do gerenciamento social. Esta preocupação com a essência interior e de

sentir-se completo é um sintoma do que Campanella e Castellano (2015) denominam como cultura terapêutica, neste caso, endossada pela visão mística da Nova Era.

No vídeo 06, a terapeuta reitera a importância do estado meditativo ao afirmar que (3min.35seg.) “a meditação é a nossa verdadeira natureza. É impossível alguém não conseguir meditar porque é a mesma coisa que a pessoa falar “eu não consigo ser o que eu sou”. Né? Impossível”. Para Gisela, o ato de transcender a consciência é uma faculdade humana inata e que deve ser posta em ação tendo em vista os benefícios que a prática pode proporcionar aos sujeitos. Esta preocupação com o bem-estar e a adesão a práticas que remetem à área da psicologia são sintomas da cultura terapêutica que foi fortemente propagada pela cultura de autoajuda e o mercado esotérico do movimento Nova Era (GUERRIERO, 2003). Tanto a Nova Era, como a literatura de aconselhamento, explora a psiquê do ponto de vista holístico e generalista, exportando conceitos e concepções da psicologia, psicanálise e neurociência para agregar efeitos de validação científica aos seus discursos, ainda que não haja domínio ou formação necessária para aplicação dos mesmos de forma comercial, como a venda de livros, cursos ou terapias integrativas.

As características não-verbais do vídeo corroboram o que é dito. Esta é uma publicação do ano de 2015, portanto, Gisela está no cenário antigo, sentada em um sofá, com uma mesa ao lado com objetos místicos como velas, uma flor de lótus decorativa, pedras ametista, livros de provérbios e gráficos radiestésicos muito utilizados por espiritualistas. As questões estéticas do vídeo são precárias, tanto iluminação, som e animações. Gisela, por sua vez, segue fiel ao estilo mais formal que foge à lógica do Youtube, com cabelo solto, maquiada e acessórios de pedras.

Figura 10 – Co-criação em estado meditativo (Vídeo 06)



Vallin, no vídeo 03, segue a mesma linha de raciocínio e afirma, com base nos ensinamentos do mentor amigo, que (4min. 40seg.) “o mais importante é você estar sempre conectada com sentimentos positivos, amor, leveza, alegria. Então, quando vier a raiva, não é que você vai negar a raiva. Você não vai reprimir a raiva, você vai observar a raiva e você não vai se identificar com ela (...)”. É observado que a raiva e a tristeza são os sentimentos mais criticados pelos vídeos sobre Lei da Atração ou conteúdo de autoajuda e, segundo Orlandi (2009), é necessário estar atendo às rememorações e às filiações em formações discursivas amarradas ao que é dito. A culpabilização da raiva carrega uma carga de sentidos que remete a uma pessoa fora de si, inconsciente e sem autocontrole. Em uma sociedade que cultiva a felicidade como meta máxima do ser humano, como aponta Freire Filho (2010), qualquer sentimento que se oponha à figura alegre é motivo de repreensão. E neste caso, a repressão de sentimentos torna-se muito mais eficaz se praticada constantemente, através da Lei da Atração, pelos próprios sujeitos.

Gisela segue o seu argumento acerca das emoções e afirma (V03, 5min.05seg.) “quando você entra nesse sentimento de raiva, você vai envenenando o seu corpo inteiro e você espalhando isso pro ambiente ao seu redor. Ele [mentor amigo] me deu uma imagem que me chocou bastante. Ele falou o seguinte, que quando eu fico com raiva, muita raiva, é como se tivesse tido a 3ª Guerra Mundial ao meu redor, porque fica um monte de lixo e de sujeira. É que a gente não pode ver, né gente”. Neste trecho, a terapeuta é mais incisiva quanto aos possíveis perigos da raiva. Bem como aponta Foucault (1985), a vigilância decorrente ao olhar atento para os próprios atos se tona uma estratégia de governamentalidade que extrapola as barreiras da vida pessoal e tem reflexos na população. O cuidado de si, segundo o autor, é uma forma de conduzir coletividades, entretanto, induzindo que cada sujeito seja responsável por si mesmo.

Na lógica de Vallin, sentir raiva deixa de fazer mal apenas a si mesmo e passa a ser nocivo a todo ambiente que rodeia o indivíduo. Além do mais, é utilizado como estratégia discursiva a interdependência de sentidos (ORLANDI, 2009) ao comparar um sentimento que é natural, a raiva, à iminência de uma grande catástrofe. Esta comparação gera efeitos de sentido de responsabilização e autocontrole, pois, sugere aos sujeitos que aquilo que os mesmos sentem ou pensam têm o poder de ocasionar estragos na proporção de uma guerra. Desta forma, os seguidores do canal são convidados a entrarem em estado de vigilância para não contaminar apenas seu corpo, mas a vida ao seu redor. Desta forma, o medo de prejudicar outras pessoas combate a raiva, através da autovigilância (FOUCAULT, 2010), e ao incitar os seguidores a instituírem uma personalidade alegre performada (FREIRE FILHO, 2010).

Finalizando a explicação sobre a sua visão dos malefícios de sentir raiva, Gisela afirma (V03, 6min.50seg.) “gente, é importante dizer, isso não é repressão da raiva. Não é repressão dos sentimentos negativos. É não identificação. Eu observo que tô com um sentimento negativo e fico consciente dele. Na medida em que eu fico consciente, ele some”. Dos efeitos de sentido da fala de Vallin podemos apreender que, aqueles que não tomam consciência do que sentem e não policiam sentimento nocivos, vivem em estado de inconsciência, cegos e irresponsáveis por não controlarem o poder de contaminação que, segundo a terapeuta, a raiva e outros sentimentos de baixa vibração podem causar. Novamente, a ligação do discurso da terapeuta ao sistema ideológico neoliberal em vigência é muito forte. Para Dardot e Laval (2016, p. 325) “o novo governo dos homens penetra até em seu pensamento, acompanha, orienta, estimula, educa esse pensamento”. Esta governamentalidade atua como um inovador dispositivos de controle, pois o objetivo “é vincular a maneira como um homem é governado à maneira como ele próprio se governa” (2016, p. 332). Essa autogovernabilidade será explorada na categoria enunciativa a seguir.

c) Responsabilização total:

Esta é uma categoria que compõe as recorrências discursivas da alta responsabilização dos sujeitos pela condição na qual se encontram. Questões estruturais como pertencimento a diferentes classes são compreendidos como resultado de uma herança kármica ou, então, como desleixo individual. Vejamos nos excertos a seguir.

Gisela inicia o vídeo 20 afirmando que estudou em escolas que difundiam o “paradigma materialista”, ou seja, que ensinam os alunos a pensarem apenas no consumo, nas regras sociais, na moralidade da vida terrena sem considerar a espiritualidade. Então ela diz “Eu falava “será que essa lei funciona mesmo ou é só na minha vida e na de algumas pessoas, né? Será que isso é um privilégio de alguns? Será que a cocriação é seletiva ou ela é uma lei universal?”. E logo em seguida, (V20, 1min. 23seg.) “e aí eu perguntei pro mentor amigo se todo mundo é capaz de cocriar e ele me garantiu que sim. Ele me falou que isso é uma lei universal e todo mundo pode cocriar”. Nestes excertos, a relação de força (ORLANDI, 2009) é demarcada pela terapeuta enquanto sujeito reflexivo, que se preocupa com os princípios éticos do funcionamento da técnica, além de possuir uma resposta divina aos seus questionamentos. Segundo a fala da terapeuta, os ensinamentos não são inventados por ela, são enviados por seres ditos iluminados e não humanos, como o mentor amigo, funcionando como um efeito de

comprovação e legitimação daquilo que é dito. Destaca-se como Vallin é afetada também pela Lei da Atração, pois ela é uma reprodutora das coerções que impoem a técnica.

Seguindo no mesmo raciocínio, Gisela afirma: (V20, 1min. 30seg.) “Agora é claro, dependendo do karma, né, de cada pessoa, da história de vida, para algumas pessoas pode ser um pouco mais fácil ou um pouco mais difícil. Não dá pra falar assim que é supersimples cocriar. Depende, né. Depende das crenças que as pessoas têm, mas todo mundo é capaz de cocriar. Isso é uma lei universal, não é uma escolha, não é uma opção”. O tom de voz da terapeuta é sério, fala pausadamente e complementa com os gestos lentos das mãos. Por vezes, une as mãos em forma de oração, quando quer enfatizar algum ponto. Em sua fala, Gisela demarca uma antecipação (ORLANDI, 2009) dos questionamentos que os seguidores ou praticantes da técnica poderiam ter. Ela adianta, como forma de estratégia discursiva, que apesar de possível a todos, não é fácil concretizar os desejos. Reforça, ainda, a individualização e a responsabilização da eficácia no processo de cocriação. Neste fragmento, também é interessante ressaltar uma contradição de cunho místico-religioso. A terapeuta afirma que a Lei da Atração é uma lei universal que, entretanto, depende da fé individual. Guerriero (2000) afirma que é próprio do movimento Nova Era esse deslocamento das lógicas científicas para o ambiente religioso. Neste caso, em particular, se trata de uma lei, um princípio científico que operaria através da crença.

Gisela segue seu raciocínio afirmando que a nossa percepção da vida, da realidade e de nós mesmos foi moldada por forças exteriores, (V20, 5min. 10seg.) “como a gente foi criado nessa sociedade (...) que nos ensinou que a força está fora de nós e que ela não tá dentro, essa sociedade não nos ensinou que nós somos responsáveis pela realidade que a gente cocria. Somos corresponsáveis. Ela nos ensinou que somos vítimas, que somos coitados, que não temos força”. Este excerto elucida as conexões ideológicas (ORLANDI, 2009) no discurso da terapeuta. A crença de Gisela de que todas as pessoas têm a capacidade de mudar a sua realidade, recai sobre um relativismo de que qualquer situação indesejável, desde a miséria até um acidente de trânsito, tenha sido fruto de nosso pensamento, de nossa vibração energética. Sobre essa capacidade de interferência na realidade, Guerriero afirma que a compreensão da Lei da Atração entende que (2014, p. 926) “os acontecimentos, os infortúnios, assim como as doenças e as curas, podem ser compreendidos no interior de uma lógica mais ampla em que o indivíduo é responsável”. Esta mentalidade religioso-terapêutica encaixa-se na racionalidade neoliberal que concebe os sujeitos enquanto responsáveis pelo gerenciamento de suas próprias vidas, restando ao Estado e às instituições públicas, tarefas bem pontuais na organização da

vida social. Desta forma, o mercado seria o grande instrumento de governo da sociedade, bem como influiria na conduta da vida individual dos sujeitos transformando cada um em uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016) que maximiza os seus lucros e lida com as suas perdas. Levando em consideração a forma como Gisela atribui aos sujeitos a responsabilidade sobre as suas próprias condições de vida, é interessante pensar que, diante deste cenário de responsabilização dos indivíduos e perda progressiva dos direitos no Brasil, marcado pelo crescimento do sentimento de insegurança econômica, política e social, a procura por conteúdos relativos à Lei da Atração é sintoma da sensação de risco (Beck, 2002) e a procura por artefatos que reconstituam a segurança ontológica (GIDDENS, 2002) enfraquecida.

A terapeuta continua a sua fala ao afirmar que (V20, 7min. 48seg.) “quando você reconhece essa sua força, essa sua luz (...) quando você para de achar que você é um coitado, que é vítima, que você é um pobrezinho, que nada dá certo pra você. Quando você aceita que você merece o melhor, que a prosperidade, a abundância, o amor também foi feito pra você. Você pode desfrutar disso porque Deus tá dentro de você”. Gisela começa a falar mais alto, cada vez mais séria, complementando o que diz com o seu olhar e as expressões em seu rosto que conotam um puxão de orelha, uma lição importante que está sendo passada para os seguidores. A filiação ideológica (ORLANDI, 2009) ao pensamento neoliberal marcara-se pelo discurso de aconselhamento religioso. Segundo Gisela, após aceitar-se enquanto um ser merecedor de sucesso, se deve tomar as rédeas da própria vida. Guerriero (2003) contribui ao descrever o movimento Nova Era como uma religiosidade que cresceu pela contestação do mundo material. Entretanto, a sua popularização foi impulsionada pela lógica de consumo de produtos esotéricos. Portanto, há um pensamento elitista que acompanha e se faz presente desde o desenvolvimento da religião e recebe uma nova roupagem a cada produto a ser consumido como é o caso da Lei da Atração, o consumo de livros de autoajuda mística e terapias não convencionais.

Encaminhando-se para o final do vídeo, Gisela retoma a ideia e afirma que (V20, 9min.) “quando você para de culpar a sociedade, quando você para de culpar o país, quando você para de culpar as pessoas ao seu redor e você reconhece essa maestria interna, a sua vida começa a mudar”. Gisela mais uma vez utiliza a encenação dos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2001) para ser incisiva. Fala olhando fixamente para a câmera, o gestual fica mais marcado, o tom de voz segue sério, mas começa a sorrir, pois está mostrando como a Lei da Atração pode trazer benefícios para a vida dos seguidores. A maneira como gesticula lembra a aproximação do clímax teatral, em que as palavras são ditas pausadamente, com sorrisos e olhares que

pretendem transmitir emoção. Do ponto de vista da filiação ideológica, tão cara à análise do discurso para Orlandi (2009), se torna evidente na fala da terapeuta através dos efeitos de sentido que emanam da responsabilização dos sujeitos. Dardot e Laval (2016) afirmam que, aqueles que experienciam a sociedade neoliberal contemporânea, são instigados a introjetar uma nova mentalidade, ou seja, se sujeitar às coerções advindas de uma racionalidade que afeta o social por meio do sistema econômico, político, cultural e subjetivo. Este processo de sujeição corresponde à internalização individual das lógicas neoliberais, na qual os sujeitos, progressivamente, se tornam empresas, guiando suas próprias vidas, tendo responsabilidades, empreendendo-se para se destacar em um mercado competitivo e abrindo mão de instituições que, anteriormente, ofereciam controle social.

Esta radical inserção de um sistema ideológico dominante é bem demarcada no discurso de Gisela. Ela afirma, por fim, que (10min. 05seg.) “quando a gente começa a assumir a responsabilidade pela nossa vida, quando a gente sai da postura infantil de ficar culpabilizando as pessoas ao redor, se achando vítima, coitado e que nada dá certo para você (...), você vai ver a luz que existe em você”. É perceptível, portanto, a adoção de uma lógica de mercado para a condução da própria vida. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 328):

A racionalidade neoliberal produz o sujeito que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados, expondo-se a riscos e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos.

É necessário salientar que as lógicas discursivas de Gisela nunca se desprendem da explicação mística. Para ela, não basta apenas aceitar a responsabilidade da própria vida, mas identificar-se enquanto um ser de luz, pertencente a um cosmos divino. Esta estratégia empregada pela terapeuta para construir o seu discurso é chamada por Orlandi (2009) de relações de sentidos e consiste no emaranhado de conexões e interdependências entre diferentes discursos que convergem na dispersão de sentidos. Neste caso, há uma clara relação entre uma contestação histórica do funcionamento da sociedade, o surgimento de uma alternativa mais eficaz para o funcionamento da mesma como a lógica neoliberal e a justificativa desse novo movimento ancorada pela crença e dos padrões místicos do movimento Nova Era.

d) Signos de sucesso:

Essa categoria refere-se aos exemplos criados pela terapeuta ao sugerir um possível desejo dos seus seguidores. Quando explica os procedimentos da técnica de cocriação, que funciona pelo princípio da Lei da Atração, Vallin, em grande parte, cita bens materiais ou situações de distinção social como alguns exemplos daquilo que pode ser obtido pelo poder do pensamento. Vejamos os excertos a seguir.

No vídeo 06, Gisela reitera a necessidade de estar conectado com alto padrão vibracional, fazendo referência à frequência energética ensinada pela religiosidade Nova Era para fazer pedidos ao universo. Caso o sujeito que está a cocriar a realidade não esteja “bem alinhado” com seus desejos, segundo a terapeuta, (6min. 20seg.) “então o que você vai cocriar vai ser um monte de abobrinha que não tem nada a ver com a sua verdadeira essência. Você vai pedir um carro x que não tem nada a ver com você, uma viagem não sei o que que também não realiza a sua alma”. No vídeo 07 (9min. 30seg.), segue na mesma linha de raciocínio quando diz “quantas vezes a gente pede um carro, uma casa ou, às vezes, um relacionamento e aí com o passar do tempo a gente vai vendo que não é bem aquela pessoa que você queria, aquela casa...”. No discurso, são observáveis relações de sentido (ORLANDI, 2009) que designam bens de satisfação material como um carro ou uma aventura em uma viagem atrelados à essência cósmica dos indivíduos. O entrelaçamento discursivo entre espiritualidade e a busca por conquistas materiais ou experiências individuais surtem efeitos de sentido que corroboram Campanella e Castellano (2014) que afirmam que, na ambiência de uma cultura terapêutica, a satisfação pessoal se dá através da experimentação e evolução espiritual, muito influenciada pela lógica da nova era, através do consumo.

Ainda no vídeo 06, Gisela afirma que (13min. 30seg.) “às vezes o nosso ego acha que a gente tem que passar por privação, por limitação. Não tem essa. Tem muita gente que fala assim “ai, não vou fazer a viagem porquê não sei o que, por causa da crise, que eu tô sem dinheiro”. Neste excerto, é perceptível no discurso da youtuber, ao menos, duas estratégias discursivas. A primeira diz respeito à relação de sentido (ORLANDI, 2009) que estabelece com o campo da psicologia através do léxico “ego” e evoca efeitos de validação do que é dito e corroborado pela segunda estratégia, chamada de relação de força por Orlandi (2009), que é instituída entre a Gisela graduada em psicologia e seus seguidores, visto que a mesma utiliza a sua formação acadêmica enquanto tática de legitimação da eficácia da Lei da Atração. Entre os efeitos de sentido que emergem destas estratégias do discurso estão a minimização de questões macrossociais como pertencimento a diferentes extratos sociais. Vallin subentende que crise

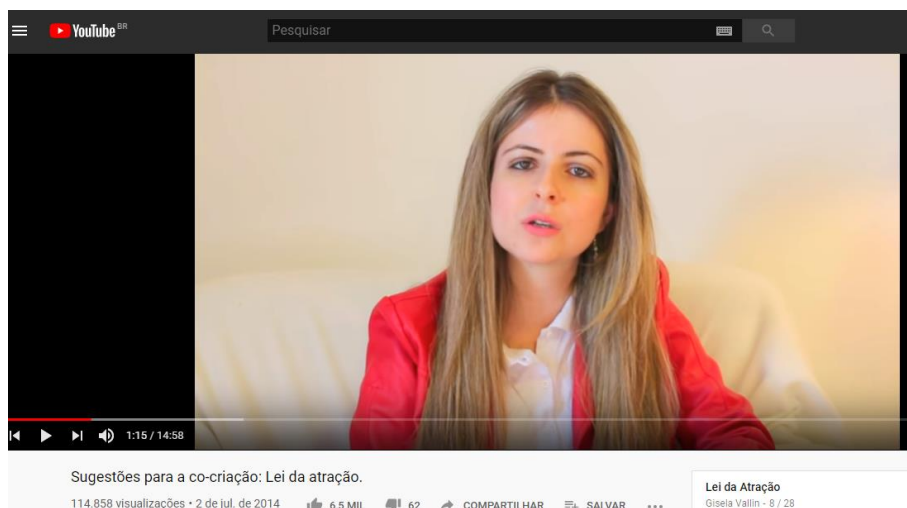
econômica que, eventualmente pode assolar um país e a conseqüente interferência na vida financeira dos sujeitos, não é motivo para impedir de conquistar signos de sucesso como a viagem dos sonhos.

A responsabilização dos indivíduos é carregada por um discurso neoliberal que oferece “a ilusão socialmente difundida de um gozo total e sem limite” (DARDOT; LAVAL; 2016, p. 371). No vídeo 14, viagem como signo de sucesso pessoal é rememorada quando diz (6min. 50seg.) “a questão é a sua consciência, o tipo de sentimento que você tá conectado quando a coisa acontece. Que que adianta você conseguir a viagem dos seus sonhos ou o relacionamento dos seus sonhos quando você tá com uma consciência de ameba [risos]”. Neste vídeo, Gisela comunica-se com mais leveza e informalidade com seus seguidores, inclusive, dá alguns exemplos de situações que a mesma julga comum no processo de aplicação da Lei da Atração e ri disso. Outro aspecto interessante é a encenação (CHARAUDEAU, 2001) quando cita o Osho, a terapeuta muda as expressões do rosto e fecha os olhos para falar do guru. Do ponto de vista verbal, a estado de consciência é uma condição muito cara à Lei da Atração, visto que, de acordo com as técnicas ensinadas, sentimentos e emoções positivas, como a felicidade (FREIRE FILHO, 2010) são os únicos responsáveis pela prosperidade dos sujeitos.

Gisela afirma, no vídeo 07 (6min. 40seg.) “então não adianta, por exemplo, você pedir 30 milhões na Megasena se você acredita que todo o rico é ladrão. Por exemplo, que todo rico é aproveitador, que ter dinheiro é pecado, que dinheiro é sujo, que bom mesmo é ser pobre, que gente pobre é mais feliz”. Deste excerto, novamente, são identificáveis mais de uma estratégia discursiva. Primeiramente, a terapeuta recorre às relações de sentido (ORLANDI, 2009) que estabelece entre a figura do sujeito pobre com o pecado. Esta relação é trazida dos diversos exemplos bíblicos e santidades do catolicismo que abriram mão da riqueza e bens materiais para viver em plenitude espiritual. Um dos possíveis efeitos de sentido desta tática é a bricolagem religiosa (HÉRVIEU-LÉGER, 2015) proposta por Vallin, visto que faz uso de diversas vertentes religiosas para construir seus argumentos acerca das técnicas, aplicações e resultados da Lei da Atração. Observa-se que as roupas de Gisela complementam a carga de sentidos que deseja transmitir pelo seu vídeo, a mesma está usando um blazer vermelho e uma camisa social branca de frente para um fundo todo branco. A imagem da terapeuta se destaca, sobretudo por ligar-se à mensagem que está comunicando. Gisela não pode falar sobre sucesso sem que se pareça com uma mulher segura, bem-sucedida e que possui credibilidade. Os elementos visuais, como afirma Charaudeau (2001), são determinantes para compreender as

estratégias discursivas empregadas, bem como os efeitos de sentidos possíveis que o transmissor pretende emitir.

Figura 11 – Sugestões para a co-criação: Lei da atração (Vídeo 07)



Fonte: Youtube (2019)

Outra estratégia é a filiação à formação discursiva neoliberal. Tendo em mente que formações discursivas (FOUCAULT, 1969) são regimes que agenciam a produção de enunciados sobre um objeto. Considera-se aqui que a governamentalidade neoliberal pode ser compreendida pela ótica de Foucault (2008, p. 334), visto que “funciona como princípio de inteligibilidade, princípio de decifração das relações sociais e dos comportamentos individuais”. É possível apreender que urge uma necessidade, ancorada pela produção de enunciados, de incorporar novos comportamentos que estejam em consonância com esta racionalidade. Assim sendo, a identificação com sujeitos ricos, a alta classe da sociedade ou então com signos de distinção social como dinheiro, casas, carros e viagens são o caminho para a felicidade, pois a figura do pobre remete ao fracasso, a falta de empenho ou daquele abriu mão de ser feliz, pois não acredita ou esforça-se suficientemente para conquistar os bens que rejeita.

Mais uma vez, Gisela faz menção a recursos materiais que podem ser conquistados pela Lei da Atração. Ela afirma no vídeo 19, (3min.40seg.) “tem muita gente que fala assim: ah, mas se eu quero dinheiro eu vou ficar gastando o dinheiro que não tenho e vou me enfiar em dívida [risos]. Não é isso tá, gente. É o sentimento interno de prosperidade, de amor. É interno. (...)”

Porque de tanto você sentir ele aqui dentro, você vai ficar tão alinhado com o todo que, mais cedo ou mais tarde, vai se materializar”. A terapeuta recorre à estratégia discursiva de antecipação (ORLANDI, 2009) que se dá quando o sujeito falante se coloca no lugar do ouvinte para antecipar seu entendimento sobre aquilo que é dito. Neste caso, ela antecede as possíveis dúvidas dos seguidores e já fornece uma alternativa pautada em princípios esotéricos de que basta imaginar para que a realidade se concretize. Outra estratégia observável é a conexão à formação discursiva neoliberal que impõe sistemas de hedonismo e ascetismo como formas de experienciar a realidade. Desta forma, a terapeuta propõe formas ascéticas de comportamento, através da rigidez dos procedimentos da Lei da Atração, como evitação de sentimentos considerados como negativos, o afastamento de ciclos sociais ou atividades que não condizem com as realidades que serão co-criadas, a criação de personalidade vigilante (ROSE, 2001) que controla tudo o que pensa e sente para que, enfim, esteja apto para desfrutar hedonisticamente dos benefícios atraídos como uma espiritualidade plena, felicidade, distinção social e bens que estão inseridos no circuito do consumo. É perceptível que Gisela alterna entre o tom de voz sóbrio e os risos durante o seu discurso, visto que os utiliza estrategicamente para criar um efeito de aproximação entre o público e eufemização diante das lições que está comunicando.

Como foi possível perceber, a terapeuta Gisela Vallin faz uso de diversas estratégias discursivas para desenvolver os seus argumentos sobre a eficiência da Lei da Atração e envolver os seus seguidores em uma teia de sentidos que promovem um conjunto de valores que a mesma cultiva: bens de consumo como signos de sucesso pessoal. Estes são apoiados em uma racionalidade neoliberal que opera através da produção de enunciados que são pulverizados na ambiência de uma sociedade que Braga (2018) denomina como em midiaticização.

e) Realidade Ilusória:

Esta categoria corresponde à técnica performática ensinada pela terapeuta. Trata da interiorização de uma prática de autoconvencimento de que se vive e se experencia uma realidade que não existe com o objetivo de “enganar” o universo para, então, através da força do pensamento, cocriar e consumir no futuro esse desejo conquistado pela Lei da Atração. Vejamos nos excertos a seguir.

No vídeo 19, (3min. 22seg.) Gisela afirma “o que eu recomendo é que você cocrie. Você sente ali o que você quer. Você não vai fazer um pedido, né. Quando você pede o universo entende que você não tem (...). Você sente o que você quer como se ela já estivesse

acontecendo”. Neste excerto, Vallin utiliza como estratégia discursiva que Orlandi (2009) denomina como relações de força, ou seja, o sujeito falante enquanto morada de sentido. Neste caso, Gisela quando diz que recomenda algo está implícito em sua fala um lugar de autoridade, daquela que possui formação adequada e possui conhecimento sobre os procedimentos que ensina. A mesma estratégia discursiva é observável quando ela diz: (V19, 4min. 27seg.) “Você sente o que você quer, por exemplo, um boy magia, tá, vamos supor. Você começa a cocriar a pessoa que você quer. A minha sugestão é que você sinta como se essa pessoa já existisse na sua vida. Você vibra a alegria, o prazer, o amor que você vai sentir ao estar na presença dessa pessoa como se ela já estivesse”. Neste segundo momento da fala da terapeuta, é perceptível a maneira como ela elenca os sentimentos permitidos a serem cultivados, criando um jogo de efeitos de sentidos que indicam a imposição de uma felicidade, um estado de estado satisfação performado (FREIRE FILHO, 2010) que não condiz com a realidade vivida pelos sujeitos. São instigadas, inclusive, técnicas de idealização de pessoas a se relacionar, entrando em uma perigosa arena de projeção de intenções e expectativas sobre uma pessoa, podendo, no futuro se tornar um relacionamento problemático e abusivo.

No vídeo 06, Gisela afirma (11min. 20seg.) “quando você vai fazendo os pedidos e vai cocriando como se aquilo já tivesse acontecido, você vai alinhando todos os seus chakras para ficar na frequência perfeita para receber aquelas bênçãos”. É perceptível que a ideia de performance é recorrente no discurso da terapeuta, visto que se observa em mais de um vídeo sobre as técnicas da Lei da Atração. Este discurso sobre agir como se os sujeitos vivessem em uma realidade paralela remete ao que Rose (2001) diz sobre as subjetividades contemporâneas – estas não deveriam ser observadas como um espaço de individualidade e sim como um possível depósito de forças exteriores que controlam e constroem *selves* úteis para estratégias governamentais. Neste caso, os discursos sobre Lei da Atração agem como um controle biopolítico (FOUCAULT, 2010) que intervém na forma como os mesmos se observam, como agem e como percebem a realidade. Os sujeitos são orientados a construir uma personalidade feliz e autossuficiente para corresponderem as exigências de produtividade da racionalidade neoliberal. Deste trecho ainda é possível extrair a maneira como Gisela tece relações de sentido (ORLANDI, 2009) com o discurso esotérico, fazendo menção ao alinhamento dos chakras.

Por fim, no vídeo 07 (1min.10seg.) a terapeuta afirma “imagina se você fica boa parte do seu tempo só se focando em coisas negativas, pensamentos negativos. Se você assiste programas de televisão ou ouve programa de rádio ou vê vídeo no Youtube que só fala de problema, de dor, de tragédia, de drama, de medo. E aí aquela frequência, porque tudo é uma

onda, tudo emite uma vibração, tudo tem um campo eletromagnético, e aquele programa de tv ou aquela pessoa fica emitindo aquela frequência e você tá ali absorvendo”. Neste excerto, é possível observar as relações de sentido (ORLANDI, 2009) que Gisela estabelece entre a explicação da Lei da Atração e a fundamentação científica da técnica pelos termos “vibração”, “onda” e “campo eletromagnético”. Estas referências que, à primeira vista aparentam ter um fundo teórico, são explicações místico-religiosas para atração de energias próprias da Nova Era. Guerriero corrobora quando afirma que (2014, p. 916):

O importante é ressaltar quais elementos retirados de discursos científicos são utilizados na lógica religiosa. Mais ainda, a ciência tem uma reputação na sociedade contemporânea de detentora de uma verdade comprovada e isso passa a ser utilizado por vários desses movimentos como forma de legitimação de suas concepções de mundo.

A terapeuta estrategicamente faz menção a elementos científicos para fundamentar os princípios da Lei da Atração. Além disso, alia à sua fala a reprovação de sentimentos como medo e raiva. Freire Filho (2010, p. 13) ajuda-nos a compreender essa relação de negação de tudo o que não traga bem-estar ao afirmar que “a felicidade se insinua, no imaginário popular e científico, como um projeto de engenharia individual, orientado para uma legião de especialistas na reprogramação da mente, na turbinagem do cérebro ou retoque da aparência”. Isto posto, podemos compreender que, nos processos tentativos de insinuar a vivência de uma realidade que se deseja experimentar, o discurso sobre a Lei da Atração funciona como um dispositivo de construção de *selves* (ROSE, 2001) orientados e formatados para atuar no performático mundo do sucesso.

Com a finalidade de sintetizar as principais estratégias utilizadas por Gisela, bem como os efeitos de sentido decorrentes de sua fala, é estruturado um quadro abaixo para trazer maior clareza aos leitores sobre os argumentos centrais do discurso da terapeuta Vallin.

Quadro 4 - Esquema Discursivo

EIXO TEMÁTICO: A Lei da Atração a Cocriação	ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E ESTÉTICAS	EFEITOS DE SENTIDO
Disciplinamento mental e emocional	Estética formal; Posição privilegiada; Distinção entre ela e seus seguidores; Mosaico discursivo com várias referências;	Aparência de consultório; Mentor amigos explica o irracional; Pedagogização, ensina como a realidade deve ser percebida;
Estado de consciência	Lei Universal; Determinismo espiritual; Acessórios místico-religiosos; Classificação das emoções em boas e ruins;	Impossibilidade de questionamentos e refutações sobre a técnica; Essência esotérica do ser humano; Culpabilização pelos próprios sentimentos;
Responsabilização total	Autoridade enquanto praticante de técnica; Explicação extra-humana; Centralidade do sujeito; Força divina e interior;	Certificação da eficácia de técnica enquanto testemunho pessoal; Responsabilização pelo sucesso ou fracasso; Evolução espiritual;
Signos de sucesso	Promoção de bens de distinção social; Padrão vibracional; Pobreza e miséria enquanto uma escolha pessoal; Uso de roupas formais;	Associação da riqueza como positivo e pobreza como negativo; Influência de elementos místicos para conquista de bens; Negação da desigualdade social;
Realidade Ilusória	Autoconvencimento; Construção de um mundo imaginário; Idealização do outro; Sintonia com o cosmos; Discurso pseudocientífico;	Negação das estruturas sociais; Falsas projeções; O individual como determinante do social; Personalidade performada; Cientificismo religioso;

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

4.2 A LEI DA ATRAÇÃO E A SUPERAÇÃO PESSOAL

Nesta seção é desenvolvida a análise do segundo quadro temático. Para tanto, os vídeos analisados são: “Como a técnica do foco na luz salva relações? #leidaatração²⁷” (V16), “Aprenda a superar a ansiedade para facilitar a cocriação²⁸” (V04), “Isso é para mim, sim! #leidaatração #prosperidade²⁹” (V13), “Relacionamentos e Lei da Atração³⁰” (V09), “Saia da miséria interior e atraia o que sua alma precisa pela não-mente³¹” (V105) e “Supere o Autoboicote para a Lei da Atração fluir³²” (V10).

Bem como fora realizado no exercício anterior, a esquemática seguirá a mesma. O texto será organizado por meio das categorias enunciativas que são suscitadas pelo discurso da terapeuta Gisela Vallin. Destaca-se que, por meio de uma pré-análise, foram observadas que os enunciados que poderiam ser enquadrados na categoria “disciplinamento mental e emocional” e “realidades ilusórias” não estão presentes nos vídeos, entretanto, são acrescentadas as categorias enunciativas “autoafetação” e “construção do feminino” descritas a seguir.

a) Estado de Consciência:

Conforme visto anteriormente, esta categoria enunciativa diz respeito à uma parcela de enunciados que constroem o dispositivo Lei da Atração. Para Gisela, atrair objetos de desejo ou a realidade ideal é fruto de uma performance mental que taxa como positivos ou negativos

²⁷ VALLIN, Gisela. Como a técnica do foco na luz salva relações? #leidaatração. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=T6QFLJz5IIA&t=1s>>

²⁸ VALLIN, Gisela. Aprenda a superar a ansiedade para facilitar a cocriação. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-dXIQUG9vx0>>

²⁹ VALLIN, Gisela. Isso é para mim, sim! #leidaatração #prosperidade. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-G3VMsOuP4s>>

³⁰ VALLIN, Gisela. Relacionamentos e Lei da Atração. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Fe6LsglYVXU&t=1s>>

³¹ VALLIN, Gisela. Saia da miséria interior e atraia o que sua alma precisa pela não-mente. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=67sxpY4ixp0&t=334s>>

³² VALLIN, Gisela. Supere o Autoboicote para a Lei da Atração fluir. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9Urtew47PUs>>

os sentimentos e pensamentos mais comuns aos sujeitos. Há, dessa forma, uma imposição implícita sobre aquilo que é permitido e proibido ser pensado ou sentido. Vejamos a seguir.

No vídeo 16, Gisela afirma (5min. 15seg.) “existe uma tendência na maioria de nós, até pelo fato da gente nascer numa sociedade com valores psicopáticos, existe uma tendência da gente focar muito no mal, na sombra, no problema”. É observável que a terapeuta faz relações de sentido (ORLANDI, 2009) com outros discursos, especialmente, do campo da psicologia ao encaixar potenciais sentimentos como medo, raiva e apreensão, enquanto uma patologia. Ao eleger o termo **psicopático** para a sua fala, Gisela constrói a estratégia discursiva que Orlandi (2009) classifica como esquecimento número dois, ou seja, são as expressões que carregam uma carga de sentidos e valoração para o contexto em que estão sendo expressados e que, neste caso, fazem alusão à posição de terapeuta. Ainda neste mesmo vídeo, aos 11min. e 40seg., Gisela afirma: “por isso que quando a gente foca na luz, a gente tá focando na verdade. Quando a gente tá focando na sombra, a gente tá focando numa ilusão”. O intento em conferir à Lei da Atração o poder da verdade absoluta é recorrente no discurso de Vallin. O sentido de veridicação é construído com base em uma concepção religiosa Nova Era que compreende a transcendência da mente e o contato com o divino por meio dos sentimentos de paz, amor e elevação espiritual (GUERRIERO, 2003), bem como conecta-se ao contexto ideológico neoliberal que, de acordo com Freire Filho (2010), condutas são pré-determinadas para encaixarem-se no modelo produtivista e empreendedor contemporâneo. Tendo isto em mente, a construção de um saber portador “da verdade”, aliado a modelos de práticas e condutas, confere à Lei da Atração a característica de dispositivo, tendo em visto que são acionados mecanismos de inteligibilidade utilizados enquanto estratégias de poder (FOUCAULT, 2005).

No vídeo 04, aos 2min. e 20seg. Gisela afirma que “quando a gente tá ansioso, a gente tá sempre querendo resolver a vida pelo ego e não pela consciência. E não pela conexão real com o nosso ser”. A terapeuta utiliza recorrentemente a estratégia discursiva de relações de sentido (ORLANDI, 2009) visto que a sua visão religiosa não se distancia do atendimento clínico enquanto psicóloga. Estas duas posições antagônicas - a utilização de concepção religiosa enquanto método de abordagem em psicologia - constroem grande parte do discurso de Gisela. Ainda que a mesma preste serviços voltados à terapia integrativas e não convencionais, em seu canal, o seu entendimento a respeito do trato das emoções e sofrimento psíquico são tangidos por fontes duvidosas como livros de autoajuda e gurus orientais como Osho. Um exemplo disto se dá aos 3min. e 50seg. quando a mesma afirma “aí conversando com esse espírito, ele é muito querido, muito amoroso, ele falou assim “Filha, a ansiedade é uma

culpa de ser feliz”. Aí eu falei caramba, não é que ele tem razão?”. Primeiramente, se destaca o fato de Vallin fazer uso de ensinamentos de seres não humanos como espíritos ou mentor amigo para validar os seus argumentos. Em segundo lugar, estes argumentos são utilizados para explicar o funcionamento da mente humana ou uma patologia como distúrbios de ansiedade. É necessário salientar que a produção de enunciados não deve ser descolada do ambiente e das condições em que é produzido (CHARAUDEAU, 2001). Neste sentido, o fato de estar criando conteúdo para um canal no Youtube permite que estas teias de sentido e incongruências sejam melhor aceitas do que, por exemplo, um possível estranhamento ao produzir o mesmo discurso em um consultório. Esta é uma das características da midiatização. De acordo com Xavier (2015), as trocas epistêmicas além de serem bem recebidas pelos dispositivos midiatizados, são suscitadas pela lógica da mídia de direcionamento, produção e consumo de conteúdo. Sendo assim, Gisela permeia três funções ao mesmo tempo: youtuber, psicóloga e terapeuta holística.

Gisela anuncia aos seus seguidores, aos 4min. e 10seg. do vídeo 13, que se faz necessário “pegar essa energia de prosperidade para sentir uma com essa energia”. As estratégias discursivas traçadas por Vallin novamente traçam uma teia de sentidos e o uso de termos como **energia** e **prosperidade** acionam efeitos de sentido por meio do esquecimento número dois – a escolha de expressões específicas para comunicar aquilo que está sendo dito (ORLANDI, 2009). As duas palavras, no contexto da Lei da Atração, correspondem aos ensinamentos provenientes da religiosidade Nova Era que compreende que os fluxos energéticos que fluem de pensamentos e sentimentos têm o poder de materialização (GUERRIERO, 2003) ou atração. Destaca-se ainda, o uso recorrente no discurso de Gisela de palavras como sucesso e prosperidade, visto que as mesmas se encaixam no ambiente ideológico de produção de enunciados correspondentes à ideologia neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) que compreende cada sujeito como autor de sua própria sorte por meio do empreendimento de suas faculdades humanas. Partindo deste mesmo entendimento, ainda no vídeo 13, Vallin conta o caso de uma mulher pôs em prática a técnica da Lei da Atração e “a partir do momento que as células dela começaram a vibrar numa nova frequência com essa mudança de crenças, ela começou a atrair uma nova de realidade” (8min. 35seg.). Este excerto, reforça o caráter de dispositivo da Lei da Atração, pois a mesma interliga-se à produção de enunciados neoliberais que tem por objetivo comunicar, através de estratégias de governamentalidade, práticas capazes de elevar a produtividade dos sujeitos. Neste sentido, está implícito no discurso de Gisela a possibilidade ilimitada em mudar a realidade vivida, ou seja, cura de doenças, enriquecimento,

destaque social, cabendo aos sujeitos adequarem-se às diretrizes desta tecnologia de construção de subjetividades (ROSE, 2001).

O incentivo à construção de uma subjetividade positiva e assertiva pode ser observada nos excertos a seguir “Quando a gente tá no negativo, a tendência é atrair o que está neste padrão. Então a primeira coisa para você atrair um grande amor é você mudar os sentimentos, se conectar com a alegria, com o prazer, com a beleza” (5min. 40seg.). Segundo Freire Filho (2010) o culto aos estados de felicidade, amorosidade e satisfação correspondem ao ideário social, fruto da historicidade e ambiente ideológico (ORLANDI, 2009), de uma pessoa bem-sucedida. Neste sentido, Gisela sugere que os sujeitos se submetam dispositivo Lei da Atração para encaixarem-se nos moldes de sujeitos bem cotados socialmente. Vallin reitera a eficácia do procedimento conferindo sentidos de verdade ao afirmar que “tudo aquilo que você pede pro universo, se você não tem crenças negativas que bloqueiam esse processo, a coisa chega. Tenha paciência que chega” (4min. 35seg.). O estado de consciência elevado que não permite sentir medo, insatisfação e infelicidade pode ser compreendido como uma positividade tóxica que impõe aos sujeitos alto desempenho em todas áreas da vida, causando um esgotamento mental (HAN, 2014) coletivo, fato que pode refletir no aumento de causas de depressão e transtornos de ansiedade no Brasil³³.

O vídeo 05, é repleto de enunciados que se encaixam nesta categoria enunciativa. Aos 43seg. Gisela afirma “tem até uma paráfrase que o Osho faz daquela frase do Descarte “Penso, logo existo”, o Osho fala que no oriente seria “Não penso, logo existo”. Como mencionado anteriormente, Vallin tece relações de sentido (ORLANDI, 2009) como estratégia para fundamentar os seus argumentos. Há, nesse trecho, um encadeamento de sentidos da filosofia e religião para propor uma nova máxima: eliminar os pensamentos por meio da meditação para se sentir vivo. Observa-se uma contradição no discurso da terapeuta quando a mesma afirma que “o mal é como se fosse um mal necessário, entre aspas, que nos ajuda na transcendência da mente” (2min. 10seg.)”. Partindo da ideia da própria terapeuta de que só temos experiências com aquilo que atraímos, de que forma situações indesejadas nos interpelariam, então? Gisela antecipa (ORLANDI, 2009) um possível questionamento dos seguidores e afirma que há males capazes de nos ensinar lições, pois o universo é sábio, segundo a mesma. Fechando o raciocínio, afirma, aos 8minutos e 50 segundos: “A sua natureza sabe do que eu tô falando, essa é a sua

³³ BRUM, Eliane. O suicídio dos que não viram adultos nesse mundo corroído. Acessado em 07 jan. de 2020, às 17h.

Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/opinion/1529328111_109277.html>

essência. O estado meditativo é a nossa verdadeira essência”. Vallin realiza uma inversão de valores e compreensões sobre a mente humana com base em concepções religiosas, pois desnaturaliza sentimentos taxadas como negativos (rancor, tristeza, raiva) que são comuns aos sujeitos e naturaliza a meditação, uma prática oriental cultuada pelo budismo e hinduísmo, como algo constituinte de todos os seres humanos. Parte do pressuposto de que, assim como as crianças aprendem a se alimentar, falar, caminhar, socializar, a meditação seria uma destas faculdades iminentes.

A partir dos 13 minutos do vídeo 05, Gisela altera o tom de voz. Agora, fala com muita calma, pausadamente, com o intuito de que sua mensagem seja mais didática possível. Então afirma “eu sei que a nossa mente é muito dual e vai ter uma certa dificuldade de entender isso racionalmente, mas é só quando você não existe que você passa a existir. Sentiu? Sei que você não entendeu aqui [apontando para a cabeça], mas aqui [apontando para o coração] talvez tenha te tocado”. A encenação envolvendo gestos, olhares e modulação de voz, dura por mais de um minuto.

Figura 12 – Saia da miséria interior e atraia o que sua alma precisa pela não-mente (Vídeo 05)



Fonte:

Youtube (2019)

A encenação dos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2001) chega ao ápice quando Gisela começa a chorar. Neste momento, a imagem fica em preto e branco, conferindo maior dramaticidade à narrativa. Complementando a estética, a terapeuta afirma, aos 19min. e 20seg., “gente não sei que energia é essa que passou através de mim, mas eu tô bem comovida aqui e

eu espero muito que essa mensagem tenha tocado o seu coração” e assim encerra o vídeo, com as cores voltando, assim como a terapeuta vai recuperando-se da emoção performada. Esta construção surte efeitos de sentido de apelação e identificação dos seguidores com Gisela – a youtuber que leva o espaço terapêutico virtual tão a sério que também é afetada pelos fluxos energéticos que comunica. Há, portanto, um investimento em uma estética, para além da terapeuta séria, e sim da Gisela humana e emotiva.

b) Responsabilização Total:

A seguinte categoria contém as recorrências discursivas que convergem em uma responsabilização dos sujeitos à condição na qual se encontram, bem como, de situações que lhes fogem do controle. Vejamos a seguir.

Gisela Vallin dedica o tema do vídeo 10 para explicar para seus seguidores como o autoboicote pode interferir no processo de cocriação de uma realidade. Aos 4 minutos e 10 segundos ela afirma: “Conscientemente, a gente fala “Ah, eu quero ter sucesso, eu quero prosperar, eu quero ser feliz, eu quero um relacionamento”, mas quando a coisa chega, se você tem crenças negativas, aí o “cagaço” aparece”. A objetificação da felicidade enquanto um objeto de consumo é recorrente no discurso da terapeuta. Sentir-se feliz, assim como encontrar uma pessoa para relacionar-se, deixam de ser momentos espontâneos da vida dos sujeitos e passam a ser metas arquitetadas para encaixar-se no modelo de pessoas bem-sucedidas. Ademais, o não cumprimento com a cartilha do sucesso gera uma culpa individualizada. Para Vallin, o fator que impede a concretização dos desejos são as crenças negativas que cada um carrega. Vale destacar que estas crenças, na elaboração discursiva de Gisela, remetem a uma carga simbólica (ORLANDI, 2009) religiosa, pois as energias negativas que emanam do medo, da angústia e ansiedade afetariam a cocriação, segunda a terapeuta. Quando Gisela elege o termo “cagaço” para referir-se ao susto em cocriar um “monstro” ao estar conectado com energias negativas, o faz enquanto uma estratégia enunciativa para amenizar o tom de sua fala, como se chamasse a atenção para um erro dos seus seguidores. Corroborando com a construção verbal, a linguagem estética (CHARAUDEAU, 2001) também conota sentidos, visto que Vallin veste roupas claras que conversam com o ambiente sóbrio, contando apenas com um abajur sobre uma mesa, conferindo a imagem de uma conversa dentro de um consultório.

No vídeo 13, Gisela segue a mesma lógica para explicar o porquê de vivermos uma realidade com a qual não estamos satisfeitos, com base no relato de uma pessoa que ela conhece:

“mas isso é uma coisa que ela criou, uma crença que ela tinha na cabeça dela e é claro, como ela acreditava nisso, ela materializava isso no mundo externo” (7min. 40seg.). A forma como Vallin responsabiliza a pessoa por ter atraído situações indesejadas para a própria vida pode ser observada pela sequência de marcações do sujeito na frase. Cita 4 vezes “ela” antes dos verbos criar, ter, acreditar e materializar. Na própria construção do enunciado, Gisela coloca esta mulher como agente de suas próprias ações. Do ponto de vista teórico, este cenário parece-se com aquele descrito por Foucault (1985) quando descreve o cuidado de si como um poder que se aplica sobre os indivíduos, os tornando sujeitos de seus próprios atos. Este poder, aliado ao saber construído com base em perspectivas religiosas, pseudocientíficas e achismos, converge na construção do dispositivo da Lei da Atração. Este, é difundido pela youtuber como uma técnica terapêutica para ampliar as chances de conquistar objetos de desejo, entretanto, a sua aplicação tem consequências profundas como aumento da culpa por não atingir o sucesso prometido, intensificação do sofrimento psíquico por reprimir emoções e sentimentos “proibidos”, entre outros resultados que são fruto da individualidade daqueles que submetem-se à técnica.

Do ponto de vista da Lei da Atração, até mesmo a ação dos outros pode ser resultado de uma “energia mal canalizada” pelo sujeito. Comentando sobre o caso de pessoas muito inseguras e que sentem muito ciúmes, Gisela afirma que a desconfiança na conduta dos parceiros tem a capacidade de atrair traições. Vallin faz uma imitação jocosa com uma situação hipotética na qual uma pessoa que estaria descobrindo que é traída: “Que bom que eu descobri quem você é” [falando para um personagem imaginário]. Claro né, você fuçou tanto, você queria tanto que aquilo acontecesse que obviamente aquilo se materializou. (...) De certa forma, mais cedo ou mais tarde você vai cocriar isso na sua vida” (V16, 18min. 50seg.). Do ponto de vista da encenação dos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2001), Gisela fala com o personagem imaginário fazendo gestos como apontar o dedo para a câmera e modulação da voz. Há uma amenização daquilo que diz com pausas para risos, junto a escolha da expressão “claro, né” que conota uma obviedade a que todos deveriam estar atentos e ter conhecimento. A terapeuta didatiza uma suposta realidade, explicando como e porque as coisas são como elas são e culpabilizando os sujeitos por estarem realizando ações que contrariam aquilo que ela compreende como a ordem “natural”. Há um julgamento implícito diante da falta de conhecimento dos indivíduos a respeito das leis terapêutico-religiosas que regem o cosmo, ou seja, o entendimento que Gisela tem do mundo é comunicado como a verdade.

Para além de questões pessoais, Gisela considera condições macrossociais como desigualdade social, crise econômica, precarização das condições de trabalho dimensionadas para a esfera individual. Quando a mesma afirma “era por isso também que muitas coisas na vida dela, principalmente a vida financeira, tava sempre travada porque ela não se permitia receber” (V13, 5min. 20seg.) comunica efeitos de sentido concernentes com a meritocracia. Para Vallin, a ascensão social, do ponto de vista financeiro, além de depender do esforço individual, está condicionado à espiritualidade da pessoa. Segundo a terapeuta, é uma condição permitir “receber” o que o universo emite mediante a conexão com o fluxo energético da prosperidade e riqueza. O intento em prosperar é abordado por diferentes vertentes religiosas, desde as mais tradicionais como o pentecostalismo e a teologia da prosperidade, assim como o movimento Nova Era que, de acordo com Guerriero (2014), compreende que os fluxos energéticos influenciam nas bênçãos adquiridas. O fato de diferentes religiões produzirem enunciados que se ligam à formação discursiva hedonista deve-se por coincidir com as transformações das sociedades diante do capitalismo tardio contemporâneo, como também aliar-se ao discurso neoliberal de *self-made man* (DARDOT; LAVAL, 2016).

A centralidade do sujeito, inspirada pela ideologia capitalista, mais uma vez, observada no discurso de Gisela no vídeo 09, aos 6min. e 10seg. quando diz: “A gente não se vê como autor da própria vida. Como criador da nossa própria realidade”. Quando a mesma afirma que nós não vemos algo, está subentendido de que há uma realidade oculta que necessita ser revelada. Esta verdade é revelada através da estratégia que Orlandi (2009) classifica como relações de força, visto que Gisela apresenta-se como anunciante desta sabedoria. A forma como enuncia que cada indivíduo é responsável pela sua própria realidade, se inscreve na ordem do discurso neoliberal que concebe cada sujeito como uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016), sendo capaz de empreender todas as habilidades necessários para gerenciar sua própria vida.

Neste sentido, é observável que Gisela Vallin faz uso de diferentes estratégias discursivas e não-discursivas na intenção de convencer os seus seguidores de que os mesmos são os autores da sua própria história, não havendo um poder exterior que dite as regras, sendo os próprios os responsáveis pelas consequências de suas ações, pensamentos e emoções cultivadas.

c) Signos de Sucesso:

Esta categoria refere-se aos exemplos criados pela terapeuta ao sugerir desejos hipotéticos de seus seguidores. Em grande parte das vezes, Gisela Vallin cita bens de consumos, profissões, viagens e sentimentos que se adequam à imagem social de uma pessoa de sucesso. Vejamos a seguir.

Gisela inicia, o vídeo 13, contando aos seus seguidores a história de uma amiga que começou a namorar um homem que estava em um extrato social diferente do dela e, por este motivo, a mesma sentia-se desconfortável ao frequentar lugares luxuosos. Pensando em mudar isto, passou a fazer tratamentos espirituais como *Thetahealing*, constelação familiar e uso de florais. Segundo Gisela (V13, 1min. 25seg.) “ela tem a cabeça muito aberta para vários tipos de terapias holísticas”. É interessante ressaltar este excerto é utilizado por Gisela enquanto uma estratégia discursiva. Esta fala traça relações de força (ORLANDI, 2009) ao legitimar o próprio papel de Vallin enquanto terapeuta holística, além de criar um ambiente de identificação com os seguidores, visto que os mesmos são considerados como pessoas abertas para o novo e são convidados a conhecer os relatos de uma pessoa que passou por este processo.

Seguindo a história, devido a estes procedimentos, (V13, 1min. 50seg.) “ela percebeu que havia ali uma lealdade à família, que é uma família de classe média baixa, que nunca teve muita condição de almoçar fora ou de viajar muito” e, um pouco mais adiante, conclui que (V13, 2min.) “de algum modo, no inconsciente dela, estar naquele ambiente representava uma traição à família, aos valores familiares”. De acordo com estes trechos, Gisela redimensiona uma questão estrutural do Brasil, a desigualdade, para a individualidade da história familiar de uma amiga. Outro aspecto a ser destacado, é o fato de esta profunda questão ser obliterada por uma visão muito rasa oferecida pelas terapias de reequilíbrio energético. Complementa ao dizer (V13, 7min. 20seg.) “porque a família dela sempre dizia que pessoas que tem dinheiro são pessoas exploradoras, pessoas que ostentam, que humilham os outros. Então ela sempre viu pessoas que tinham mais dinheiro que ela como pessoas muito opressoras”. A fala de Gisela se encaminha para a defesa do empreendedorismo e empresariado, excluindo a possibilidade de membros da família terem sofrido com casos de exploração da mão de obra e precarização das condições de trabalho, muito frequentes dependendo do tipo de função que exerciam, como por exemplo, tarefas braçais.

Nos minutos seguintes do vídeo, Gisela oferece o exemplo de empresários que têm origem em famílias humildes e, portanto, possuem um padrão mental que tende sabotá-los e

não permitir que prosperem financeiramente, visto que assim, se sentiriam pertencentes à cultura familiar. Não há uma problematização do porquê do mal-estar em determinados ambientes e situações. A terapeuta oferece a solução milagrosa e generalista, quase como um imperativo: não se identificar com o padrão de crenças dos seus pais. Há também, no seu discurso, um elo à ideologia neoliberal (ORLANDI, 2009) que mantém fértil o imaginário coletivo de que o único caminho para a realização pessoal é por meio do crescimento financeiro e mobilidade social.

Seguindo o relato, Gisela diz (V13, 3min. 30seg.) “e aí a terapeuta sugeriu para ela e falou assim “você vai voltar naquele restaurante e você vai chegar lá com uma postura interna (...) como se aquele lugar fosse seu. Eu pertencço a esse lugar. Eu mereço sim estar num lugar bonito, que eu possa me sentir à vontade aqui (...). Tô nos moldes de que o restaurante pede, tô bem vestida, não tem nada de errado comigo aqui”. Nesse momento, Vallin faz uso da linguagem gestual em consonância com a verbal (CHARAUDEAU, 2001), dá ênfase a determinadas palavras e gesticula com as mãos conferindo efeitos de sentido de que estava inspirada a passar aquela lição aos seguidores. Destaca-se, sobretudo, a incitação à performance. Ao forjar uma personalidade que se sente pertencente àquela realidade, aqueles costumes “como se aquele lugar fosse seu”. Ao fingir um pretense prazer em estar em um lugar na qual não se sente confortável, apenas pelo status do espaço, abre precedentes para uma felicidade falaciosa, cumprindo com os protocolos de uma subjetividade moldada (ROSE, 2001) para atender aos interesses do capital.

No vídeo 04, aos 7 minutos e 20 segundos, Vallin conta a história de uma **paciente** que “queria muito uma viagem para Paris e, finalmente, quando ela conseguiu ela chegou lá e falou “Nossa, é isso aqui?” Ela não conseguiu aproveitar a beleza da cidade porque ela tava tão ansiosa, com tanta expectativa, que ela chegou lá e não foi legal”. Gisela ri bastante e imita a reação de surpresa frustrada ao realizar o sonho tão idealizado. A terapeuta encarna os personagens de quem conta as histórias, encenando (CHARAUDEAU, 2001) e entretendo os seus seguidores. Esta atitude só se torna possível devido ao fato de a persona de Vallin é híbrida: psicóloga, terapeuta holística e youtuber. A midiaticização do seu discurso (XAVIER, 2015) é um fenômeno das mídias e a forma aproveita estas lógicas de comunicação são estratégicas. A respeito do conteúdo, Gisela apresenta um signo de sucesso de uma pessoa bem-sucedida que é viajar para exterior. Complementa ao afirmar que (V04, 7min. 50seg.) “a coisa em si não tem valor, o que faz a diferença é a nossa consciência. Não adianta nada você ter o carro do ano, morar num casarão (...), se quando você tá vivendo aquela situação a sua consciência não tá

ali”. A terapeuta traça relações de sentido (ORLANDI, 2009) com a sua crença esotérica de que é preciso estar alinhado à boas energias e pensamentos para que se desfrute dos bens conquistados. Assim como citado anteriormente, nesta visão, não é suficiente o poder aquisitivo para comprar estes bens e estas experiências, é esperado que os sujeitos sejam espiritualizados.

No vídeo 10, Gisela conta a história de outra **paciente** que passou por um processo de autodescobrimento através de terapias alternativas. A pessoa em questão possui um histórico de rejeição por sentir-se excluída e ter experiências com *bullying* (00min. 50seg.) “e aí, agora, ela tá num momento da carreira dela em que ela está crescendo, ela tá subindo dentro da empresa e ela atingiu um cargo que exige que ela fale em público”. Para além da questão relatada, é interessante pensar o porquê de escolher esse exemplo corporativo para trazer para os vídeos, dentre tantos casos que ela ter presenciado ao fazer seus atendimentos. O discurso de Gisela, de uma forma ou outra, mostra indícios de sua identificação com o liberalismo e, repassa para seus seguidores, por meio expressões, palavras, histórias de pessoas conhecidas. Este fato demonstra que não somos assujeitados, como afirma Orlandi (2009), um discurso nunca é neutro – por mais que se tente - e demonstra nossos gostos, posicionamentos e alinhamentos ideológicos. No caso de Vallin, pode ser observado quando afirma (3min. 05seg.) “muito embora ela até tivesse cocriado essa ascensão profissional, quando ela começou a crescer, chegou um momento que ela começou a desconfiar que ela não poderia não dar conta”. Em um tom de lástima, Gisela repassa aos seguidores a frustração ao saber que alguém atingiu a mobilidade social e econômica, tão idealizada, e não soube tirar proveito.

Como explicação para este caso, Vallin diz (1min. 30seg.) “ela tem todo um registro emocional nela, nos corpos energéticos dela de que sempre que ela vai se expressar, ela vai ser punida, ridicularizada, rechaçada” e complementa (3min. 25seg.) “enfim, ela está passando por uma série de trânsitos astrológicos que justificam este momento”. Do ponto de vista de Gisela, o motivo para que a pessoa não se sentisse realizada, ainda que portasse um signo de autorrealização, se deve a causas espirituais como os “corpos energéticos” carregados de crenças limitantes. Outro ponto a ser destacado, é o fato de Gisela referir-se a esta pessoa como paciente e não como cliente, o que implica em um entendimento de que há uma relação profissional, portanto, entre psicóloga e paciente em psicoterapia. Nota-se, portanto, que Vallin não distingue o seu trabalho com terapias místicas e, conseqüentemente, religiosas da prática profissional e reconhecida como psicóloga. Ao concluir que os motivos para que esta pessoa estivesse passando por momentos de apreensão e sofrimento são “trânsitos astrológicos” está cometendo uma infração ética ao impor a sua crença para analisar o caso de uma paciente. Além

disso, há a possibilidade de seus seguidores compreenderem que a justificativa para o seu sofrimento se deva aos astros e questões esotéricas.

d) Idealização do Feminino:

Durante o processo de decupagem dos vídeos deste grupo temático Lei da Atração e Superação Pessoal, foi observada uma recorrência de enunciados que convergiam para uma idealização do feminino e o que é ser mulher. Mesmo sendo mulher, o discurso de Gisela reproduz ideias preconceituosas e estereotipadas sobre a “essência feminina”. Vejamos a seguir.

Gisela inicia o vídeo 09, lendo a pergunta de uma seguidora que está interessada em receber conselhos sobre como atrair um relacionamento afetivo por meio da Lei da Atração. Além disso, afirma que procurou a terapeuta, pois a mesma entende muito deste assunto. Gisela ri com modéstia e agradece a questão levantada. Este vídeo foi gravado no cenário antigo e a estética é trabalhada através de elementos esotéricos como pedras, velas, livros de provérbios ao lado esquerdo da imagem. Em consonância com o cenário, Vallin veste uma blusa branca, cabelo arrumado, maquiagem e um colar de pedras lilás. Isto leva a pensar na falsa espontaneidade das redes e, assim como tudo na produção audiovisual, cada elemento em cena tem o potencial de significar.

A seguidora que fez a pergunta, relata que já “soltou para o universo” este pedido. Gisela, então, toma a questão como importante para o seu público e diz (V09, 1min. 15seg.) “Gente, não briga com a mente. Se aquilo que você pediu, deixa vir. Não fica brigando”. E logo mais conclui o seu pensamento ao afirmar que (V09, 2min.) “isso é um erro que muitas de nós comentemos, né, não foca em alguém específico, foca no amor”. Ao utilizar o “nós”, Vallin entrelaça duas estratégias discursivas. A primeira delas é a de relações de força (ORLANDI, 2009) em que utiliza o fato de ser mulher para ter legitimidade e conhecimento próprio para falar do assunto. A mesma tática é observada quando afirma (V09, 5min. 30seg.) “Já passei muito por isso, sou mulher, tenho amigas mulheres, atendo mulheres. Mulherada sem fim na minha vida. Então eu sei como é que funciona”. A segunda diz respeito ao esquecimento número dois (ORLANDI, 2009) em que a primeira pessoa do plural cria uma identificação entre seguidoras e a terapeuta, pois fazem parte do mesmo grupo e, dentro desta lógica, teriam as mesmas questões. Outra característica do vídeo a ser destacada refere-se ao nome “Relacionamentos e Lei da Atração” e o fato do mesmo girar em torno desta temática, contendo apenas menções heterossexuais, e ser voltado para as mulheres que lhe seguem, indicando um

enviesamento de conteúdo que conflui com o imaginário coletivo opressor de que as mulheres sempre estão em busca de um homem, apelando, inclusive, para os astros.

Gisela segue o vídeo e diz às seguidoras que (V09, 3min. 15seg.) “É o seu sentimento que vai atrair uma pessoa. Nós mulheres (...) a gente tem a mania de colocar uma flecha na testa de alguém e falar: é esse”. E ri, ela imita o que seria o comportamento de uma mulher obstinada a conquistar um pretendente, com gestos e tom de voz. A encenação da linguagem (CHARAUDEAU, 2001) de Vallin limita-se à estratégia de tornar mais leve aquilo que está dizendo, entretanto, surte efeitos de sentido como o reforço a imagem histórica (ORLANDI, 2009) das mulheres históricas e fora de controle. Ainda naturaliza esta visão ao afirmar que esta é uma característica das mulheres por (V09, 3min.50seg.) “questões culturais, genéticas, enfim, muitas de nós temos esse comportamento um pouco obsessivo”. Além da concepção estereotipada sobre as mulheres, Gisela recomenda e admite que o livro de autoajuda escrito por um homem, John Gray, “Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus” é uma inspiração para ela, uma psicóloga. Aos 13 minutos, é feita mais uma recomendação de livros de autoajuda “Somos mais interessantes do que imaginamos” de Arly Cravo, seu mentor.

Figura 13 – Relacionamentos e Lei da Atração (Vídeo 09)



Fonte: Youtube (2020)

Aos 4 minutos e 40 segundos, Vallin diz que “conversando com amigas também, teve uma época que uma delas falava assim “ai, porque eu não consigo ninguém, porque não tem homem que presta”. Gente, se você chega com essa cara pra pessoa, é meio difícil que alguém queira” e gargalha. Gisela retoma o imaginário social e histórico (ORLANDI, 2009) da padronização da aparência e personalidade feminina, objetificando as mulheres para tornarem-

se esteticamente agradáveis para os homens. No caso deste exemplo, a amiga foi repreendida pela terapeuta por não estar sorridente e transmitir alegria. A ênfase no controle dos sentimentos, tão presente em seu discurso, é retomada: (V09, 5min.) “Primeira coisa para você atrair o amor, como fala o Arly Cravo, é você ativar o bom humor, conectar a alegria. Conecta com o seu poder pessoal, com a sua energia feminina. Começa a transmitir essa luz (...). Ninguém vai querer ficar perto duma pessoa que fica “ai, não tenho ninguém”. Neste momento faz uma encenação jocosa (CHARAUDEAU, 2001) de uma pessoa que se lamenta muito sobre a vida afetiva e finaliza o ato gargalhando novamente. O mesmo pode ser observado quando diz (V09, 10min. 35seg.) “Tem tanta gente que reclama que não tem homem legal, não tem uma pessoa bacana, mas a pessoa não percebe que ela é uma chata e que ela atrair padrões negativos porque ela só se queixa”. A cuidado de si (FOUCAULT, 1985) enquanto um olhar internalizado com o objetivo de otimizar as características pessoais é prescrito por Gisela. O dispositivo da Lei da Atração para atrair relacionamentos é construído com base em saberes advindos da autoajuda e são aplicados por estratégias de poder que incentivam o comportamento performático e a manipulação do próprio *self* (ROSE, 2001) por meio do medo – medo de ser solteira, não ser agradável e não se realizar sendo objeto de desejo de homens.

Por fim, evidenciamos o excerto em que reitera: (V09, 5min. 15seg.) “Eu sei que nós mulheres, a gente muda muito de humor, então é difícil de a gente manter um padrão de sentimento elevado o tempo todo. A nossa tendência é de acontecer alguma coisinha que tá fora da nossa expectativa e a gente já dá uma desanimada”. Gisela faz uso da encenação dos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2001) para imitar uma mulher queixando-se do fato de ser solitária e finaliza logo em seguida com “Gente, quem é que aguenta?”. Como é possível observar, a visão mística sobre pensamentos e emoções é endossada pela concepção historicamente machista (ORLANDI, 2009) sobre o comportamento feminino. Afirmar que as mulheres têm dificuldade em manter “sentimentos elevados” contribui com o entendimento preconceituoso de que as mulheres não têm controle sobre si mesmas, são irritadas e necessitam fazer um esforço para serem agradáveis para as outras pessoas.

e) Autoafetação:

Esta categoria refere-se aos recorrentes anunciados na qual Gisela comunica que, além de ser uma porta-voz dos saberes da Lei da Atração, também está submetida às coerções da prática. Vejamos a seguir.

Vallin deixa muito claro o fato de ela experimentar a técnica antes gravar um vídeo ensinando-a no Youtube: (V04, 2min. 30seg.) “É muito comum pelo menos eu percebo em mim, porque eu sou a primeira, quando eu vou falar algo pra vocês eu sou a primeira a ter que aprender aquilo que eu tô falando”. Não por acaso, este exercício pode ser considerado como uma estratégia discursiva em estabelecer relações de força (ORLANDI, 2009) entre ela e os seguidores, pois tendo a experiência, possui supostamente propriedade para falar sobre o assunto. Já no vídeo 04, aos 5 minutos e 10 segundos, ela afirma: “Então gente, o que eu tenho feito no meu dia-a-dia que tem sido útil pra mim, embora seja um treino diário e constante (...)” e, aos 5 minutos e 50 segundos, “Eu faço todo dia, gente. É muito legal esse relaxamento”. Evidencia, novamente, o fato de também subordinar-se ao dispositivo da Lei da Atração e o mesmo exigir um disciplinamento para constituir uma mecanização autovigilante (FOUCAULT, 2010) dos próprios pensamentos e emoções, além de ser uma prática que exige continuidade conforme fica marcado nas expressões “todo dia” e “treino diário e constante”.

Em seus vídeos, Gisela sempre reitera a importância de manter o padrão de comportamentos “energeticamente positivos”. No vídeo 16, ela explica, aos seguidores, que pessoas muito exigentes, tendem a ser pessimistas e costumam focar no lado “sombra” dos parceiros e pretendentes. Este comportamento, de acordo com a terapeuta, justificaria os desentendimentos nos relacionamentos afetivos, visto que é projetado muito foco nas coisas ruins e, pela lógica da “mecânica quântica”, esses defeitos são evidenciados em seus parceiros. Vallin termina o seu pensamento com a retórica e descontraída pergunta “quem nunca?” e rindo, em uma tentativa de criar empatia e laços de confiança e identificação, pois, além de entender seus seguidores, teve experiência com a mesma situação. “Quem nunca?” está presente em quase todos os vídeos, após Gisela revelar as consequências em manter uma conduta que não se encaixe nas diretrizes da personalidade feliz e performada. Este artifício, dessa forma, é uma estratégia discursiva no intento de criar uma relação de horizontalidade e amizade.

No vídeo 16, Gisela revela outra estratégia para que o público se identificar com ela quando diz: (8min.) “Todos nós que ainda não nos iluminamos já tivemos alguns momentos assim, de tá meio cricri”. A escolha do pronome na primeira pessoa do plural, nós, remete à escolha estratégica que Orlandi (2009) classifica como esquecimento número dois e diz respeito a não neutralidade das palavras na construção de um enunciado. Apesar da Análise do Discurso Francesa não se ater à materialidade do texto, podemos extrair dessas conexões textuais sentidos que se encaixam ao contexto do que é dito. Temos como exemplo, a declaração no vídeo 09 quando a terapeuta assume ser (7min. 10seg.) “canceriana com luz em áries, então tinha um

lado muito mimimi, muito raivosinho, muito nervosinho”. Ao declarar que “tinha” uma personalidade irritável, deixa implícito que não age mais dessa forma, visto que, atualmente, tem um autocontrole sobre o que sente. A mesma exibe estas mudanças de comportamento em seus vídeos ao gesticular, rir e fazer piadas manifestando uma pretensa felicidade e leveza por meio da encenação dos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2001). Vale salientar que esta mudança se deu graças à uma mudança dos “padrões de crenças”, (V09, 8min. 05seg.) “Eu não entendia que eu tinha o poder de mudar a minha realidade, que eu tinha o poder de mudar meus sentimentos”. Novamente, é perceptível à submissão à coerção do grupo de sentimentos permitidos a serem cultivados.

Gisela, apesar das tentativas em criar uma aproximação entre seus seguidores, demarca um distanciamento entre ela e o que considera “pessoas críticas”: (V16, 14min. 10seg.) “Eu respeito, é o nível de consciência da pessoa. Eu tenho uma postura diferente na minha vida. Em geral, eu tenho esse propósito de ver a luz na pessoa”. Ressalva que há uma consideração às pessoas que pensam diferente, porém, explicita que, ao contrário dela, estes sujeitos possuem um baixo nível de consciência e elevação espiritual.

Já no vídeo 09, Vallin revela aos seus seguidores que passou por um processo de disciplinamento e chegou a questionar a eficiência da Lei da Atração: (7min. 25seg.) “Eu falava: vou fingir que eu tô feliz, isso aí é *fake*, eu tenho que assumir a minha tristeza. Eu achava que eu não podia começar a rir porque eu ia tá agindo contra um sentimento que era genuíno, até que eu entendi que o sentimento, gente, a agente pode escolher com o que a gente quer se conectar”. Gisela admite que, no início, considerava o fato de eliminar sentimentos e pensamentos ruins falacioso. Nota-se que Gisela precisou passar por um duplo processo de disciplinamento: primeiramente, ela aprendeu como a Lei da Atração funcionava, desnaturalizando um pensamento crítico a respeito da técnica e, posteriormente, houve a compreensão de como a técnica aplica-se, bem como os seus procedimentos, suas proibições e obrigações. Esse comportamento é particularmente danoso se Gisela ainda presta atendimento como psicóloga clínica, além das terapias integrativas. Esta visão religiosa do movimento Nova Era sobre emoções positivas e negativas tendem a conotar, aos pacientes que sofrem de depressão ou outro transtorno, que os mesmos têm a capacidade de mudar o seu humor, sentindo-se felizes, calmos e tranquilos por genuína força do querer, ainda que os estímulos externos tendam ao contrário.

Por fim, no vídeo 04, Vallin relata a sua experiência com seres sobrenaturais: (V04, 3min. 30seg.) “Teve uma vez que eu tive contato com um mentor amigo (...), talvez para

algumas pessoas que não tem muita familiaridade com esse assunto pode ser um pouco estranho isso, mas pra mim é uma coisa natural conversar com espírito, né?”. Assim como comentado anteriormente, o “mentor amigo” é uma entidade que Gisela evoca nos momentos em que é necessário explicar o inexplicável e irracional. Geralmente, utiliza este artifício para ter argumentos sobre como a vida funciona além da Terra, a visão mística do universo ou para justificar alguma contradição da Lei da Atração, como por exemplo, o fato de ser necessário ter fé em uma técnica que é supostamente “científica”. De acordo com Guerriero (2000) a fé na ciência é uma das características do movimento religioso Nova Era, pois o discurso desta crença utiliza a legitimação de sua eficácia por meio do léxico do conhecimento científico de diversas áreas, ainda que os rituais de cura possuam, majoritariamente, elementos mágicos.

Assim na seção anterior, com a finalidade de sintetizar as principais estratégias utilizadas por Gisela, bem como os efeitos de sentido decorrentes de sua fala, é estruturado um quadro abaixo para trazer maior clareza aos leitores sobre os argumentos centrais do discurso da terapeuta Vallin.

Quadro 5 - Esquema Discursivo

EIXO TEMÁTICO: A Lei da Atração a Cocriação	ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E ESTÉTICAS	EFEITOS DE SENTIDO
Estado de consciência	Patologização dos sentimentos; Lei da Atração enquanto uma verdade absoluta; Argumentação místico-religiosa; Imagem de psicóloga, terapeuta holística e youtuber;	Determinação do que deve ser sentido; Ethos da felicidade; Promoção da prosperidade financeira como sucesso pessoal; Não há limites para os poderes da Lei da Atração.
Responsabilização Total	Sujeitos responsabilizados pela sua falta de prosperidade; Fala diretamente com o seguidor utilizando verbos no imperativo;	Felicidade enquanto um objeto de consumo; Infelicidade pelas crenças pessoais; Sucesso financeiro condicionado à espiritualidade;

Signos de Sucesso	Uso de exemplos de superação e pessoas que transformaram a vida pela técnica; Diferenças de classe condicionadas aos padrões de pensamento; Argumentação de que as crenças são recebidas geneticamente;	Superação de problemas estruturais pela força do pensamento; Admiração à riqueza; Em defesa do empresariado e empreendedorismo;
Idealização do Feminino	Explora o próprio gênero com fim de causar identificação; Uso da heterossexualidade como exemplo; Estereotipo do que é ser mulher; Encenação de uma mulher que se lamenta muito;	Essência feminina; Determinismo biológico; Objetivo maior das mulheres seria encontrar um parceiro; Mulheres descontroladas e desequilibradas; Tornar-se agradável para os homens;
Autoafetação	Experiência própria; Retórica de identificação de seu público pelo pronome “nós”; Risos e piadas; Autodisciplinamento;	Comprovação da Lei da Atração; Necessidade de mudança; Encaixar-se nos padrões de felicidade; Exemplo a ser seguido;

Fonte: Elaborada pela autora (2020)

4.3 OS SEGREDOS SOBRE A LEI DA ATRAÇÃO

Este é o último grupo temático que irá compor a análise desta pesquisa. Para tanto, dez vídeos serão investigados, sendo eles: “Infinitas possibilidades³⁴” (V17), “A Lei da Atração e os contratos espirituais³⁵” (V18), “A importância do desapego na Lei da Atração³⁶” (V01), “Segredinhos práticos que aprendi sobre a Lei da Atração³⁷” (V02), “Destino X Lei da Atração³⁸” (V12), “Lei da Atração - respondendo perguntas³⁹” (V22), “Aprenda a mudar suas crenças e atrair uma nova realidade⁴⁰” (V11), “O poder transformador da visualização criativa⁴¹” (V15), “Lei da Atração funciona se os astros determinam tudo? Autoestima, egoísmo⁴²” (V21) e “Dicas para entrar no fluxo da prosperidade #leidaatração⁴³” (V08).

De acordo com os exercícios analíticos realizados anteriormente, será seguido o mesmo esquema descrito na metodologia. O texto será organizado por categorias enunciativas que são suscitadas pelo discurso da terapeuta Gisela Vallin ao longo dos vídeos que compõem o eixo temático. Destaca-se que, por meio de uma pré-análise, foram observadas que os enunciados que poderiam ser enquadrados na categoria “disciplinamento mental e emocional” e “realidades ilusórias” e “signos de sucesso” não estão presentes significativamente nos vídeos, entretanto,

³⁴ VALLIN, Gisela. Infinitas possibilidades. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qiJ0JGok5ME&t=1s>>

³⁵ VALLIN, Gisela. A Lei da Atração e os contratos espirituais. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Iw-3oOzXpuQ&t=6s>>

³⁶ VALLIN, Gisela. A importância do desapego na Lei da Atração. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L_81vPtKgbE&t=1s>

³⁷ VALLIN, Gisela. Segredinhos práticos que aprendi sobre a Lei da Atração. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WMQCJ5PGijM>>

³⁸ VALLIN, Gisela. Destino X Lei da Atração. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9nkXvo7XHS0>>

³⁹ VALLIN, Gisela. Lei da Atração - respondendo perguntas. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UC8o--OXHtw>>

⁴⁰ VALLIN, Gisela. Aprenda a mudar suas crenças e atrair uma nova realidade. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TTFkWFZerZg&t=1s>>

⁴¹ VALLIN, Gisela. O poder transformador da visualização criativa. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uSDU3Cz6vCE&t=3s>>

⁴² VALLIN, Gisela. Lei da Atração funciona se os astros determinam tudo? Autoestima, egoísmo. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6okXDT7IAa8>>

⁴³ VALLIN, Gisela. Dicas para entrar no fluxo da prosperidade #leidaatração. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ebIPzGk9fjQ>>

é acrescentada a categoria enunciativa “obliteração das diferenças”, bem como as demais descritas a seguir.

a) Idealização do Feminino:

Assim como no processo de decupagem dos vídeos do grupo temático Lei da Atração e Superação Pessoal, novamente foi observado a recorrência de enunciados que convergem para uma idealização do feminino e o que é ser mulher, baseando-se em uma memória social estereotipada sobre a “essência feminina”. Vejamos a seguir.

Gisela inicia o vídeo 01, aos 3 minutos e 15 segundos, contando sobre a história de uma pessoa: “Eu lembrei duma situação, de uma cliente que há muito tempo atrás eu estava atendendo e ela tinha um problema de relacionamento bem sério”. Vallin comenta que esta mulher não conseguia manter-se por um longo período com um parceiro de forma saudável, pois todos os que ela tentava ter algo sério, logo terminavam a relação porque “não aguentavam ela”. Segue o caso, (3min. 45seg.) “E ai quando a gente começou a trabalhar as crenças dela ligadas a prosperidade, eu lembro que ela falou uma coisa muito marcante, ela falou assim que na vida profissional tudo fluía muito bem e ela falou “eu nunca tive problema de dinheiro, o dinheiro sempre fluiu na minha vida que é uma beleza, eu sempre tive empregos, cargos altos, ganhei bem. O dinheiro pra mim nunca foi um problema, a minha questão é relacionamento”. Aos 5 minutos e 12 segundos ela conclui: “Aí eu entendi tudo, né gente. Porque a postura dela na parte profissional era a postura de uma pessoa que estava presente, ela não ia na vida profissional dela como uma **mendiga**. “Ai, pelo amor de deus, me dê um emprego eu tenho filhos, que eu tenho não sei o que”. Nesse momento, Gisela encena (CHARAUDEAU, 2001) uma mulher queixando-se de sua situação e implorando por uma oportunidade, fazendo gestos com as mãos, rosto e voz imitando expressões de choro. A terapeuta ignora o fato no Brasil haver uma cultura de discriminação mulheres mães no mercado de trabalho, fazendo deste fato, motivo para riso. O discurso de Vallin insere-se em uma historicidade (ORLANDI, 2009) e, além disso, é utilizado como comparativo entre uma pessoa bem determinada e aquelas que não superam suas fraquezas que, neste caso, é ter um filho.

No mesmo vídeo, Gisela tece outras relações de sentido em comparações pejorativas quando afirma: (V01, 6min. 15seg.) “Mas nos relacionamentos, a postura dela era sempre outra. É uma postura de **mendiga**. Então ela já saía com um cara morrendo de medo que o cara não ligasse pra ela amanhã, então ela já saía na postura do medo, da **mendicância**, da falta” e (V01,

8min. 40seg.) “Se você começa um relacionamento como um **mendigo**, achando que é um privilégio, um grande privilégio você estar saindo com aquela pessoa (...) você vai na carência naquela ansiedade. Você afasta a pessoa”. Observa-se que em poucos mais de 8 minutos de vídeo, Vallin fala quatro vezes “mendigo” ou “mendicância” em um vídeo que a temática é desapegar-se dos pedidos para que a força atrativa do desejo se materialize. Neste sentido, é possível afirmar que os enunciados que constroem a Lei da Atração inscrevem-se no viés ideológico (ORLANDI, 2009) neoliberal, ao construir uma rede de sentidos com a imagem social compartilhada sobre pessoas em situação de rua. A desigualdade, pela lógica capitalista, é compreendida pela ótica da meritocracia e esforço próprio. Aqueles que prosperam, “saíram da postura de mendigo” para empreenderem a si mesmos (DARDOT; LAVAL, 2016).

Além da associação criada por Gisela entre mulheres carentes de afeto e a figura de um pedinte, há uma evidente culpabilização das mesmas por estarem sozinhas: (V01, 6min. 50seg.) “Quando você vai entrando numa relação com carência, com medo, com foco na falta, você afasta todo mundo. Você vira uma chata, carente, insuportável. Ninguém te aguenta!”. Reforça essa concepção um pouco mais adiante no vídeo: (V01, 7min. 10seg.) “Essa pessoa tá o tempo inteiro emitindo pro universo esse sinal: olha, eu sou um chato, um carente”. Vallin, apesar da formação em psicologia, parece ignorar a particularidade das pessoas envolvidas em um relacionamento afetivo para poder compreender as causas de estes terem sucesso ou não. Sobretudo, quando oferece uma solução generalista e que se encaixaria a todas seguidoras do seu canal pelo simples fato de serem mulheres, com base em uma ideia coletiva e compartilhada historicamente (ORLANDI, 2009) de que as mulheres devem ser servis, gentis e agradáveis. Há uma idealização e homogeneização da “essência feminina”, na qual as mulheres têm que lutar contra uma tendência - dentro desta lógica - natural, em ser “chata”, “carente” e “insuportável”.

No vídeo 17, aos 2 minutos e 20 segundos, a terapeuta afirma: “E a mulher principalmente tem uma tendência a ser muito mais dramática, enfim, não todas, não tô generalizando, mas de uma maneira geral, até por uma questão cultural”. Apesar da ressalva em dizer que não está generalizando, comente o ato falho em reforçar que “de uma maneira geral” todas as mulheres possuem um comportamento comum, a dramaticidade. Quando diz que se trata de uma questão cultural, não há uma problematização de como esta cultura foi estabelecida e como isso afeta, inclusive, a sua própria vida. Gisela não advoga em causa própria, apenas reforça ao ideal reducionista pela qual é perpassada, comprovando, como afirma Orlandi (2009), que a construção discursiva não é assujeitada. Vallin é afetada e reprodutora,

não criadora, tanto das técnicas da Lei da Atração, como do próprio discurso patriarcal⁴⁴ que a oprime. Esta concepção simplista e estereotipada sobre o que é ser mulher, é mais uma vez elucidada quando diz: (V22, 9min. 05seg.) “O Gasparetto [médium e escritor] que fala que quando uma mulher encana com um homem ela põe uma flecha na testa do cara e dane-se se o cara não quer, né? Ela fica obcecada e só vê aquilo”. Há o reforço da imagem social da mulher enquanto um ser que não controla as próprias emoções e não responde pelos seus próprios atos. Este entendimento sobre as mulheres, possivelmente, é umas das explicações para Gisela trazer este tipo de exemplos, visto que contrariam a disciplina, vigilância e autocontrole que prega a Lei da Atração. Desta forma, é possível apreender que Vallin ensina as técnicas de cocriação, não apenas para suas seguidoras conquistarem novas realidades, mas que lapidem um novo *self* (ROSE, 2001) e lutem contra “a essência feminina” que as impedem de envolverem-se com homens.

No vídeo 22, também há uma menção em como utilizar a Lei da Atração a favor da vida afetiva: (1min. 20seg.) “O ideal é você fazer o pedido para o universo como se você já estivesse vivendo. Então, por exemplo, você quer um namorado, então “eu vivo um relacionamento maravilhoso, feliz, alegre, eu me sinto superbem”, então você conecta com aquele sentimento”. É possível constatar que Gisela grava seus vídeos pensando em um público definido, mulheres heterossexuais e solteiras, pois seus exemplos giram em torno de como conquistar um relacionamento. Entretanto, devido aos objetivos desta pesquisa, não será possível responder à dúvida seguinte: a terapeuta responde a uma demanda das seguidoras trazendo estes exemplos ou baseia-se, pelo simples fato de mulheres ocuparem o maior número de seguidores do canal, o interesse por vídeos dentro desta temática? Para tanto, seria necessário investigar os canais de comunicação entre as instâncias produtora e receptora, como os comentários no Youtube ou nas redes sociais, porém, como já citado, esta perspectiva não se encaixa nos propósitos desta investigação.

⁴⁴ Para o uso de “patriarcal” e “machismo” se compreende que há uma predominância histórica da figura masculina, ancorada por diferentes culturas, ao longo de séculos, em distintas sociedades e não enquanto conceitos teóricos. Parte-se do princípio de que o homem possui autoridade moral, privilégios sociais e distinção exclusivamente pelo seu gênero.

b) Autoafetação:

Esta categoria refere-se aos recorrentes enunciados na qual Gisela comunica que, além de ser uma porta-voz dos saberes da Lei da Atração, também está submetida às coerções da prática. Vejamos a seguir.

Gisela conta, no vídeo 17, uma experiência pessoal, na qual ela estava em um shopping e o cartão que utilizava não autorizava transação. Desse modo, teve de ir até uma agência bancária, gerando irritação aquele imprevisto. Quando a situação estava resolvida e finalmente pôde ir embora, viu que um acidente de trânsito acabara de ocorrer e não deixou de pensar que poderia ter se envolvido caso tivesse o problema cartão. A mesma afirma: (V17, 5min. 15seg.) “Quando a gente começa a olhar essas coisas que são aparentemente um problema e que dão errado, através dos olhos da sabedoria, a gente começa a entender que tá tudo certo como está” e complementa (V17, 6min. 05seg.) “Muitas vezes, gente, o não dar certo é o certo. É o melhor pra gente naquele momento”. A descrição desta história revela a passividade imposta àqueles que se submetem à crença na Lei da Atração. Vallin relata aos seus seguidores a necessidade em contentar-se com o desenrolar da vida, tendo em vista que não temos controle sobre possíveis planos divinos. Há uma interposição de sentidos (ORLANDI, 2009) que convergem para a aceitação da realidade como ela é. Entretanto, esta visão entra em conflito com o entendimento de que somos cocriadores e autores da nossa própria trajetória.

No mesmo vídeo a terapeuta dá pistas dá dubiedade sobre o funcionamento da Lei da Atração quando diz (V17, 1min. 55seg.) “Conversando com o mentor amigo sobre isso, ele é muito fofo, ele falava assim “filha, não se preocupa, se não der para resolver nessa vida, tem a próxima e depois tem a outra. Você tem a eternidade pela frente. Você tá com pressa no que?”. Essa ideia é complementada no vídeo 18, no primeiro minuto, “Gente o que eu aprendo com os amigos espirituais é o seguinte: antes de encarnar nesse plano, a gente faz alguns projetos, um projeto reencarnatório. Então (...) você escolhe a família em que você vai nascer, a profissão que você vai ter, as missões que você vai cumprir”. Seguindo esta lógica, ainda que possamos arquitetar a nossa própria realidade, há o conflito com a ideia de destino. Nestes excertos, fica muito presente a identificação religiosa de Gisela e as relações de sentido (ORLANDI, 2009) que estabelece com a cosmologia espírita, pois fala cita a vida após a morte e seres divinos que nos ajudariam a cumprir missões pré-determinadas.

A terapeuta inicia, o vídeo 12, explicando que o tópico abordado foi sugestão de uma seguidora que pede uma explicação sobre como a Lei da Atração funciona, se ela não entraria

em conflito com a visão de missão de vida na Terra. Gisela antes de dar a explicação se precavê e afirma (1min. 35seg.) “Gente, primeira coisa, não sou física quântica” e (2min. 05) “E eu vou tentar traduzir a minha visão disso, a minha experiência, tá? Sujeita a erros, não sou especialista neste tema”. O tom de certeza e domínio do assunto que foi observado durante todo o processo analítico, até então, se esvai ao Gisela ser interpelada por uma dúvida de uma seguidora que encontra uma contradição na “lei universal”. É perceptível que Vallin fica desconcertada com o questionamento, pois utiliza a encenação da linguagem (CHARAUDEAU, 2001) ao rir bastante, sem haver a ocasião. Nota-se, sobretudo, uma estratégia discursiva em distanciar-se e desqualificar os seus seguidores por meio das relações de força (ORLANDI, 2009) afirmando que gosta de falar (V12, 1min. 55seg.) “bem “simprão”, “bem papo reto pro povão entender”. A terapeuta, declarou não ter conhecimento técnico para explicar o funcionamento teórico da física quântica, entretanto, durante seus vídeos, sempre faz menção à teoria como se fosse uma especialista. Neste contexto, ao seu conhecimento ser posto à prova, Gisela – ainda que não compreenda tecnicamente – diferencia-se de seus seguidores que necessitam de muita didática, pois são “povão”. Há, em sua fala, uma hierarquia intelectual.

Explicação que oferece, é baseada em uma experiência religiosa com um espírito ao alegar: (V12, 2min. 35seg.) “o que os amigos espirituais me explicam, nas minhas consultas espirituais, é o seguinte: quando a gente vem pra esse plano, antes da gente reencarnar, dependendo do nosso grau de consciência, do nosso merecimento, a gente faz tipo um esquemão, sabe? Um roteiro das coisas que a gente quer viver”. A incongruência de concepções sobre os desígnios da existência pode ser constatada quando diz, no vídeo 02 (17min.) “Eu tive várias experiências, principalmente neste ano de 2015, de coisas que eu materializei há 4, 5 anos atrás”. Em um primeiro momento, há o entendimento de que há destino, fundamentado na ideia de reencarnação. Posteriormente, há um conflito ao afirmar que a mesma já havia experienciado a cocriação de realidades e, portanto, seríamos autores do que ocorre em nossa vida.

Vallin relata a sua vivência com os procedimentos de atração quântica em diversos momentos. Declara que era uma pessoa muito ansiosa e, que no passado, (V17, 1min. 30seg.) “na minha ignorância, na minha extrema prepotência, esquecia que eu tô conectada com o todo, que eu tenho uma série de mentores”, (V22, 1min.) “Das coisas que eu aprendo, eu vejo aquilo que toca o meu coração ou que faz sentido para mim, aplico na minha vida e vejo se funciona” e (V17, 12min. 35seg.) “Gisela, para tudo, vamo aplicar aquilo que você ensina para os outros? Vamos aplicar com você?”. É perceptível, embasado nestes excertos, que há uma exterioridade

de um poder no discurso de Gisela. Ela é tão afetada pelas coerções daquilo que diz, tanto quanto os seguidores que aplicam à Lei da Atração à sua vida. A governamentalidade deste dispositivo constrói pessoas mais vigilantes, disciplinadas, autoconscientes produtivas (FOUCAULT, 2010). Por meio do cuidado de si (FOUCAULT, 1985), se tornam responsáveis pelo seu próprio gerenciamento.

Além da própria experiência com a Lei da Atração, Gisela confessa aos seus seguidores que o seu pai, não só é adepto a terapias alternativas, como também é mestre em *Thetahealing*: (V11, 9min. 45seg.) “Meu pai ele é um ser assim de alto grau de evolução espiritual, ele é puro amor. Quem tem clarividência e vê a aura dele fica assim impressionado com a luz que ele emite, com a vibração que ele emite”. Este é, possivelmente, um dos motivos para Vallin ter entrado no ramo terapêutico e conceber estas técnicas com tanto entusiasmo, visto que além de ser o seu trabalho – desdobrando-se para o Youtube – é fruto de uma cultura familiar. A mesma afirma que (V11, 5min. 50seg.) “Antes de eu fazer o *Thetahealing*, eu tinha uma vida profissional supertravada, praticamente eu não tinha cliente (...). E gente, depois que eu fiz o *Thetahealing*, que eu comecei a mudar as crenças, brota gente assim. É impressionante, a vida profissional começou a andar muito”. Repetidamente a terapeuta estabelece relações de força (ORLANDI, 2009) enquanto uma estratégia discursiva para legitimar aquilo que diz.

No vídeo 08, Gisela relata, novamente, como obteve sucesso profissional e financeiro por de um curso sobre atração de abundância: (V08, 3min. 05seg.) “são mais de cem crenças contra o dinheiro que são retiradas e a abertura que dá na vida depois é muito grande, gente”. Como tudo para Lei da Atração é uma questão de crenças e padrão energético, o crescimento econômico de uma pessoa também está relacionado àquilo que creem as pessoas, ou seja, focam a sua energia. Este discurso alinha-se e promove a ideologia neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016), visto que não há um questionamento a respeito da desigualdade e meritocracia. O sucesso e prosperidade torna-se uma conquista individual e, do ponto de vista místico, se fundamenta no padrão mental de cada sujeito. A promoção do neoliberalismo é sutil, pois não versa especificamente sobre dinheiro e economia, se trata de um estilo de vida, forma de vivenciar a realidade. Podemos observar isto quando Gisela declara que (V11, 7min. 20seg.) “Todos os cursos que eu fiz eu saí assim: gente como a vida é maravilhosa. Eu saía encantada”. Entretanto, Vallin faz uma ressalva ao manifestar: (V11, 9min.) “Bem-vindo ao clube. Eu já tive essas crenças também, muito, tive que trabalhar muito pra minha vida financeira melhorar, minha vida profissional, afetiva melhorar”. Quando afirma que teve que trabalhar muito, há também, um sentido figurado que nos comunica que teve de passar por um longo

disciplinamento mental para controlar as próprias crenças e pensamentos. Dessa forma, a promoção dos valores neoliberais se dá por meio de uma governamentalidade que cria novos *selves* (ROSE, 2001), são subjetividades performadas que se encaixam nos padrões de sucesso contemporâneos: reconhecimento social, crescimento financeiro e ditadura da felicidade (FREIRE FILHO, 2010). Entretanto, em uma única frase, podemos identificar na fala da terapeuta a impraticabilidade do bem-estar aparente e constante: Neste excerto do vídeo 02, Gisela afirma (13min.) “Por isso que eu só gravo vídeo quando eu tô muito bem para poder transmitir luz na medida do possível”. A felicidade e a sensação de completude não é um estado permanente, são sentimentos e emoções de todos os tipos, tanto “negativas” quanto “positivas”, na qual os sujeitos são interpelados a todo momento. Vallin, tampouco seu público, tem controle total sobre o sente, tanto que escolhe o dia mais favorável para gravar seus vídeos. No entanto, a imagem que tenta passar é de uma felicidade plena, constante e, sobretudo, ilusória.

O foco na elevação do padrão mental está presente nesta categoria, pois é trabalhado pela estratégia discursiva de Gisela mostrar os resultados práticos que ela mesma experimentou da técnica quando afirma: (V02, 1min. 35seg.) “E nos contatos espirituais que eu tenho, isso também é repetido com muita frequência pelos mentores. Eles falam muitas coisas (...), mas a principal e com muita frequência é a convicção nos bons sentimentos”. Reitera nos minutos seguintes, (V02, 3min. 05seg.) “Então o principal é a conexão com bons sentimentos e isso é unânime em todos os livros que li sobre cocriação e em praticamente cem por cento das consultas que eu tenho com esse mentor amigo, essa questão da conexão com a alegria, com o amor, é totalmente central”. No vídeo 01, também esclarece ao seu público que passa por um processo de aprendizagem (1min. 10seg.) “Você pode ter certeza absoluta, e essa é a chave de todas as questões que eu aprendi com o amado mestre Osho”. Vallin evidencia o caráter de dispositivo da Lei da Atração ao afirmar que é por meio dos saberes de seres espirituais, livros e mentores amigos que aprende os fundamentos e é, através da prática, que realiza a técnica em sua vida. Existem protocolos a serem seguidos, uma sabedoria a ser obedecida e, neste instante, a terapeuta está no mesmo nível que seus seguidores, se submetendo a estas sanções.

c) Responsabilização Total:

A seguinte categoria contém as recorrências discursivas que convergem em uma responsabilização dos sujeitos referente à condição na qual se encontram, bem como de situações que lhes fogem do controle. Não é feito um questionamento a respeito da desigualdade

e estratificação social, ao contrário, os seguidores do canal são convidados a resignarem-se e acreditar somente no poder místico do pensamento. Vejamos a seguir.

Gisela é categórica ao afirmar que cada indivíduo é responsável pela sua própria sorte quando diz (V22, 3min. 55seg.) “No fundo, é o sentido que atrai, é a conexão com um bom sentimento que vai atrair uma boa realidade, porque aquilo que você tá sentindo agora (...) é que vai determinar o que você vai ser depois, o que vai acontecer. O futuro é totalmente dependente do momento agora”. Para a terapeuta, não há limites entre o que se quer ser e o que se quer evitar, tudo depende daquilo que cada sujeito está atraindo para si. Esta afirmação é repetida diversas outras vezes, como por exemplo, no seguinte excerto: (V15, 9min. 40seg.) “Se você não tá gostando do que você está atraindo, você precisa prestar muita atenção nos sinais que você tá emitindo, o que você tá pensando o dia inteiro, o que você anda sentindo, de que assuntos você fala, de que tipo de pessoas você conversa”. Vallin indica uma tipificação de pessoas, grupos sociais e pensamentos que devem ser cultivados, tornando a vivência da realidade cada vez mais parcial e limitada. Há implícito, neste discurso, a negação da diferença, a exclusão da alteridade. Os sujeitos são incentivados a depositarem a atenção apenas nos modelos de sucesso e polarizarem as relações pessoais.

No vídeo 08, a terapeuta declara que a insatisfação com um aspecto da vida pode ser resolvida através da simples técnica do fingimento. (10min. 10seg.) “É aquilo que eu falo naquele vídeo que é um dos mais assistidos aqui do canal que é “finja até que se torne real”, isso não é falsidade. Tem gente que interpreta ao pé da letra e acha “não vou ser falso”. Ao entrar em sintonia com algo que se deseja muito, os sujeitos estariam automaticamente recriando a própria condição, pois o universo já entenderia que aquele bem pertence ao desejante. Por esta lógica, cada pessoa deve agir como se já estivesse vivenciando aquilo que planeja. Este discurso, entretanto, é nocivo ao induzir que sujeitos pratiquem ações como endividar-se com artigos de luxo imitando uma vida de fantasia ou, então, abandonar o tratamento para uma doença agressiva para emitir sinais de que já está curado.

No mesmo vídeo, Gisela declara (V08, 8min. 30seg.) “Eu acho um absurdo as pessoas que falam assim “luta contra o câncer”, “luta contra não sei o que”. Gente, sempre que você luta contra algo, você tá na briga, você tá na guerra, você tá focando no mal”. Para a terapeuta, combater o câncer é uma conduta errática ao focar na doença e não na cura. Este posicionamento de silenciamento e não ditos (ORLANDI, 2009), além de não trazer benefícios para os que padecem desta doença, desencadeia um negacionismo da realidade e induz ao pensamento mágico. Para que o câncer ou o suicídio ou a violência no trânsito, por exemplo, sejam

combatidos, é necessário o diálogo, estudos, estatísticas, relatos, pois nada está estabelecido. Atualmente, vivenciamos no Brasil um dos maiores surtos de sarampo e poliomielite, doenças que já haviam sido erradicadas, devido ao movimento antivacina⁴⁵. Tudo que é silenciado pode cair no esquecimento. Neste sentido, o discurso da Lei da Atração, endossado por Gisela, tem potencial danoso para os seguidores que colocam a técnica em prática e para a sociedade que sofre com os efeitos destes comportamentos.

Tendo em mente os resultados que podem surtir ao expor-se ao discurso da Lei da Atração, se destaca o seguinte excerto: (V18, 3min. 40seg.) “Isso que é o karma. Então teve uma vida x que você matou, sei lá, o seu irmão. Então você encarna nessa vida com o objetivo de fazer algum trabalho em prol desse irmão ou, às vezes, você vai até ser morto por ele para cumpri o karma”. Esta fala de Gisela entra em contradição com todo o discurso anterior de que basta alterar o padrão de pensamentos para que se atraia uma nova realidade, pois convida os seguidores a resignarem-se diante de acontecimentos de vidas passadas e que seriam a justificativa para qualquer situação desfavorável vivenciada agora. A aceitação compulsória é observada também, no vídeo 17, quando diz (8min. 35seg.) “Gente, o que tem que ser a gente só consegue saber quando a gente tá olhando pra dentro, quando a gente aceita a realidade e entrega”. O discurso do karma e do destino entram em contradição com o princípio básico de que é possível materializar qualquer desejo. Nota-se também a indução a um estado de aceitação diante de problemas ou crises, pois esta relação de sentidos (ORLANDI, 2009) com o além e vida extraterrena, abre precedentes para um relativismo de que todo cenário adverso é fruto de uma provação, um acerto de contas, na qual os sujeitos precisam enfrentar.

É possível observar demonstração desta incongruência quando Gisela explica que para a concretização de um desejo é preciso que as outras dimensões de nossa vida que estão em um espaço-tempo diferentes estejam alinhadas e a própria pessoa desejante deve estar em conexão com o pedido e bons sentimentos. A premissa inicial de que é possível conquistar qualquer graça e de que nada é impossível, aos poucos, se torna cada vez mais criteriosa a manifestação. Desta forma, qualquer falha neste percurso é responsabilidade daqueles que não esteve equilibrado suficientemente. Vallin afirma que é bastante trabalho para “eles”, os seres espirituais, fazerem com que tudo fique alinhado para que os pedidos projetados sejam alcançados, pois (V02, 6min. 20seg.) “pra coisa se materializar aqui na terra precisa ter um momento certo e que a gente esteja alinhado para que a coisa venha e seja bom”. Primeiramente,

⁴⁵ Conteúdo acessado em 14 de jan. de 2020, às 16h. Disponível em <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/06/27/movimento-antivacina-e-criminoso-diz-drauzio-varella.ghtml>>

é importante evidenciar que Gisela utiliza a estratégia argumentativa de tecer relações de sentido (ORLANDI, 2009) com conceitos da física teórica no intento de tornar o saber da Lei da Atração cientificamente comprovável, por meio de um léxico técnico. Dada a dificuldade para que todos estes pré-requisitos sejam atendidos, como o trabalho dos seres espirituais, qualquer falha nesse processo é interpretada como falta de disciplina, pois os sujeitos que não se mantêm autovigilantes e não possuem autocontrole, desequilibram o decurso.

Além da responsabilização dos sujeitos diante das consequências dos atos cometidos em vidas passadas e a falta de disciplinamento, Gisela culpabiliza aqueles que nutrem crenças que a mesma classifica como “limitantes”. Para eliminar estas crenças e abrir os caminhos para o futuro, a terapeuta indica, no vídeo 08, o *Thetahealing*, visto que se trata de uma técnica de “cura quântica”, na qual todas as células do corpo serão reprogramadas em um novo padrão energético. Ela afirma: (V08, 2min. 10seg.) “Crenças que você tem de vidas passadas, desta vida, do seu inconsciente que te impedem de ter prosperidade, por exemplo, ele consegue reprogramar com a sua autorização”, no vídeo 11, Vallin aborda o mesmo tópico quando declara: (3min. 25seg.) “Muitas vezes tem crenças que vem de outras vidas que são as crenças históricas ou genéticas são familiares. Quantas vezes tem padrões familiares, e acontece muito isso, da gente ir passando uma crença”. Novamente, é observável a utilização da estratégia discursiva de legitimação científica por meio da escolha dos termos (ORLANDI, 2009) “cura quântica” e “células”, ao mesmo tempo em que tece relações de sentidos (ORLANDI, 2009) com a religião espírita diante da concepção de que há transmissão de crenças de vidas passadas.

Para a youtuber, não há critérios para a busca de recursos argumentativos que sustentem aquilo que comunica. Há uma constante troca epistemológica entre conhecimento científico, fusão de diferentes cosmologias religiosas como cristianismo, espiritismo e movimento Nova Era. Diante deste fato, é perceptível que a plataforma midiática em que realiza estes intercâmbios, diz muito sobre as mensagens que transmite. De acordo com Xavier (2015), as mídias digitais são um ambiente propício para que os indivíduos se sintam convidados para a mescla de saberes, devido a hibridização destes espaços. O Youtube, especialmente, pois é o local onde crianças, especialistas, leigos e qualquer um que tenha acesso ao site, pode criar um canal e produzir conteúdo. No caso de Gisela, não há a regulamentação dos padrões éticos que uma psicóloga deveria seguir em consultório, tampouco a rigidez de uma sala de aula sobre física quântica, por isso há este trânsito desinibido na busca por elementos que estruturam a sua fala.

d) Obliteração das Diferenças:

Esta categoria tem por objetivo organizar os enunciados, retirados dos vídeos de Gisela Vallin, que compartilham uma visão uniforme da sociedade. Há uma tendência de a terapeuta justificar questões estruturais com base em uma cosmologia mística e religiosa, ignorando as desigualdades socioeconômicas, a diversidade cultural e as diferenças de acesso aos recursos que permitem uma mobilidade social simbólica como educação, trabalho e moradia. Vejamos a seguir.

No vídeo 01, Gisela convida os seus seguidores para, com ela, realizarem um exercício de relaxamento. Neste momento, há uma encenação dos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2001), ela fecha os olhos, respira fundo e altera o tom de voz, cada vez mais calma. Coloca a mão sobre o diafragma e afirma que a técnica serve para sentir “a energia”. Esta é uma estratégia midiática de interação direta com o público, surtindo efeitos de sentido de instantaneidade e contato individual com cada espectador. Dessa forma, os mesmos sentem-se acolhidos, gerando maior identificação e engajamento com Gisela.

Figura 14 - A importância do desapego na Lei da Atração (Vídeo 01)



Fonte: Youtube (2020)

Aos 13 minutos do mesmo vídeo, após o ensino da técnica de descontração, Vallin afirma: “Gente, as possibilidades de você ganhar dinheiro, de você viver um relacionamento afetivo são inúmeras. Tem tantas possibilidades incríveis. A vida é tão abundante, é tão abundante, tão maravilhosa, e você, quando você se comporta como um zumbi, você tranca o seu verdadeiro poder”. É possível extrair deste excerto a percepção parcial que a terapeuta

possui da complexidade social. Para a mesma, todos possuem oportunidades iguais, desde que saibam aproveitar a “abundância” da vida e que performem um comportamento adequado, se portando enquanto uma empresa (DARDOT; LAVAL, 2016) e direcionando todos os seus recursos e “poderes” para atrair aquilo que desejam. No vídeo 08, observa-se que há uma complementação deste pensamento quando declara: (4min. 20seg.) “A gente pode ter acesso a toda abundância do universo que é infinita, só que por conta de crenças, principalmente, religiosas, de doutrinações que a gente vem sofrendo há muitos e muitos anos (...) a gente acaba criando muitas crenças negativas em relação à prosperidade”. Gisela estabelece relações de sentido (ORLANDI, 2009) com outras perspectivas religiosas, em tom crítico, rememorando a prática cultivada pelo catolicismo tradicional, por exemplo, de que a ganância, avareza e soberba devem ser condenas; as riquezas repartidas e a promoção de uma vida simples. Isto posto, A Lei da Atração caminha em uma via contrária, pois o contato com o divino é uma ferramenta para a obtenção de bens e, o desfrute destes, passa a integrar o viver em plenitude.

No mesmo sentido, Vallin afirma (V08, 5min. 15seg.) “A gente acha que é bonito sofrer, que é bonito passar por privação, que tudo tem que ser difícil, que a vida é dura. Muitas vezes a gente tem crença de quem tem dinheiro é charlatão, “ah se fulano tem dinheiro é porque explorou alguém para estar nessa posição”. De acordo com os procedimentos descritos por Orlandi (2009) para análise discursiva, Gisela comete o esquecimento número dois, ou seja, aquele que se observa pelo o uso de palavras específicas ou expressão, não sendo isentos da produção de efeitos de sentido. Tendo isto em mente, a terapeuta pega para si a crítica àqueles que possuem grandes fortunas ou empresários. Do ponto de vista da Lei da Atração, são bem-sucedidos aqueles que atingiram conforto econômico e, portanto, são estes que devem ser admirados e seguidos, não criticados. Entretanto, este entendimento alinha-se à racionalidade neoliberal e exclui críticas às empresas que alimentam um mercado de precarização do trabalho, com baixos salários e más condições de trabalho com vistas à maximização do lucro corporativo. Como citado, ao escolher criticar aqueles que reprovam as práticas empresariais como uma conduta inadequada, Gisela revela, a partir de seu discurso, a qual lado está alinhada ideologicamente (ORLANDI, 2009). Se houver uma contextualização para o momento histórico nacional, na qual direitos são atacados como a reforma trabalhista⁴⁶, terceirização⁴⁷ da

⁴⁶ Conteúdo acessado em 14 de jan. de 2020, às 10h. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/02/aprovada-em-2017-reforma-trabalhista-alterou-regras-para-flexibilizar-o-mercado-de-trabalho>>

⁴⁷ Conteúdo acessado em 14 de jan. de 2020, às 10h. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/31/politica/1535667568_741528.html>

mão de obra e reforma previdenciária⁴⁸, o discurso de Gisela pode ter um efeito nocivo a seus seguidores, visto que estes, possivelmente, são afetados pelas políticas endossadas pela youtuber que parece ignorar ou desconhecer a realidade da maioria dos brasileiros a quem fala.

Gisela inicia o vídeo 15, declarando que (1min. 20seg.) “E a gente vê muitas vezes aquela pessoa que é alegre, que é otimista e que às vezes até se nega a ficar vendo notícias negativas, muitas vezes a gente chama essa pessoa de alienada” e complementa (6min. 30seg.) “Você tem o poder de escolher o tipo de sentimento com o qual você que ficar conectado dependendo do tipo de coisa para qual você dá atenção”. Do ponto de vista da Lei da Atração, tudo aquilo que focamos, é atraído. Neste sentido, para Gisela, a solução para atrair uma nova realidade, é negligenciar o que ocorre a nossa volta - ignorando notícias negativas como crescimento da violência urbana – e depositando atenção em casos de superação social, benfeitorias e exemplos de sucesso. Mais um exemplo pode ser observado quando afirma (V15, 5min. 20seg.) “A gente tá muito iludido com o ego, com os problemas, problema social, porque a crise (...). Isso tudo acontece porque a gente vive num mundo de dualidade e a gente tá aqui para aprender com a dualidade, com o contraste. Então tudo bem. O problema é quando a gente se identifica com isso e acha que essa é a única realidade”. Ao incentivar uma conduta de percepção parcial de nosso contexto social, induz ao apagamento das diferenças e a criação de uma bolha que não permite enxergar o outro e às opressões que podem afetar inclusive a pessoa que pratica a técnica.

A conduta performada é estimulada no vídeo 11 quando atesta: (8min. 35seg.) “Nós somos cocriadores da nossa realidade, muito embora a gente tenha uma ideia muito arraigada na nossa sociedade de que a vida tem que ser difícil, que a vida é uma luta. Se você é guerreiro é um guerreiro, meu filho, a sua vida vai ser uma luta”. Gisela faz uma imitação pejorativa daqueles que se orgulham das conquistas difíceis que obtiveram e dos obstáculos que venceram, fazendo gestos (CHARAUDEAU, 2001) que rememoram a honra pessoal e modula a própria voz. Essa ideia é complementada quando diz (V15, 10min. 30seg.) “A gente não é vítima do mundo, da sociedade, de pai e mãe. Isso é uma ilusão. A gente não é vítima de nada disso. A gente escolhe essas experiências antes de vir para esse plano”. Deste modo, podemos observar que a percepção das múltiplas diferenças sociais brasileira se baseia nas relações de sentido (ORLANDI, 2009) que institui entre a visão religiosa de que nós somos responsáveis pela

⁴⁸ Conteúdo acessado em 14 de jan. de 2020, às 10h. Disponível em < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/08/congresso-promulga-reforma-da-previdencia-nesta-terca-feira>>

situação na qual nos encontramos, pois se trata da execução da missão de vida, de um plano reencarnatório. A responsabilização individual, fruto de uma racionalidade liberal, é radicalizada e prescrita pela crença. Os sujeitos não apenas são encarregados pelo seu autogerenciamento, como devem estar dispostos a viver sem questionar os desígnios de um plano espiritual que foi projetado antes do nascimento dos mesmos.

Este entendimento de que as desigualdades e os obstáculos sociais são justificados pelo destino pessoal tem seguimento no vídeo 18 quando declara: (1min. 30seg.) “Porque o nosso objetivo ao encarnar nesse plano é justamente o objetivo de expansão da nossa luz. Por isso que a gente encarna num plano onde há tanta dualidade, tanto contraste, onde há tantos desníveis de consciência”. Para Vallin, presenciarmos sem questionar o desequilíbrio de oportunidades e condições de vida, especialmente no cenário nacional, é condição para evoluirmos espiritualmente. Não há um questionamento sobre o porquê de haver tanta discrepância, tudo é fundamentado pela visão religiosa de que é preciso haver o contraste para que, individualmente, cada sujeito alcance a sua própria redenção. Cada um passando pelas provações que lhe cabem. A Lei da Atração claramente alimenta uma teodiceia da obliteração da alteridade. Além disto, é notável a promoção da passividade quando Gisela declara: (V08, 7min. 25seg.) “Quando você olha para o seu saldo bancário, quando você olha para as suas dívidas e você lamenta, você se queixa, quando você recebe uma conta e ao invés de agradecer (...) o que você está fazendo, você está focando no mal, focando na dívida no problema”. Para a terapeuta, todos os problemas pessoais devem ser aceitos como uma oportunidade para crescer e evoluir. O discurso de Vallin transmite a promoção à submissão diante das adversidades através do argumento religioso novarista (GUERRIERO, 2000) que compreende o sentimento de gratidão como uma catalisador de boas energias e, conseqüentemente, atrai bênçãos para aqueles que se mantêm neste padrão de pensamentos. Desta forma, há uma cultura de apagamento do outro em função do eu.

e) Estado de Consciência:

Para Gisela, materializar uma realidade ideal é fruto da performance mental que estabelece quais pensamentos e sentimentos são permitidos ou vetados, com base na classificação dos mesmos em positivos ou negativos, criando, assim, uma espécie de catálogo das emoções livres a serem sentidas sem que tragam danos para os sujeitos. Esta categoria enunciativa é composta pela maior parcela de enunciados do grupo temático Os Segredos Sobre

a Lei da Atração, logo, é possível apreender que este é o principal ensinamento da técnica. Vejamos a seguir.

Vallin é categórica ao afirmar, no vídeo 18, que (5min. 50seg.) “o importante pra gente atrair aquilo que a gente quer é essa mudança de consciência” e, também, no vídeo 12, (3min. 40seg.) “Nosso objetivo ao encarnar nesse plano, nosso único objetivo, é a expansão da consciência”. Sem rodeios, é explicitado que os sujeitos que desejam modificar a sua vida devem estar dispostos a transformar a maneira como pensam e agem. Esta transformação das subjetividades pode ser concebida sob a luz da teoria biopolítica de Foucault (2010) que versa sobre novas estratégias de governamentalidade contemporâneas, na qual o foco nos indivíduos e nas suas condutas é substituído pela condução das populações por meio da negociação com a subjetividade ou *selves*, para Rose (2001), dos sujeitos. O controle populacional se dá através de diferentes dispositivos, no caso desta pesquisa, a Lei da Atração encaixa-se enquanto um dispositivo de poder que educa, disciplina, vigia e coage os indivíduos que, por espontânea liberdade, se submetem aos seus efeitos, com o objetivo de prosperar. Ao fim do vídeo, Gisela comenta que a obtenção de bens é um bônus, pois a mudança de consciência é o que traz a paz de espírito. A tentativa de atenuar o estímulo ao consumo e ostentação de bens de distinção social não deixa de ser problemática. Dentro desta lógica, ainda que o material - investido na carga simbólica de signos de sucesso - não seja o fim em si, aqueles que não o possuem, podem ser interpretados como sujeitos que não se esforçaram, suficientemente, nesta transformação de mentalidade.

A modificação da própria forma de pensar e sentir não pode ser aplicada sem que haja sanções e permissões. Dito isto, trazemos alguns excertos que ilustram quais são as emoções incentivadas por Gisela ao longo de diferentes vídeos: (V08, 11min. 50seg.) “Para a coisa materializar, você precisa tá bem, precisa tá alinhado, conectado com amor, com a leveza, com a alegria. Se você tá ansioso, não chega.”, (V12, 14min, 05) “A Lei da Atração tem que tá alinhada com a nossa essência, sem dúvida, né. Mas, é o que eu sempre falo, gente, é a conexão com a alegria, com o bom humor”, (V08, 16min. 55seg.) “Então o fundamental, em primeiro lugar, é a gratidão. Em segundo lugar, é você desbloquear as crenças negativas para você conseguir receber”. A terapeuta, além de classificar como negativos e nocivos sentimentos que são naturais a nós, seres humanos, indica possíveis consequências para aqueles que perderem o controle sobre as próprias emoções. Para ela, (V12, 7min. 05seg.) “Cada vez que a gente fica triste, fica meio deprê, meio pra baixo, com raiva, inveja, com ciúmes, a gente arruma um “pobremão” pra eles [mentores espirituais] porque a gente atrasa um monte de coisa boa que

tava para chegar”. Deste último trecho, é concebível identificar ao menos duas estratégias discursivas. A primeira, corresponde à encenação dos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2001) quando Gisela fala “pobrema” e logo após ri. Esta é uma tentativa de aproximar-se dos seguidores e tornar a própria figura mais humanizada e acessível. Segundamente, é utilizado o procedimento de esquecimento número dois (ORLANDI, 2009), através do termo “eles”, sem classificar em palavras quem são, mas deixando latente o entendimento de que se tratam de seres espirituais que ela nutre contato.

No vídeo 21, Gisela esclarece que a probabilidade de materialização dos desejos é diretamente proporcional ao “nível de consciência” de cada um, pois (9min. 30seg.) “quanto mais você consegue ficar alinhado à luz, no amor, na leveza, na alegria, quanto mais você medita, melhor você vai conseguir projetar aqueles símbolos”. A elevação dos pensamentos e a conexão com energias elevadas, neste sentido, pode ser treinada pela prática meditativa. Vallin afirma no vídeo 21, (1min. 20seg.) “Então quando mais você medita, quanto mais você olha pra dentro, mais você se ama” e, também, no vídeo 01 (2min. 04seg.) “Quando você está completamente consciente, no aqui e agora, centrado, conectado, é impossível você ter problemas quando você tá consciente, porque quando você tá consciente, você não está identificado com o ego”. Estes trechos de falas evidenciam a governamentalidade na qual os seguidores do canal submetem-se a uma felicidade e bem-estar performados (FREIRE FILHO, 2010) na intenção de encaixarem-se nos padrões sociais de pessoas bem-sucedidas. No vídeo 01, a terapeuta declara que (9min. 40seg.) “quando você entra nessa presença, nessa consciência de quem você é, no amor próprio, na autoestima, você começa a exalar isso e você percebe que as pessoas ao seu redor começam a te respeitar muito mais, começam a te olhar com admiração, né”. Mais uma vez, o caráter social da Lei da Atração é expresso na fala de Gisela. De acordo com Foucault (1985) a cultura de si caracteriza-se pelo olhar introspectivo e vigilante, tendo resultados na coletividade. Neste caso, a admiração e prestígio social integra a lista de bens a serem conquistados.

Somando ao estado de consciência, é primordial para a Lei da Atração a eliminação de antigas crenças, especialmente, se estas estiverem relacionadas a traumas ou bloqueios energéticos para o recebimento de dinheiro. Segundo Gisela, tais crenças tem a capacidade de infiltrar-se nas células dos sujeitos, sendo necessário, fazer uso de técnicas de reprogramação celular, como o *Thetahealing*. Vallin afirma que a criadora deste procedimento de “cura quântica” sofria de uma doença grave, no entanto, após a aplicação do método, (V11, 1min. 45seg.) “as células dela começaram a vibrar em uma nova frequência. Ela conseguiu se curar

da doença e se salvar do problema”. Isso acontece devido a um princípio básico, (V11, 5min. 15seg.) “quando você tira a crença matriz, você resolve o problema pela causa e as células elas começam a vibrar em uma nova frequência. E a partir do momento em que as células vibram em uma nova frequência, a pessoa tá apta a atrair uma nova realidade”. A apropriação do léxico científico permeia diferentes terapias alternativas, como é possível observar. Há um uso generalizado do termo “quântico”, especialmente na PNL, *Thetahealing* e Lei da Atração, conferindo ares de legitimação e confiabilidade. No entanto, é perceptível o esvaziamento teórico dos mesmos, servindo apenas como estratégia de marketing, notadamente, no ambiente digital para alcançar o maior número de pessoas possível.

Vallin afirma, no vídeo 15, que (00min. 40seg.) “nessa sociedade, é muito comum, por conta de condicionamentos culturais, a gente validar muito o sentimento negativo. Então assim, se uma pessoa tá pessimista, e uma pessoa tá com medo, se ela tá triste, se ela tá mal, então quer dizer que ela é uma pessoa séria, madura”. É pertinente ressaltar a escolha da terapeuta pelo termo, de acordo com o procedimento que Orlandi (2009) classifica como esquecimento número dois, “nessa” em detrimento de “nossa” sociedade. Ao analisar os vídeos de Gisela, em uma totalidade, se torna evidente o distanciamento que a mesma estabelece entre ela e seus seguidores em relação à sociedade. Há, recorrentemente, um julgamento da cultura, dos hábitos e das práticas sociais, como se os mesmos estivessem à parte. Outro aspecto interessante de ser trazido à análise diz respeito às diferentes perspectivas que a terapeuta e os autores utilizados no marco teórico desta pesquisa possuem sobre a sociedade. Freire Filho (2010) compreende que experienciamos uma ditadura da felicidade, na qual a promoção do bem-estar e autoestima ganharam proporções impensáveis por meio do discurso midiático atrelado à uma cultura terapêutica (CASTALLANO, 2014) inspirada na racionalidade neoliberal. Dunker (2015), por sua vez, afirma que viver implica no contato com o mal-estar da cultura e, a tristeza, seria uma resposta à esta incongruência, enquanto a felicidade seria uma adaptação ao sofrimento. Han (2014) critica a positividade tóxica que uniformiza e não tolera a alteridade, causando nos sujeitos um esgotamento psicológico em manter um padrão emocional que não condiz com o contexto e os estímulos externos. Para Vallin, em sentido contrário, é culturalmente valorizado o sofrimento, tristeza e o medo. Em função de sua visão unilateral do contexto social, alimentada pela crença religiosa de que o diferente afeta o seu padrão energético, ela enxerga somente aquilo na qual se opõe e isso transparece em seu discurso, nas suas escolhas linguísticas e na forma como se expressa, para além da linguagem verbal. A terapeuta sente-se

incompreendida, nadando contramaré, ao tentar revelar uma verdade ilusória, mas consoladora, na qual poucos procuram ou estão aptos a acreditar.

Por fim, é apresentada a última tabela com o objetivo de sintetizar as principais estratégias e efeitos de sentidos decorrentes do último processo analítico desta pesquisa.

Quadro 6 - Esquema discursivo

EIXO TEMÁTICO: A Lei da Atração a Cocriação	ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E ESTÉTICAS	EFEITOS DE SENTIDO
Idealização do Feminino	Estereótipos e generalizações sobre o que é ser mulher; Imitação de uma mulher descontrolada; Comparação entre a dificuldade de relacionar-se a pessoas em situação de rua;	Essência feminina; Responsabilização pelo “desequilíbrio” feminino; Desigualdades de gênero e classe como resultado de crenças pessoais; Mulheres naturalmente dramáticas e desagradáveis aos homens; Heteronormatividade;
Autoafetação	Plano reencarnatório; Sabedoria e desígnios divinos; Vida após a morte; Crenças pessoais; Gisela aprendiz; Gírias e erros gramaticais propositais; Didatização; Experiência própria com a técnica; Já esteve na situação dos seus seguidores; Relato de vencedora;	Ausência de livre-arbítrio; Contradição entre o poder de recriar a realidade e apenas aceitar o plano divino; Hierarquiar intelectual; Figura de tutora; Insucesso financeiro como uma questão de crenças pessoais;
Responsabilização Total	Emoções e pensamentos como motor social; Espiritualidade como a chave para o sucesso; Técnicas de fingimento; Performance; Termos científicos; Proposta terapêutica; Intercâmbio entre religião e ciência;	Sujeitos com agência total sobre as suas vidas; Negação da estratificação social; Modelos de sucesso; Negação da realidade; Construção de um mundo imaginário;

Obliteração das Diferenças	Fala diretamente com seguidores; Realização de exercícios; Verbos no imperativo; Incentivo a ignorar a realidade; Poderes ilimitados à mente;	Tudo é possível na Lei da Atração; Esforço e espiritualidade elevada; Inexistência de uma estrutura social; Riqueza como um bem comum e possível a todos; Em defesa dos empresariado;
Estado de Consciência	Classificação das emoções; Técnicas de fingimento; Missão divina; Uso de Gírias e erros gramaticais propositais; Porta-voz de mestres espirituais;	Felicidade como um ideal obrigatório; Performance mental; Legitimação da técnica; Impossibilidade de questionamento; Caráter compulsório;

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros contatos com a Lei da Atração, muito antes da elaboração do projeto de pesquisa ou problematização teórica, o discurso que a constrói causou uma inquietação que, no princípio, não alçava pretensões em desenrolar-se em uma pesquisa científica. Primeiramente, pelo caráter mágico ao estilo “peça e será atendido”, sem haver a referência ou nominação de uma entidade divina. O universo ou o cosmos, naquele contexto, se pareciam com o que as religiões monoteístas chamam de deus, entretanto, sem utilizar esta denominação. Outro fator intrigante é a recorrência e o esvaziamento de sentido dos termos científicos como “quântico”, “neuro”, “programação”, “cerebral”, entre outros. Apesar da semelhança com rituais religiosos e a tentativa discursiva em aproximar-se de uma técnica científica, ainda está longe de ser compreendida exclusivamente pela observação empírica.

Este objeto tão heterogêneo e difícil, inclusive, de ser nomeado tornara-se um desafio desde as primeiras perguntas acerca do que seria a Lei da Atração. Permeando a autoajuda, a Nova Era, a psicologia e o atual serviço de coaching, foi em leituras sociológicas que alguns *insights* puderam ser lançados. O contato com os autores Giddens (2002), Weber (2013), Berger e Luckmann (2012) e Beck (2002), observando um panorama teórico sobre a sociedade, desenvolvimento da modernidade, secularização e avanço do capitalismo auxiliaram na compreensão de um plano de fundo macrossocial, com explicações advindas do próprio desenrolar das sociedades ao longo da era moderna. Avançando um pouco mais, Rüdiger (1996) foi fundamental para realizar a leitura sobre o que significou, do ponto de vista subjetivo, o individualismo moderno e a forma como o discurso de autoajuda apoderou-se desta falta de sentido coletivo, além de observar, teoricamente, a aproximação e semelhanças entre a Lei da Atração e a autoajuda. Entretanto, o contexto sócio-histórico não era suficiente para explicar as dinâmicas religiosas que operam o dispositivo da Lei da Atração. Então, as pesquisas de Guerriero (2014) e Magnani (2002) foram importantes ferramentas para observar a perspectiva mística do objeto.

A compreensão da influência do sistema econômico e político neoliberal interfere não apenas na organização da sociedade, mas na própria agência individual é um segundo passo para a análise macrossocial da Lei da Atração, por meio dos autores Dardot e Laval (2016), Foucault (2008), Duménil e Lévy (2001), Freire Filho (2010). A dúvida sobre como e por que os seguidores do canal Gisela Vallin se submetiam às restrições e coerções da técnica foi sendo solucionada pela ótica das obras Foucault, por meio dos conceitos de biopolítica (FOUCAULT,

2005), cuidado de si (id., 1985), disciplinamento e vigilância (id., 2010), transformações do *self* (ROSE, 2001).

Do ponto de vista midiático, o contato com a teoria da midiatização por Braga (2006), Fausto Neto (2004) e Gomes (2016) possibilitou compreender o papel de destaque que a mídia adquiriu, nos últimos tempos, através da união entre produção discursiva atrelada aos dispositivos técnicos. Partindo do pressuposto de que as instâncias produtoras e receptoras confundem-se, a Lei da Atração torna-se um exemplo da possibilidade de criação de conteúdo nas redes digitais. Não havendo uma instância reguladora, os sujeitos são convidados a produzirem vídeos, textos, imagens sobre o que quiserem e disseminar a todos que possuem interesse em consumir. De acordo com Xavier (2015), as trocas epistemológicas são intensificadas, sem que haja rigor ou certificação a respeito das mesmas. Isto posto, a Lei da Atração pode ser concebida como um produto destas novas possibilidades de interação devido aos intercâmbios de saberes científicos, religiosos, senso comum e concepções pessoais.

Da mesma forma, o aspecto audiovisual e a plataforma Youtube que foram desconsideradas em um primeiro momento, passam a integrar o quadro teórico. Através das pesquisas de Burgess e Green (2009), Jenkins, Henry e Ford (2014) foi possível compreender que site deixa de ser um repositório digital de vídeos para tornar-se um dos mais acessados do mundo e o mais acessado do Brasil. Neste momento, temos uma pista de porque o Youtube se tornou um espaço propício para a produção, disseminação e consumo de conteúdo sobre a Lei da Atração. Junto ao crescimento do site, é observada uma transformação das suas funcionalidades, estética e objetivos. A rede que hospedava vídeos amadores, passa a incentivar produções cada vez mais profissionais, revertendo em alcance e, conseqüentemente, o número de seguidores àqueles que se adaptarem ao tratamento de imagem, som e roteiro. Fato este que culminou na profissionalização dos denominados “youtubers”. Karhaw (2017) afirma que o *hobby* se torna monetizado e, por conseguinte, aqueles que produzem conteúdo na plataforma são instigados a aderirem a este movimento.

Não obstante, foi observado que Gisela investe em seu canal em termos de qualidade de imagem, iluminação e áudio, bem como o cenário é transformado. A estética religiosa vai abrindo espaço para um ambiente cada vez mais neutro. As cores vibrantes e a variedade de objetos esotéricos são substituídas pelo minimalismo. Vallin também compõe a cena ao emitir efeitos de sentido da forma como se apresenta, as roupas que utiliza, a maquiagem, os acessórios coerentes à imagem séria que pretende emitir. Pode-se afirmar que o canal da terapeuta se

confunde com a própria evolução do Youtube. Do amadorismo e improvisado, cresce o apelo pela produção, roteiro e profissionalização do espaço.

Após as leituras norteadoras para compreender o comportamento da Lei da Atração do ponto de vista sociológico, religioso e comunicacional, é traçado um novo nível de análise – o discursivo. Como informado, a escolha por delimitar o objeto ao Youtube foi feita devido à diversidade de conteúdo sobre o assunto na plataforma, bem como a escolha do canal Gisela Vallin por possuir um significativo número de inscritos e pelo fato de a terapeuta designar-se enquanto especialista no assunto. A triagem dos vídeos foi realizada de acordo com a estrutura do próprio canal que facilitou o processo de análise, visto que há uma playlist com todos os vídeos relacionados a temática da Lei da Atração.

A opção pela análise discursiva justifica-se, primeiramente, pela familiaridade com o método e, em segundo lugar, por fornecer respostas sobre como e o que comunica este fenômeno. O discurso de Gisela Vallin sobre os efeitos e benefícios da Lei da Atração é sedutor, visto que, para ela, qualquer desejo, pedido ou realidade por ser conquistada pela simples vontade do querer e força de atração do pensamento. Entretanto, para esta pesquisa o foco é naquilo que diz, por meio da identificação das estratégias discursivas, bem como os efeitos de sentido que são suscitados. Para tanto, os procedimentos analíticos propostos por Orlandi (2009) foram essenciais para olhar à materialidade dos enunciados de Vallin. Destaca-se, como um salto na pesquisa o exame de qualificação. Neste momento, aspectos que passaram despercebidos foram apontados como a necessidade de olhar não somente para o que é dito, mas como é dito. Logo, é acrescentada a teoria de análise discursiva de Charaudeau (2001) que permite a análise estética, icônica e gestual dos vídeos.

Portanto, com base neste percurso metodológico, o objetivo em reconhecer as fronteiras da Lei da Atração pela observação da sociedade e seus fluxos enquanto pano de fundo, ao mesmo tempo que houvesse uma análise empírica e interior do ponto de vista discursivo, foi satisfatório. Ainda que, quanto maior a proximidade com o objeto, maiores eram os questionamentos, do ponto de vista dos objetivos desta pesquisa, estes foram solucionados. Desta forma, é possível afirmar que Gisela Vallin constrói uma estética de confiabilidade em seus vídeos. A terapeuta holística, com o aprimoramento do canal perde o protagonismo para a Gisela psicóloga. É observada uma sistematização de um dispositivo terapêutico-midiatizado ao aliar elementos audiovisuais à produção discursiva verbal e não-verbal. Há um condicionamento do conteúdo do canal às exigências da plataforma, tendo em vista o maior

alcance, reconhecimento, legitimação e rentabilidade dos vídeos. O discurso que constrói a Lei da Atração não está à parte do modo e o local de onde é enunciado.

A partir de uma primeira análise, os vídeos foram divididos em três temáticas: Lei da Atração e cocriação, Lei da Atração e a superação pessoal e os segredos sobre a Lei da Atração. Isto posto, durante o processo de transcrição, as recorrências de enunciados foram transformadas em categorias enunciativas, sendo elas: disciplinamento mental e emocional; estado de consciência; responsabilização total; signos de sucesso; realidades ilusórias; idealização do feminino; autoafetação e obliteração das diferenças. Estas categorias foram distribuídas em três blocos de análise. Com o objetivo de valorizar e resgatar os resultados obtidos, se destaca, aqui, os principais pontos.

Uma das características mais marcantes do discurso de Gisela é o fato de recorrer ao “mentor amigo” e seres espirituais para construir a sua argumentação. Foram observadas, diversas vezes, a utilização desta estratégia para fundamentar uma ideia irracional ou para esquivar de futuros questionamentos. O “mentor amigo” funciona, nestes casos, como uma teodiceia, na qual não requer que acreditemos, apenas que aceitemos e respeitemos as “leis universais”. A terapeuta induz à lição de que as coisas são como elas são porque o universo quis assim e não nos cabe questionar. Outra estratégia que é necessária destacar diz respeito à fundamentação teórica daquilo que ensina. Ainda que seja formada em psicologia, as fontes que Vallin utiliza são livros de autoajuda, gurus e seres espirituais. Do ponto de vista dela, é aceitável que se construa uma técnica que se apresente como ciência a partir dos ensinamentos de espíritos de outras dimensões ou *best-sellers* comportamentais. Como mencionado, em diferentes momentos, a terapeuta é seguidora de Osho e sua compreensão de como funciona a estrutura da mente humana é proveniente dos livros do líder espiritual. Gisela não se intimida em realizar intercâmbios displicentes entre religião e ciência, ao passo que aproveita a fluidez e liberdade das redes digitais em produzir conteúdo sem rigor técnico.

Salienta-se o modo como Gisela estabelece um distanciamento entre ela e seus seguidores. Isto ocorre por meio de estratégias discursivas, verbais, gestuais, plásticas, como podemos observar no exercício analítico. Entretanto, vale ressaltar o valor agregado ao vídeo no momento em que a mesma senta em frente a uma câmera, se comunicando através de verbos no imperativo e ensinando lições para aqueles que querem aprender. O fato de criar conteúdo para o Youtube e não possuir um público estritamente delimitado, cria a necessidade de apelar para recursos, além da racionalidade e cientificidade, para legitimar o que diz. Desta forma, se observa que Gisela divide-se em três: psicóloga para os mais céticos; terapeuta holística para

aqueles que tem familiaridade aos procedimentos ou aproximação com as crenças envolvidas; e youtuber tendo em mente a utilização de recursos como entretenimento, liberdade no linguajar e a facilidade de ser acessada.

Ainda que referencie o caráter comprovado e científico da Lei da Atração, por meio dos princípios da física quântica, Gisela esclarece que não compreende teoricamente e não possui propriedade para explicar estes fundamentos. Recorre então aos elementos irracionais, como o exemplo de mentores espirituais. No entanto, há outra estratégia que corresponde ao conhecimento de causa: mesmo que não tenha especialização em física, conhece a lei a partir daquilo que aplica em sua vida. Desse modo, Vallin reproduz o discurso da Lei da Atração, não o cria. É tão afetada quanto os seguidores que se submetem às restrições de seus vídeos. A youtuber também reprime emoções e é autorresponsabilizada por situações que fogem do seu controle. Este fato pode ser observado, especialmente, ao reproduzir um discurso opressor e disseminar a imagem estereotipada sobre a mulher que foi construída historicamente. Ao afirmar que as mulheres são desequilibradas, possuem a tendência em agir sem pensar e a irracionalidade dos atos, não percebe o quanto também é atingida por esse discurso.

A indução a uma conduta vigilante insere-se na racionalidade neoliberal ao compreender que os sujeitos são responsáveis pelo gerenciamento de sua própria existência. Há um caráter não-humano naquilo que diz ao sugerir que cada indivíduo tenha consciência de absolutamente tudo que fale, diga e faça. Não há questionamentos de porquê alguns possuem mais que os outros, apenas a conclusão de que a posição ocupada socialmente diz respeito apenas ao mérito individual. Neste sentido, vale destacar a negação da realidade. Para Gisela, não há desigualdade, não há doença, não há tragédia ou imprevistos. Tudo corresponde ao karma, predestinações e falta de esforço próprio. Esta conduta de recusa da alteridade é evidenciada ao induzir seus seguidores a agirem como se vivessem em uma realidade ilusória, em um delírio que os proteja do sofrimento e das incongruências do simples fato de existir. Vallin não admite o outro, o diferente, pois este relembra que não é possível ser e conquistar tudo o que se deseja, retoma o fato de haver forças que impedem o sucesso de todos como as desigualdades, o sistema econômico, a estrutura social e a cultura.

Neste sentido, é possível afirmar que a Lei da Atração é um dispositivo de poder utilizado enquanto uma estratégia de governamentalidade que opera em nome da racionalidade liberal. Há de se problematizar aos efeitos de sentido na qual estão submetidos os consumidores deste conteúdo que, desavisados, passam a culpar-se por não obter os resultados de uma técnica que se diz milagrosa. Ao não controlar todas as emoções, estar em constante estado de

felicidade e satisfação e não conquistar a mobilidade social, estes sujeitos que já estavam fragilizados em busca de um apaziguamento do sofrimento, tendem a aumentar a culpa e, conseqüentemente, o mal-estar.

O fenômeno Lei da Atração representa o momento histórico pelo qual o Brasil cruza. Não é por acaso haver a produção midiática e o apelo massivo ao discurso religioso e de conselho sob a máscara cientificista em um período em que há crescente descrédito às instituições midiáticas e científicas. O consumo de conteúdo midiático sem comprovação, sem a preocupação com a qualidade e veracidade do que é dito não pode ser distanciado do comportamento dos leitores e difusores de *fakenews*, teorias conspiratórias e movimento antivacina. A marcha anticientífica pode camuflar-se com termos teóricos como física quântica, neuro, reprogramação do DNA, como é o caso da Lei da Atração. A força do pensamento promete um falso poder de agência, uma ilusória capacidade de mudar os rumos da vida individual sem que haja o conhecimento e, muito menos, o questionamento da estrutura social. O apelo ao discurso milagroso da Lei é reflexo da insegurança e desconforto social. A elevação espiritual é um artifício que se coloca enquanto uma ruptura do *status quo*, entretanto, o reforça por meio da manutenção do discurso neoliberal, desejo por consumo material e busca por signos de distinção social.

Dito isto, é importante ressaltar que não coube a esta pesquisa o estudo da recepção ou circulação destes discursos. Descobre-se que há a necessidade de compreender quais as motivações que conduzem à submissão a este dispositivo, o tempo médio na qual os sujeitos tentam aplicar as técnicas às suas vidas, bem como os efeitos em reprimir tantas emoções em nome de uma irrealidade, um oásis de felicidade fictício. Produtos “quânticos” comercializados, como alimentos, água, até televisores, bem como procedimentos alternativos, cirurgias bariátricas por hipnose, reprogramação do DNA, são indícios sobre a necessidade de investigar este movimento que toma conta das redes e recebe cada vez mais adesão, pois representam uma sociedade adoecida, esgotada e precarizada, em busca de refúgio e apaziguamento dos desassossegos. Assim sendo, se conclui que a Lei da Atração, ainda que não esteja desvendada ou resolvida enquanto objeto de investigação, já possui algumas pistas para compreendê-la.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Priscila Pires; MANCEBO, Denise. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. **Revista Scielo**. Estudos de Psicologia. v.11, n.1, Natal, jan. 2006, 45-5
- BECK, Ulrich. **La Sociedad Del Riesgo**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2002.
- BÉJAR, Helena. Códigos de Conducta, Argumentos y Valores en la Literatura de Consejos. In: **Papeles del CEIC**, p. 1-34, 2011.
- _____. Cultura psicoterapéutica y autoayuda: El código psicológico-positivo. In: **Papers**, Vol. 96, Núm. 2, Barcelona, 2011.
- BRAGA, José Luiz. Instituições & Mdiatização – Um Olhar Comunicacional. In: FERREIRA et al. **Entre O Que Se Diz E O Que Se Pensa: Onde Está A Mdiatização?** Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 291-311.
- _____. Sobre "mediatização" como processo interacional de referência. In: **Paper Compós**. Bauru, p. 9-35, 2006.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução Ricardo Giassetti, São Paulo: Aleph, 2009.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CAMPANELLA, Bruno; CASTELLANO, Mayka. Cultura terapêutica e Nova Era: comunicando a “religiosidade do self”. In: **Revista Comunicação, Mídia, Consumo**. São Paulo, v. 12, n. 33, p. 171-191, Jan./Abr. 2015.
- CASTELLANO, Mayka. Sobre vencedores e fracassados: a cultura da autoajuda e o imaginário do sucesso. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo et al. (Org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.
- CIRIACO, Douglas. YouTube é acessado por 95% população online brasileira, mostra relatório. **Tecmundo**. Publicado em: 25 jul. 2017. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/119776-youtube-insights-brasil.htm>. Acesso em: 10 set. 2019.
- CRUZ, M. A mídia e os formadores de opinião no processo democrático. **Ponto-e-Vírgula**. Revista de Ciências Sociais, n. 9, mar. 2011, 35-51 p.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. **The crisis of neoliberalism**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2011.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. A Religião Teleterapeutizante: Discursividades dos Templos Midiáticos. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. V.1, Nº 2, jul./dez. 2004, São Leopoldo, p. 25-46.

FREIRE FILHO, João (ORG.) **Ser Feliz Hoje – Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. A tirania da positividade: formas e normas da vida feliz no Globo Repórter. In: **Análise de Telejornalismo: Desafios metodológicos**. Salvador: EDUFBA, p. 75-96, 2012.

FOUCAULT, Michel Foucault. **Em Defesa da Sociedade**. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **História da sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

_____. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

_____. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. **Mediatização: um conceito, múltiplas vozes**. Famecos. Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai., jun., jul. e ago. de 2016.

GUERRIERO, Silas. A fé na ciência: o ensino da evolução e sua congruência aos sistemas de crenças. **Anais**. XXII Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), Brasília/DF, julho de 2000.

_____. Até onde vai a religião: um estudo do elemento religioso nos movimentos da Nova Era. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 902-931, jul./set. 2014.

_____. A Diversidade Religiosa no Brasil: A Nebulosa do Esoterismo e da Nova Era. In: **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 3, p. 128-150, abr. 2003.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

KARHAW, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Revista Comunicare**, v.17, 2017, 46-61 p.

LEMOS, Ronaldo. Decepção com influenciadores digitais é questão de tempo. **Folha de S. Paulo**. Publicado em: 06 mar. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2017/03/1863910-decepcao-com-influenciadores-e-questao-de-tempo.shtml>. Acesso em: 10 set. 2019.

MACHADO, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **A sociedade de controle: Manipulação e modulações nas redes digitais**. Hedra: São Paulo, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda, educação e práticas de si. Genealogia de uma antropotécnica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MONTAÑO, Sonia. A construção do usuário na cultura audiovisual do YouTube. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017, 24 p.

MONTEIRO, Cínthia. Da biopolítica à modulação: psicologia social e algoritmos como agentes de assimilação neoliberal. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **A sociedade de controle: Manipulação e modulações nas redes digitais**. Hedra: São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Carla. Aprendizado de máquina e modulação do comportamento humano. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **A sociedade de controle: Manipulação e modulações nas redes digitais**. Hedra: São Paulo, 2018.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. In: **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, vol. 13, nº37, 1998, 32 p.

RANQUETAT JR. César A. Laicidade, laicismo e secularização. Definindo e esclarecendo conceitos, 2008.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 137-204, 2001.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

RANQUETAT JR. César A. Laicidade, laicismo e secularização. Definindo e esclarecendo conceitos, 2008.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 137-204, 2001.

RUDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

SAFATLE, Vladimir. A lógica do condomínio, Com Vladimir Safatle. **Instituto SPFL**, 2015. Disponível em <<https://www.institutocpfl.org.br/2015/06/03/33743/>> Acesso em 25, novembro, 2019.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **A sociedade de controle: Manipulação e modulações nas redes digitais**. Hedra: São Paulo, 2018.

SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.). **A sociedade de controle: Manipulação e modulações nas redes digitais**. Hedra: São Paulo, 2018.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples. 2011, 468 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) Universidade do Vale do Rio do Sinos. São Leopoldo, 2011.

TAVARES, Frederico. Tessituras do sensível em Vida Simples e os modos de ser revista. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 102-116, dez. 2011.

TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault: Conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018.

TUCHERMAN, Ieda. Biopolítica, mídia e autoajuda: segredo ou sintoma? **In: revista Galáxia**, PUC-SP, n. 20, p. 32-43 dez. 2010.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

XAVIER, Monalisa Pontes. Mídia e autoajuda: a transformação da consulta nos dispositivos interacionais midiáticos. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, Vol. 3, Nº 6, jul-dez, 2015, p. 112-119.